This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

A 860,983

PROPERTY OF THE
University of Michigan Libraries
1817
ARTES SCIENTIA VERITAS

SYLVIO ROMÉRO

MARTINS PENNA

ENSAIO CRITICO

COM

Um estudo de Arthur Orlando sobre o auctor

DA

«Historia da Litteratura Brazileira»

PORTO
LIVRARIA CHARDRON
De Lello & Irmão, editores
1901

Todos os direitos reservados

PORTO — *Imprensa Moderna*

Estudo sobre o auctor

DA

«Historia da Litteratura Brazileira»

I

No ultimo livro de Clovis Bevilaqua vemos, fazendo parte da famosa constellação dos *Juristas philosophos*, os vultos luminosos de Tobias Barreto e Sylvio Roméro.

Não tendo por fim o auctor escrever toda a historia da philosophia do direito, mas salientar os espiritos superiores que do direito tiveram uma concepção original e profunda, era de esperar que o seu trabalho se limitasse a um pequeno numero de cultores da sciencia, e que, ao lado de Cicero, Montesquieu, Ihering e Post, figurassem Tobias Barreto e Sylvio Roméro.

Do papel que entre nós representou Tobias Barreto como jurista philosopho já nos occupamos na introducção ás *Questões Vigentes* e no estudo publicado na *Revista do Norte* sob o titulo—*Mundo juridico;* hoje procuraremos

mostrar a parte que cabe a Sylvio Roméro em nosso desenvolvimento juridico-philosophico.

«Era naturalmente a mim, escreve Sylvio Roméro na introducção aos *Estudos de Direito*, no caso de eu sobreviver a Tobias Barreto, que havia de caber a tarefa de organisar e dirigir a publicação posthuma de suas obras. Uma amizade de vinte e dous annos, nunca, phenomeno raro no Brazil entre homens de lettras, desmentida por um resentimento qualquer, dava-me este direito. A familia assim espontaneamente o comprehendeu, e foi logo fazendo diligencias que me habilitassem a pôr hombros á empreza.»

Mas a Sylvio Roméro coube não sómente a tarefa de organisar a publicação posthuma dos trabalhos do grande morto, mas ainda a gloria de completar-lhe a obra, o que fez mesmo em vida de Tobias Barreto.

Além de que, sem Sylvio Roméro, o eminente reformador dos nossos habitos intellectuaes teria morrido no meio do esquecimento dos seus comtemporaneos, além de que foi o seu dedicado companheiro de armas que tornou Tobias Barreto conhecido, como uma individualidade representativa, como uma gloria nacional, succede que no Brazil, especialmente em Pernambuco, o livro que mais impulso tem dado ao desenvolvimento das lettras sob qualquer das manifestações do pensamento, é a *Historia da Litteratura Brazileira*.

A Sylvio Roméro deve o Brazil a percepção clara do seu passado, a mais indispensavel condição de toda a superior existencia social.

Esquecendo-se dos seus feitos, a sociedade como que perde a consciencia de si mesma.

D'ahi a necessidade da historia, mas da historia scientificamente organisada.

E' este o inestimavel valor da obra capital de Sylvio Roméro.

Que vem a ser, porém, a historia scientificamente organisada?

Durante muito tempo se escreveu a historia, fazendo tão sómente a biographia dos homens celebres. D'este modo se cahia na mais flagrante contradicção: desdenhava-se a vulgaridade e, entretanto, a ella é que se recorria para discernir e proclamar a gloria.

«Toda a reputação, nota judiciosamente Bourdeau, vem d'ella.

«Sem a aureola que ella discerne, o mais sublime genio seria não menos ignorado do que o mais desconhecido dos homens.» [1]

Só mais tarde se deixou de lado o heróe para attribuir a elaboração do progresso á multidão, e se abjurou o culto da fama para endeosar a vulgaridade.

O principal factor do progresso é então a obscuridade.

Referindo-se á revolução, diz M.me Roland: «a cousa que mais me surprehende... é a universal mediocridade; ella passa tudo o que a imaginação póde representar e isto em todos os gráos.»

---

[1] *A historia e os historiadores.* Paris, 1888.

Um e outro systema, porém, peccam pelo seu absoluto exclusivismo, senão pela ausencia de senso scientifico.

O governo não é simplesmente o que affirma Macaulay quando escreve estas palavras: «O sol esclarece primeiro as montanhas, quando elle está abaixo do horisonte, e os espiritos superiores descobrem a verdade algum tempo antes que ella se torne vidente para a multidão. Eis a que se limita a sua superioridade. Elles são os primeiros a recolher e a reflectir uma luz, que, sem o seu concurso, se tornaria visivel um instante mais tarde a homens collocados muito abaixo d'elles.» Não é tambem o que pretendia Carlyle, para quem «todas as cousas que vemos realisadas no mundo não são senão o resultado material exterior, a realisação pratica e a encarnação dos pensamentos que habitaram no cerebro dos grandes homens.»

Tambem não se póde dizer que seja a multidão o novo Atlas a supportar todo o peso do mundo social. O equilibrio e progresso humanos repousam sobre forças mais disciplinadas e estaveis.

A civilisação não é trabalho exclusivo da soberania do pensamento ou da acção, nem tão pouco creação anonyma da actividade collectiva.

Era preciso seguir outro caminho nas investigações da historia scientifica, e Bourdeau pretende tel-o descoberto nos desenvolvimentos da razão por meio da estatistica.

A historia não é mais, conforme define o diccionario da Academia Franceza, a narração

das cousas dignas de memoria, e sim «a sciencia dos desenvolvimentos da razão.»

«E' pela razão que o homem se eleva acima de todo o mundo animal e constitue na ordem das funcções psychicas uma especie de reino á parte, tão superior ao reino animal, quanto este o é ao reino vegetal, e um e outro o são ao reino dos corpos brutos.»

Determinar as leis que imperam no reino da razão, tal é o fim a que se propõe a sciencia da historia.

Classificar as funcções da razão — arte, sciencia, religião — e determinar as suas relações de co-existencia e successão no seio da variedade e complexidade dos phenomenos, eis a preoccupação constante d'aquelle que quizer fazer a historia scientifica da vida humana.

Qual o meio, porém, de apreciar os desenvolvimentos da razão?

A estatistica, que, segundo a definição de Moreau de Jonnès, é a sciencia dos factos sociaes expressos por termos numericos.

«As sciencias da natureza, escreve Bourdeau, a principio entregues ao espirito de especulação e de hypothese, para se constituirem em estado positivo, tiveram que submetter suas noções ás provas do calculo.

«Fazendo mathematica, a astronomia converteu em theoremas as chimeras dos philosophos antigos sobre o systema do mundo. Armada de analyse, cadastrou o céo, mediu as distancias dos astros, traçou a curva de suas orbitas, avaliou suas attracções mutuas, calculou a duração de suas revoluções e deu

conta dos movimentos mais complicados da mecanica celeste. Da mesma sorte, os progressos da physica datam da época recente em que o methodo experimental, applicando-se a graduar os effeitos das forças molleculares, pôde exprimil-os por numero. Lavoisier fundou a chimica sobre o emprego systematico da balança, e seus successores reduzem os factos de combinação a computos de atomos, a formulas de proporção e equivalencia.»

Para Bourdeau a estatistica é a ultima palavra da sciencia social: ella substitue o numero ás palavras, os diagrammas ás descripções; permitte descobrir uniformidades, concomitancias, relações que passariam despercebidas sem os seus dados.

O simples registro civil determina o numero de casamentos, de obitos, de nascimentos, e, portanto, o desenvolvimento da população, o augmento da riqueza, o nivel da moralidade, a salubridade do territorio, a mistura dos elementos ethnographicos, e mil condições de progresso. A tarifa das alfandegas é a justa medida do que um povo produz, troca, consome; ella dá o exacto conhecimento da vida economica social.

Entretanto, não é sobre todos os factos que a estatistica revela a sua efficacia; convem distinguir entre *acontecimentos* e *funcções*.

Acontecimentos são os factos accidentaes transitorios, taes como as mudanças de governo, ou successos bellicos, as descobertas scientificas.

Funcções são os factos ordinarios, que se

produzem com toda a rugularidade, e que não passam despercebidos senão em razão de sua propria frequencia.

Por isso mesmo que taes factos são os mais cummuns, frequentes, constantes e regulares, se póde dizer que elles constituem o fundo da natureza humana, e, submettidos ao cadinho da estatistica, não ha que receiar os erros e illusões a que ordinariamente estão sujeitos os que abordam o estudo dos phenomenos sociaes.

Não é Bourdeau o unico escriptor para quem ha factos menos importantes, dos quaes o historiador não tem que se occupar.

P. Lacombe, outro theorico da historia, em seu livro intitulado — *Da historia considerada como sciencia*, depois de estabelecer a distincção entre *homem geral*, semelhante a todos os individuos da mesma especie, *homem temporario*, semelhante a todas as pessoas da mesma sociedade, e *homem singular*, distincto por diversas particularidades de seus semelhantes, sustenta que ha factos insignificantes, que absolutamente não podem fazer objecto da historia: taes são os que vêm do homem singular, os quaes não constituem senão acontecimentos. São os factos do homem geral e mesmo do homem temporario os unicos que, por se apresentarem sob o caracter de *instituições*, isto é, sempre identicos a si mesmos em uma série de circumstancias, podem tornar-se o objecto da sciencia da historia.

O methodo de Lacombe tem alguma cousa de original, mas nem por isso deixa de ser arbitrario.

Com effeito, se póde perguntar onde termina o homem singular e começa o homem temporario ou geral.

Além d'isto, se por um lado é admissivel em abstracto a distincção entre acontecimentos e instituições, por outro lado, restringindo-se o objecto da historia ao estudo das instituições, o que, entretanto, vemos na realidade senão fortes individualidades, reagindo e influindo poderosamente sobre o mecanismo das intituições?

Muitas vezes quanto mais original e, portanto, mais singular é o individuo, maior é a sua influencia sobre o meio em que vive. Voltaire, no dizer de Worms, representa alguma cousa de inteiramente unico em seu genero, poderiamos mesmo dizer que elle offerece o quer que seja de inedito na historia, e, não obstante, nenhum historiador, occupando-se do seculo XVIII, teria o direito de deixar de lado a sua imponente figura.

Lacombe não adiantou um passo a Bourdeau, cuja these capital não póde dizer-se verdadeira, mas, segundo observa Henrique Berr, obriga a pensar e convida a discutir.

Existe realmente uma alma collectiva, tão imperecivel quanto invisivel. E' a alma da multidão, conduzindo os legados physicos e intellectuaes das gerações passadas. Bourdeau exprime a sua marcha, que chama progresso, nos seguintes termos: «Da mesma sorte que a gravitação age na razão directa das massas e na inversa do quadrado das distancias, o progresso parece realisar-se na rasão directa da somma dos ganhos anterior-

mente realisados, e na inversa dos obstaculos, que se oppõem á sua diffusão no mundo.»

Assim temos o genero humano como uma especie de vegetação, florescendo sobre o humus das gerações passadas.

Mas ao lado desse desenvolvimento organico e sem abalos, que permitte que a sociedade tenha consciencia de si mesma, e guarde a lembrança de sua personalidade, do seu *eu*, como Vichnou em seus avatares conserva o sentimento da sua divindade, ha mudanças permanentes, renovamentos successivos, que sujeitam a alma social a grandes crises e convulsões.

N'estas condições porque razão restringir o objecto da historia ao que é commum, permanente, identico?

E' preciso não esquecer que o progresso consiste em um processo simultaneo de integração e differenciação. Assim, não é raro vêr a demagogia e o despotismo co-existindo em uma mesma sociedade.

Além d'isto, a estatistica, sobre que Bourdeau franca e decisivamente assenta a logica da historia, póde dar a constatação de relações e connexões continuas e constantes; mas não dará a razão, a explicação d'essas relações e connexões.

A que se deve então recorrer? A' psychologia, conforme ensina Lacombe? Mas a psychologia de Bourdeau assenta sobre noções bem vagas e confusas. A rasão, pião sobre que gira todo o mechanismo da sua theoria, comprehende todas as manifestações da actividade humana, desde as descobertas scienti-

ficas e invenções religiosas até ás creações estheticas e producções industriaes. Como se vê, as funcções da razão abrangem a integralidade da natureza humana, e, d'este modo, Bourdeau definindo a historia — a sciencia dos desenvolvimentos da razão, é como se dissesse, que ella é a sciencia do progresso das gerações successivas, a sciencia da perfectibilidade humana, o que não adianta cousa alguma depois dos trabalhos historicos de um Riehl na Allemanha, de um Buckle na Inglaterra, de um Taine na França.

Rumo bem diverso dos processos e das conclusões de Bourdeau e Lacombe segue Sylvio Roméro.

Em 1880, em uma famosa dissertação de concurso intitulada — *Interpretação philosophica dos factos historicos* — escreveu o eminente critico: «O problema da liberdade tem sido mal comprehendido. A liberdade é mais uma conquista da intelligencia sobre o fatalismo da natureza, do que o poder que dá a presumpção a cada um para fazer disparates. A velha theoria das faculdades d'alma, desacreditada desde Hume e Herbart, é a fonte de todos os erros da velha psychologia sobre a liberdade. Creando dominios exclusivos na vida espiritual, a antiga escola fez da vontade um ermo recluso do espirito, separado por uma trincheira de abstracções das outras faces da vida psychica. A liberdade não é um predicado da vontade, é antes um resultante do entendimento; consiste não em praticar acções caprichosamente, sem motivos e precedentes, mas no discernimento intellectual

de abraçar um partido. Como diante de muitas theorias diversas e encontradas, o homem estuda, medita, trabalha para formar uma idéa de um assumpto qualquer, e, as mais das vezes, só após muitos ensaios contradictorios e o abandono de umas quantas opiniões, é que chega a abraçar uma doutrina, e, abraçando-a, o faz em virtude de uma necessidade logica; assim é com a liberdade. Ella tem sempre precedentes racionaes; por isso mesmo não é, não póde ser, o livre arbitrio *indifferentiæ*.

«Applicando tal ordem de idéas á marcha collectiva da humanidade, a liberdade d'esta consiste em se ir subtrahindo á pressão do despotismo. Do despotismo da natureza, que a fustiga de todos os lados, e contra o qual ella vae obtendo triumphos por meio da industria; do despotismo dos padres, que se arrogaram o direito de dispôr das consciencias, e contra o qual ella vae conseguindo victorias por meio da critica; do despotismo dos tyrannos, de todas as fórmas e tamanhos, e que se apossaram do poder de dispôr de seus destinos, e contra o qual ella vae obtendo desforras por intermedio da sciencia e da revolução.»

Transcrevemos esta pagina, não pelo prazer de mimosear o leitor com deliciosissimo fructo litterario, mas porque ella contém em si toda uma philosophia da historia.

Desde alguns annos que se exaggera a importancia de todas as circumstancias, que restringe os effeitos da acção individual. Sob o pretexto de que os acontecimentos são re-

gidos por leis, de que o que succedeu não podia deixar de succeder, se tem feito do successo a suprema lei da historia. D'ahi o enfraquecimento do sentimento de responsabilidade entre os dominadores, e o excesso de resignação entre os opprimidos. Consequencia de querer estudar a natureza humana como se estuda a natureza bruta.

E' contra esta tendencia que Sylvio Roméro reage com toda a superioridade da sua critica magistral.

A questão não é sómente de mathematica social, e sim de psychologia humana.

Não basta constatar para prevêr, é preciso libertar-se para agir.

A alma humana não é sómente «o numero em movimento», e tanto basta para que a historia não possa ser considerada uma simples «deducção geometrica.»

No seio do determinismo universal ha alguma cousa, que se desenvolve conhecendo-se — é a vontade immanente, que obedece menos á causualidade céga do que á finalidade consciente.

E' esta a superioridade da historia humana sobre a historia natural.

Se a evolução social é um producto da collaboração da massa anonyma, e por sua vez o individuo reage por suas idéas e sentimentos sobre o mundo externo — physico ou social —, é claro que o historiador não póde olvidar o que é individual, e portanto esquecer especialmente a litteratura, que é o terreno em que as fortes individualidades mais accentuadamente se impõem.

Mas, se não desdenhando o geral, o historiador tem que abordar o individual, mesmo para determinar as relações existentes entre os grandes homens e o meio exterior — physico ou social —, isto não quer dizer que, occupando-se da litteratura de um povo, deva restringir o seu methodo ao simples processo narrativo; pelo contrario, tem que descer á apreciação de todos os factos e circumstancias, para fazer a relação, que se impõe ao espirito de todo o habil investigador.

Em que sentido, porém, deve ser feita esta selecção?

Eis o importantissimo problema, a que, estamos convencidos, Sylvio Roméro deu brilhante solução na *Historia da litteratura brazileira*.

Alli, com effeito, veremos Sylvio Roméro estudando a configuração geologica do Brazil, as influencias climatericas, os meios de alimentação, o que tudo importa dizer, as nossas condições economicas; depois investigando os elementos, que entraram na formação do caracter nacional, o que em seu verdadeiro sentido não significa outra cousa senão uma analyse dos phenomenos geneticos, quer sob o ponto de vista geral da ethnographia, quer sob a relação especial da familia; em seguida apreciando os cantos e contos populares, isto é, os phenomenos moraes e religiosos antes de serem reduzidos á forma regida das regras juridicas; por ultimo occupando-se das instituições politicas da colonia e do imperio para então tratar das producções litterarias.

Parece á primeira vista um luxo de erudição o processo seguido na *Historia da litteratura brazileira;* mas é que antes dos recentes trabalhos sobre a organisação scientifica da historia, já Sylvio Roméro explanava o assumpto de um modo completo e detalhado,

Antes, porém, de passarmos adiante, seja-nos permittido fazer uma ligeira digressão, com o fim de mostrarmos a que maravilhosos resultados se póde chegar, quando se possue no cerebo mais do que uma philosophia da historia, quando se tem no espirito uma completa sciencia das idéas, uma verdadeira theoria dos conhecimentos humanos, o que os allemães chamam *Ideenkund.*

Em maio de 1888, referindo-se aos nossos problemas capitaes, escrevia o auctor da *Historia da litteratura brazileira:* « Uns e outros — problemas capitaes — na hora actual são, pela face politica: federalismo, republica e organisação municipal; pela face economica o velho e temeroso problema da emancipação dos escravos está substituido por tres outros: — o aproveitamento da força productora do proletario, a organisação do trabalho em geral, a boa distribuição da propriedade territorial; pelo lado social:—colonisação estrangeira, grande naturalisação, reforma do ensino theorico e technico ». [1]

Um anno depois, decretou-se a Republica com o federalismo e a autonomia dos muni-

---

[1] *Historia da litteratura brazileira,* introd., pag XIII.

cipios; mas deixou-se no mesmo pé o problema economico, e sem solução a questão social.

Emquanto os estados modernos procuram regular a sua vida economica de accordo com o principio juridico da igualdade, nós fechamos os olhos e cruzamos os braços em face do movimento destinado a regular as relações existentes entre os phenomenos juridicos e os phenomenos economicos, e deixamos que o mais interessante problema d'este fim de seculo — a organisação juridica do capital, da intelligencia e do trabalho — esteja sendo explorado por simples especuladores politicos, que não fazem senão anarchisar o paiz e aggravar ainda mais a sorte dos desprotegidos da fortuna.

Onde estão as instituições destinadas a servir de orgãos ás funcções da nova vida social?

O estado moderno não póde mais limitar o seu papel á garantia da livre convivencia dos individuos na sociedade, tem que estender a sua acção além da livre actividade individual para regular juridicamente certos phenomenos economicos, e particularmente para melhorar a condição do proletario miseravelmente explorado pelo capitalista.

Quanto á propriedade territorial, esta continúa a ser monopolisada por individuos que não a exploram ou não a querem explorar, senão á custa da escravidão, quaesquer que sejam a fórma e a côr sob que appareça, ainda mesmo coberta com o manto da emigração, de maneira que se póde dizer que a colonisação

estrangeira é para nós menos um problema de economia social do que uma questão de trafico de braços para augmento da fortuna dos grandes senhores da terra, em prejuizo da riqueza publica e do progresso nacional.

Ahi está tudo que se tem feito, autorisando o trafico, a escravidão amarella, para provar que não hesitamos um só momento em inocular no organismo do paiz um terrivel germen de degenerescencia, comtanto que seja atirado um grande bocado á insaciavel gula dos monopolisadores do sólo.

Collocando mesmo a questão no terreno exclusivo da producção, o que não é senão encarar uma das faces do desenvolvimento material de um povo, se póde dizer que o filho da Asia não é o trabalhador que mais produz, consummindo menos, como pretendem os exploradores da escravidão amarella, porquanto a riqueza de um povo deve ser apreciada sob um ponto de vista mais largo do que o de um simples augmento de producção em proveito de certas classes, e, principalmente, de certos individuos.

A riqueza nacional é mais alguma cousa do que uma simples questão de exploração da força muscular em beneficio tão sómente do capital.

E' preciso subtrahir as relações economicas aos caprichos da plutocracia, e submettel-as á disciplina juridica. Determinar as relações existentes entre a economia politica e o direito constitue actualmente um dos problemas politicos mais interessantes, e a sua solução será o ponto de partida de uma nova organisação social.

No tocante ao ensino, é verdade que Benjamin Constant procurou reformar a instrucção publica; mas fêl-o incongruentemente, movido por prejuizos philosophicos.

Em vez de reformar o ensino no sentido de tornal-o uma poderosa alavanca para alevantar o progresso social ao lado do progresso industrial e economico, organisando a escolà, de maneira a fornecer, não somente methodos de pensar, mas tambem processos de agir, sob o pretexto de que é preciso acostumar a mocidade a observar, experimentar e induzir, banio a parte interessante do saber, o lado humano do ensino, desde a psychologia até á philosophia, deixando apenas subsistirem os conhecimentos puramente objectivos, «a enumeração e inventario dos factos e das leis.»

II

Os phenomenos sociaes pódem classificar-se em tres grandes categorias: phenomenos economicos ou de nutrição, phenomenos genesicos ou de reproducção e phenomenos politicos ou de relação.

Os primeiros comprehendem as relações de producção, circulação e consumo das riquezas; os segundos abraçam as relações de familia como parentesco, casamento, adopção; os terceiros abrangem as relações de intelligencia, sensibilidade e contractilidade social, relações correspondentes nos animaes

superiores ás acções exercidas pelo cerebro sobre as outras partes do corpo, quer para defeza quer para locomoção do organismo.

Nas sociedades ainda mais que nos individuos o exercicio regular da integralidade das funcções está sujeito a centros superiores correspondentes aos centros nervosos nos animaes. Taes são as instituições scientificas, artisticas, moraes, religiosas e civis, que reunimos todas sob a denominação de politicas.

Para nós as instituições juridicas não formam uma categoria á parte de phenomenos sociaes: são os mesmos phenomenos economicos, genesicos e politicos revestindo a fórma de coacção publica.

N'este ponto estamos de perfeito accordo com Worms, para quem o direito não tem objecto que lhe seja proprio, ou antes, seu objecto é infinitamente extensivo.

«Todos os factos sociaes são regidos por elle, tanto os da vida intellectual como os da vida material, desde que a sociedade se poz de accordo sobre certos principios, que ella impõe a seus membros na realisação d'estes factos. Inversamente, não ha talvez uma só ordem de actos que não possa ser idealmente deixada á livre iniciativa dos particulares, isto é, subtrahidos a dominação do direito. Seria interessante seguir a evolução que fez com que muitos phenomenos entrassem no dominio da legislação e muitos outros d'elles sahissem. Não parece que haja sobre este ponto regra geral a estabelecer. Certas classes de phenomenos se libertaram das regras do direito, pelo menos em nosso paiz: a re-

ligião, por exemplo, desde que foi admittida a liberdade de consciencia.

Mas outros se submetteram a elles: os trabalhos estheticos, entre outros, desde que foi consagrada legislativamente a propriedade litteraria.

Certas materias cahiram sob as malhas da legislação, depois se livraram, e depois tornaram a cahir: tal é a organisação da industria, regulamentada sob o antigo regimen, liberta pela revolução, e em nossos dias regulamentada de novo.» [1]

Em relação aos phenomenos economicos, genesicos e politicos notaremos que os scientistas estão sempre dispostos a estabelecer hierarchia entre elles e sujeital-os a uma lei synthetica.

Em seu notavel livro—*O transformismo social*—G. de Greef estabelece, com uma extraordinaria abundancia de detalhes, que o progresso se realisa nas sociedades por evolução, segundo a ordem da generalidade decrescente e da complexidade crescente dos phenomenos e o regresso por involução, segundo a ordem inversa do desenvolvimento dos phenomenos. D'ahi a classificação hierarchica dos phenomenos sociaes em economicos, genesicos, artisticos, religiosos, moraes, juridicos e politicos.

Dez são as regras sob que, segundo G. de Greef, póde ser formulada a *lei de interdepen-*

---

[1] Renó Worms, *La sociologie et le droit.*

dencia, em virtude da qual se dão as acções e reacções dos phenomenos sociaes.

1.ª As acções ou reacções sociaes estão em relação com o gráo de simplicidade e de generalidade dos phenomenos e das funcções a que ellas se applicam. Assim, as acções e reacções economicas são mais simples e mais geraes do que as acções e reacções moraes, juridicas e politicas.

2.ª Os phenomenos e as funcções mais simples e mais geraes agem de uma maneira mais simples e mais geral sobre os phenomenos e as funcções mais complexas e especiaes.

3.ª Os phenomenos e as funcções immediatamente anteriores agem mais immediata e directamente sobre os phenomenos e as funcções immediatamente sequentes.

4.ª As acções e reacções são menos immediatas e directas entre phenomenos e funcções pertencentes a classes differentes, que não se seguem immediatamente, do que quando a ligação entre as clases é directa.

5.ª São os phenomenos homogeneos de uma mesma classe que se associam mais facilmente.

6.ª Salvo essas differenças, todos os phenomenos e todas as funcções agem uns sobre os outros.

7.ª Os phenomenos e as funcções mais especiaes e superiores reagem sobre os phenomenos e as funcções menos elevados, mais simples e mais geraes.

8.ª Sua influencia é tanto mais forte quanto ella se exerce por mais tempo sobre os

phenomenos e as funcções mais simples e mais geraes.

9.ª Geralmente sua influencia não é senão indirecta e fraca.

10.ª Os phenomenos e as funcções mais elevadas, sendo tambem em cada classe e no todo das classes os mais recentemente apparecidos, são os mais superficiaes, os mais variaveis, os menos estaveis; pelo contrario, os phenomenos e funcções inferiores mais simples, mais geraes, são tambem os mais antigos, ou mais profundamente integrados no organismo social, os mais fixos, por conseguinte os mais difficilmente, porém, em compensação, os mais utilmente modificaveis.

Quaesquer que sejam as suas applicações, a idéa capital de G. de Greef é a hierarchia dos phenomenos sociaes, e o poder reformador preponderante da funcção economica sobre as demais funcções da sociedade.

Esta mesma supremacia do elemento economico, não obstante o ponto de vista especial em que cada um se colloca, é doutrinada por Carlos Marx, Frederico Engels e, em geral, pelos representantes da chamada concepção materialista da historia.

Duhring inverte completamente a ordem hierarchica de G. de Greef, e faz assentar o movimento economico sobre o mecanismo politico.

« E' a formação das relações politicas que é fundamental no ponto de vista historico, e as dependencias economicas não são senão o seu effeito ou um caso particular, e, portanto, sempre factos de uma ordem secundaria.

Certos systemas socialistas tomam como principio director — é o que salta immediatamente aos olhos — a relação totalmente inversa, fazendo, por assim dizer, brotarem sobre as relações economicas as formas politicas.»

A theoria de Duhring não é uma novidade: a concepção do governo determinando os acontecimentos sociaes, entre elles a situação economica, é a da velha escola dos publicistas e historiadores criticada por Augustin Thierry nos seguintes termos:

«Se todo um povo emigra e funda um novo domicilio, é, no dizer dos chronistas e dos poetas, algum heróe, que, para illustrar seu nome, imagina fundar um imperio; se novos costumes se estabelecem, é algum legislador que os ideia e os impõe; se uma cidade se organisa, é algum principe que lhe dá o ser; e sempre o povo e os cidadãos não são senão o estofo para o pensamento de um só homem.» [1]

Este modo de escrever a historia passou com os monges da edade média, acostumados a fazer a biographia dos principes, que liberalisavam donativos aos mosteiros; hoje seria indigno d'este nome o historiador que não fizesse *historia democratica*, reagindo contra o erro anthropomorphico de encarnar em individuos as conquistas do progresso social, o historiador que não substituisse o governo

[1] *Sur l'affranchissement des communes*, *Courrier Français* de 13 de outubro de 1820.

das massas anonymas ao governo dos heróes, como o sabio substituio no universo o governo dos atomos ao governo dos deuses.

Para Kovalewsky a causa unica de toda a transformação economica é o augmento da população.

E' a densidade da população que determina a extensão e a intensidade da vida economica.

A theoria de Kovalewsky não passa de uma sobrevivencia, nos tempos modernos, do velho erro de attribuir a uma causa unica phenomenos de origem complexa.

Livre de todo o exclusivismo, que de ordinario vale tanto quanto qualquer concepção *a priori*, como uma das suas fórmas mais vulgares e acanhadas, Sylvio Roméro reconhece que o homem é um producto da natureza, que o cérca; mas nem por isso procura explicar toda a evolução humana pela paisagem como faz Taine; ou pela altitude, conforme o entendia Aristoteles ,affirmando que as democracias preferem as planicies, ao passo que as monarchias as montanhas; ou pelo movimento de léste para o éste, segundo ensina Hegel, para quem a civilisação caminha do oriente para o occidente; ou pelo maior ou menor afastamento do calor do sol, de accordo com Montesquieu, que pretende que a liberdade não medra senão nos paizes frios.

A civilisação para o auctor da *Historia da litteratura brazileira* é mais alguma cousa do que uma simples questão de latitude ou de

longitude, de meridiano ou de parallelo, de planicies ou de montanhas.

A's conformações physicas correspondem manifestações psychicas; a taes corpos taes espiritos, a taes cabeças taes idéas; mas isto não é razão para se desconhecer que os povos em contacto communicam entre si seus conceitos politicos, sociaes, philosophicos, artisticos e religiosos.

O cruzamento das tres raças, branca, negra e vermelha, tem tido mais influencia sobre os nossos acontecimentos politico-sociaes do que geralmente se pensa.

A historia da civilisação brazileira nem é a do portuguez, ousado e aventureiro, nem a do negro, paciente e resignado, nem a do indio, indomavel e desconfiado; mas a historia d'aquellas tres almas em fusão, produzindo um typo novo, que tem consciencia de si mesmo, e que procura apropriar-se do seu destino.

Porém, nem mesmo supremacia attribue Sylvio Roméro a este ou áquelle elemento na formação da alma nacional.

Não se póde dizer que os portuguezes tivessem civilisado os indios vencidos e os negros escravisados, vindo a ser d'este modo a civilisação brazileira um prolongamento da civilisação iberica, no entender de Teixeira Mendes, ou que os indios e os negros, em contacto com os filhos de Portugal, impuzeram de tal sorte suas idéas e sentimentos ao portuguez, que este retrogradou até ao militarismo, na opinião de alguns phantasistas.

Se a nossa historia conta actos de selvageria ou de barbaria, que lembram o indio ou o negro, tambem contém paginas brilhantes, que evocam os mais gloriosos feitos lusitanos.

A formação do caracter brazileiro, já escrevemos, pela fusão dos tres elementos heterogeneos, a determinação das qualidades com que cada um d'estes elementos entrou para o cadinho da integração nacional, o estudo das acções e reacções dos elementos physicos, ethnicos ou puramente sociaes em lucta uns com os outros, ou em trabalho de unificação de tendencias e aspirações para um destino commum, tem sido a preoccupação constante de Sylvio Roméro, desde longos annos, na quasi totalidade dos seus fecundos livros.

Já na *Introducção á historia da litteratura brazileira*, publicada em 1882, estas questões são estudadas e resolvidas de modo pleno e cabal.

N'este livro, de uma profundez e de uma originalidade raras, sente-se, com effeito, a natureza indomavel e desconfiada do indio, ou o caracter paciente e resignado do negro, ou o temperamento aventuroso e expansivo do portuguez, ora em lucta, ora em collaboração, formando a alma brazileira.

A *Introducção á historia da litteratura brazileira* marca uma nova éra para a nossa vida espiritual: basta lembrar que a cada pagina o seu auctor faz assistirmos á montagem e desmontagem do mechanismo da psychologia nacional.

Em um artigo publicado da *Revista Brazileira* José Verissimo considera Sylvio Roméro «o mais completo typo representativo brazileiro.» [1]

Em face d'esta affirmativa vem logo á mente perguntar-se: — E Tobias Barreto?

Deixando de parte o lado subjectivo da questão, sem entrarmos na apreciação de quem mais encarna em sua individualidade a physionomia da alma collectiva, sem darmos, como assentado, que Tobias Barreto teve a alma muito contrastada para offerecer o cunho do caracter nacional, parece-nos que, collocando-nos em um ponto de vista puramente objectivo, com os olhos fixos tão sómente sobre as producções dos dous filhos de Sergipe, se póde dizer, sem faltar á veneração devida á memoria de Tobias Barreto, que a obra eminentemente nacional nas nossas letras é a *Historia da Litteratura Brazileira.*

Além de que a *Historia da Litteratura Brazileira* é um repositorio inexgotavel de informações sobre a nossa vida mental e emocional, quer no passado, quer no presente, e, partanto, um manancial de previsões futuras, succede que Tobias Barreto revelou sempre uma organisação muito refractaria ao meio em que viveu, para poder ser considerado o representante supremo da tendencia e aspirações nacionaes.

---

[1] *Revista Brazileira*, tomo IV, pag. 297.

Mas aqui não cahimos na mais formal contradicção, depois de termos affirmado que Sylvio Roméro completou a obra de Tobias Barreto?

Na historia das litteraturas não é raro encontrarem-se organisações psychicas differentes com aptidões intellectuaes diversas, concorrendo para um mesmo resultado.

Além da diversidade de aptidões, que distinguia os dous heróes, é sabido que nem sempre reinou entre elles completo accordo em muitos assumptos, politicos e mesmo scientificos; mas, apezar da diversidade de vistas no par homerico, esta divergencia em nada prejudicou o exito final.

Para Tobias Barreto, em um paiz como o nosso, em que a politica andou sempre divorciada da moral, como encarar a fórma de governo senão como uma questão esthetica, propria para mascarar o despotismo o mais absoluto, sob a apparencia de uma fórma liberal?

Sylvio Roméro, porém, possue, em alta dóse, esta febre ardente de ideal, que reage contra a propria corrente dos acontecimentos, para não perder a confiança no futuro, para não duvidar da boa fortuna da republica brazileira.

Se lhe objectarem que, a julgar pelo passado, este passado de hontem, que já vem com um longo cortejo de amargas experiencias, a julgar pelo presente, este presente que se embrulha e se complica cada vez mais, enchendo de receios e inquietações a alma nacional, nada ha a esperar do futuro

da nossa Republica, elle responderá que «os governos nefandos hão de passar, os congressos criminosos e corruptos hão de atufar-se no nada, e o povo ha de encontrar o seu estado de repouso e equilibrio, de liberdade e honra nas suas proprias energias, nas forças nativas da sua propria constituição immorredoura.»

Tobias Barreto, admittindo a existencia de sciencias sociaes, entre ellas o direito, negava, entretanto, a possibilidade de uma sciencia geral dos phenomenos sociaes. Para elle a constituição de uma sociologia é «uma aspiração tão nobre quão pouco realisavel».

Sylvio Roméro segue caminho inteiramente opposto: o direito póde e deve ser estudado scientificamente, porque é um phenomeno sociologico, porque é uma das *creações fundamentaes da humanidade*, cujo estudo constitue o amplo objecto da sociologia.

E' estranhavel, que a um espirito tão lucido e penetrante, como o de Tobias Barreto, houvesse escapado que o estudo de certas instituições juridicas foi em seus resultados muito além da esphera propriamente juridica.

Os trabalhos de Fustel de Coulanges, de Sumner Maine, de Kovalewsky sobre a *patria potestas* e outras instituições juridicas, deram em resultado a descoberta de que não se pódem reduzir a um typo unico as instituições primitivas. Assim, a polygamia e a monogamia devem ter sido factos primordiaes nas sociedades humanas e não phases successivas uma da outra.

Investigações sobre o patriarchado e o matriarchado, instituições juridicas, fizeram repousar o parentesco menos sobre o facto genesico do que sobre a consciencia da especie, facto importantissimo, sobre que Giddings assenta toda a sua theoria do processo social.

Worms dá a razão porque são as instituições juridicas as que mais têm concorrido para illuminar o espirito dos sociologos: são ellas as mais estaveis e precisas, as que, por assim dizer, se crystalisam nos costumes e nas leis.

Alguem já disse que basta um diccionario para conhecer toda a civilisação de um povo. Com maioria de razão o mesmo se póde affirmar de um codigo.

Com os textos do *corpus juris* seria facil reconstruir toda a civilisação romana.

A razão é simples: o que distingue o direito das outras instituições sociaes é que elle é constituido por textos e costumes, tanto mais fixos e definidos quanto mais genericos e communs.

O direito abrange a integralidade dos phenomenos sociaes sob a condição de que, dadas certas circumstancias especiaes, os factos por elle regulados possam ser exigidos coactivamente.

O traço caracteristico, a necessidade conceitual do direito é a coacção.

Phenomenos moraes, economicos, genesicos, estheticos, politicos, religiosos, todos elles pódem revestir a fórma juridica, desde

que a collectividade esteja de accordo em exigil-os coactivamente.

Ora, desde que o direito comprehende a integralidade dos phenomenos sociaes, que por certas e determinadas circumstancias revestem a fórma legal, e desde que se reconhece que estes phenomenos estão sujeitos aos methodos e processos scientificos, por que motivo negar-se a possibilidade de uma sociologia, synthese das sciencias sociaes, quando se attribue o caracter de sciencia ao direito, que não é senão a investigação dos phenomenos sociaes sob a fórma da *coacção*, da mesma maneira que se póde dizer que a estatistica o é sob a fórma dos numeros, e a philologia sob a fórma da linguagem?

Quem tiver lido *a Historia da Litteratura Brazileira*, notará que antes da publicação dos seus interessantes e preciosos trabalhos sobre a historia e philosophia do direito, já Sylvio Roméro influia efficazmente sobre a regeneração do nosso movimento juridico pelo seu methodo de investigar e criticar; e, sciente, por experiencia propria, do quanto influe sobre os diversos dominios do pensamento uma theoria do conhecimento humano, foi que o nosso herculeo luctador teve a feliz idéa de escrever *Doutrina contra doutrina* para combater o positivismo.

« O positivismo no mundo, diz Sylvio Roméro, e nomeadamente no Brazil, deve ser combatido larga, tenaz e systematicamente, ponto por ponto, idéa por idéa, doutrina por doutrina. »

Entretanto, sobre este assumpto, até á presente data temo-nos satisfeito com pilherias de máo gosto, especialmente em relação a Clotilde de Vaux, a quem Augusto Comte chamava o seu anjo da guarda, e que durante os treze ultimos annos de existencia do grave philosopho lhe absorveu toda a vida effectiva.

A concepção da Virgem-Mãe, hypothese scientifica para uns, desvario da razão para outros, não é senão um producto da mania da época — a influencia mystagogica das virgens e das mães.

«Em nosso mundo critico, exclama Enfantin, discipulo, como Augusto Comte, de Saint-Simon, temos esquecido esta divina influencia da dama da edade média ou da virgem christã sobre a vida do pagem ou do cavalheiro... mas nós ignoramos, sobretudo, o poder de uma virtuosa caricia, de um religioso beijo, de uma santa volupia.»

Depois da condemnação de Enfantin perante os tribunaes de policia correccional, dissolvem-se as egrejas de Toulouse, Brest, Metz, e partem Barrault, Lambert e outros apostolos em busca d'esta outra mãe que o outro summo pontifice não cessava de invocar para ajudal-o a proclamar o codigo do pudor e a pôr termo á crise em que a humanidade se debatia.

Emquanto, porém, Enfantin, agraciado por Luiz Felippe, embarcava para o Egypto, afim de effectuar a abertura do canal de Suez, não voltando á França sem realizar a sua empreza, senão para administrar caminhos de fer-

ro, Augusto Comte, que, como todos os discipulos de Saint-Simon, tinha e fibra theologica, cria a *Religião da Humanidade*, sob a invocação da Virgem-Mãe, que não é senão a imagem de Clotilde de Vaux, a mulher cujo «unico sonho sendo a maternidade» — carta de 15 de setembro de 1845 — soube, entretanto, resistir a todas as solicitações do homem, que lhe votava «verdadeiro culto domestico e publico».

Clotilde de Vaux foi como M.me Recamier: teve a virtude secreta da resistencia, e d'ahi para o seu adorador a phantasia de uma Virgem-Mãe, fructo tão extravagante como todas as creações religiosas do *Phalansterismo* e do *Saint-Simonismo*.

A 15 de setembro de 1845 escrevia Clotilde ao «seu caro philosopho»: «Si vous me contraigniez, par quelque moyen que ce soit, à vous céder sur le point en question, je ne vous reverrais plus de ma vie. Vous ne savez pas à quel degré d'exasperation me pousserait une violence de ce genre; une femme qui a vécu dans la continence pendant longtemps ne peut se donner qu'avec enthousiasme ou la résolution de devenir mère. Je connais le mariage et je me connais mieux que le premier savant du monde. N'opposez, donc, plus la moindre observation à mes sentiments; elles ne me feraient pas changer, et elles me rendraient profondement malhereuse.»

Por sua vez respondia Augusto Comte:

«... Efforçons nous, donc, ma chère amie, d'oublier, comme un rève orageux, la crise

avortée, d'où sortons, pour reprendre paisiblement l'heureux cours de nos relations cordiales...

Vous m'avez inspiré, il est vrai, la seule passion que j'aie jamais resentie; et je sens trop qu'elle ne peut cesser qu'avec ma vie; mais elle est, j'ose le dire, aussi pure qu'energique. Depuis la Sainte Clotilde, début de nos relations suivies, aucune pensée charnelle n'avait jusqu'alors, ni en votre présence, ni même en votre absence, jamais troublé mon intime adoration.

L'ensemble de ma correspondance et de ma conduite tient certes beaucoup plus du D. Quichotte que du D. Juan.»

Não menos curiosa e digna de estudo do que a affeição foi a politica de Augusto Comte.

Sob este ponto de vista, o fundador do positivismo não se destaca senão pela sua antipathia ás idéas e instituições liberaes.

Já não fallando do seu enthusiasmo pela Companhia de Jesus, da sua apologia ao imperador Nicoláo, da sua apotheose ao regimen feudal, da sua instituição de um clero para evitar a anarchia intellectual, da sua creação de uma plutocracia para dirigir o proletariado, ninguem ignora que Augusto Comte, além do desdem que votava ao systema representativo, considerava uma *crise feliz* o golpe de estado, que substituiu a republica dictatorial á republica parlamentar.

Augusto Comte esteve sempre disposto a endeosar os actos de absolutismo.

E' assim que figura no *Calendario* Positi-

vista, conforme já tivemos occasião de notar, o celebre ministro de D. José, o marquez de Pombal, que levou o despotismo ao ponto de submetter ao seu poder absoluto factos consummados, acontecimentos passados, violentando d'este modo o processo de filiação historica da civilisação portugueza.

Entretanto, apezar do crime de lesa-civilisação, em que tão repetidas vezes reincidiu, o marquez de Pombal foi canonisado pelo fundador do positivismo e por elle considerado um vulto digno do culto da humanidade.

III

Destaquemos mais nitidamente a attitude do illustre sergipano em face de seu patricio e amigo.

O desejo de Sylvio Roméro foi sempre escrever uma historia da litteratura brazileira, mas uma historia, que estudasse as producções litterarias sob um ponto de vista scientifico, sem odios nem sympathias, investigando as causas dos factos, descobrindo as leis dos acontecimentos.

Reconhecendo com Scherer que ha duas tendencias divergentes no modo de escrever a historia litteraria de um povo: uma «pendendo para as considerações geraes, referindo os effeitos ás suas causas, distinguindo, classificando», outra «tomando por alvo reviver este mundo de poetas e escriptores do

meio que tão grandes cousas produziu, procurando surprehender estes homens em sua vida de todo o dia, desenhando-lhes a physionomia, recolhendo as picantes anecdotas a seu respeito», Sylvio Roméro não hesita em se decidir pela primeira tendencia sob a judiciosa razão de que o encanto, que encontramos n'este ultimo genero de historia litteraria, proveniente de um conhecimento mais familiar do viver dos homens, não consiste especialmente no desvendamento de um ou outro segredo, na pratica de uma ou outra singularidade, na convivencia de uma ou outra anecdota. «Tudo seria esteril, se não nos deixasse meios de elevar-nos a vistas mais amplas e concernentes á humanidade em geral. O conhecimento que se buscar ao surprehender os actos mais intimos de um escriptor, deve sempre visar uma maior comprehensão de sua individualidade e das relações d'esta com o seu paiz e das d'este com a humanidade.»

A historia da litteratura de um povo é mais alguma cousa do que a critica litteraria no sentido de julgar bôas os más as producções estheticas.

Este methodo, que durante muito tempo formou o fundo das historias litterarias, já não póde satisfazer as exigencias do saber moderno.

Nem é mais tambem uma serie de biographias, dando conta dos antecedentes hereditarios dos escriptores, informando sobre a sua infancia a sua educação, as suas leituras predilectas, as suas opiniões sobre certas

questões, as suas sympathias, os seus odios, em uma palavra, tudo que diz respeito ao individuo.

Depois que Taine escreveu a *Historia da Litteratura Ingleza*, a historia litteraria deixou de ser bibliographia, como praticavam La Harpe e Diderot, ou galeria de *portraits*, admiravelmente desenhados e coloridos, como sabia fazer Nisard e Scherer.

Hoje o historiador litterario tem vistas mais amplas e profundas: não restringe a sua tarefa á noticia das producções antigas ou contemporaneas para informar o que n'ellas agrada ou descontenta, nem á caracterisação do talento dos escriptores como meio de determinar o valor de suas producções.

São trabalhos estes, em que se admira a penetração de espirito de tantos ensaistas, notavelmente entre elles Paul Bourget nos perfis de Baudelaire, de Flaubert, de Sthendhal, de Renan, de Dumas Filho, mas que, por mais interessantes e instructivos que sejam, não dão a conhecer o senso da historia litteraria de um povo.

A historia de uma litteratura não é senão a caracterisação do genio de uma nacionalidade pelo mais significativo de todos os documentos humanos — o livro.

Encarar o livro, não como objecto de critica, mas sobretudo como documento historico, elevar-se até á psychologia social não se limitando a estudar o mechanismo cerebral dos escriptores e suas manifestações intellectuaes, como procedia Sainte Beuve. nem restringindo-se a analisar as influencias de

meio e de hereditariedade, como se dá em Taine, eis a tarefa do moderno historiador litterario.

Com esta orientação foi escripta a *Historia da Litteratura Brazileira,* cujo fito é determinar o que é e o que será o brazileiro, caracterisar o nosso genio social, descobrir as leis que presidem ao nosso destino, ás nossas tendencias e aspirações nacionaes.

Para tanto não bastavam *Le Brézil Litteraire,* de Wolf, que não forma um tecido continuo e completo da nossa litteratura, que não póde dizer-se uma generalisação do movimento espiritual brazileiro, nem os trabalhos de Abreu e Lima, Domingos Magalhães, Norberto e Silva, Pereira da Silva, Varnhagen, Fernandes Pinheiro, Antonio Joaquim de Mello, Sotero dos Reis, Joaquim Manoel de Macedo, Mello Moraes Filho, Pereira da Costa, José de Alencar, Quintino Bocayuva, Machado de Assis, Franklin Tavora, Araripe Junior, trabalhos que não passam de monographias sobre assumptos destacados uns dos outros ou de biographias sobre escriptores predilectos, realçando o valor litterario d'esta ou d'aquella producção. «Era mister, como se lê no capitulo I da *Historia da Litteratura Brazileira,* mostrar as relações de nossa vida intellectual com a historia politica, social e economica da nação; era preciso deixar vêr como o descobridor, o colonisador, o implantador da nova ordem de cousas, o portuguez em summa, se foi transformando ao contacto do indio, do negro, da natureza americana, e como ajudado por tudo isso e pelo concurso

de idéas estrangeiras se foi apparelhando o *brazileiro*, tal qual elle é desde já e ainda mais caracteristico se tornará no futuro.»

D'ahi o espirito geral do livro de que a nossa historia scientifica nem é a do *inveterado barbarismo brazileiro*, de que falla Buckle; nem a da combinação dos tres elementos ethnicos—o portuguez, o africano e o indio—como entende O. Martins; nem a do prolongamento da civilisação occidental passando para a America a lucta entre latinos e germanos, entre portuguezes e hollandezes, segundo a formula dos discipulos de Comte.

A historia scientifica brazileira é a de uma metempsychose, filha da fusão de tres raças distinctas—a branca, a negra e a amarella—sob a influencia de causas atmospphericas e de zonas topographicas differentes, e ao contacto das grandes correntes da civilisação européa.

Guiado por este pensamento, Sylvio Roméro explica certas particularidades do caracter brazileiro pela influencia directa do sólo, do clima e do nutrimento.

Temos um sólo immenso, cortado por grandes rios, de norte a sul, de leste a oeste, formando duas vastas bacias hydrographicas, a do Amazonas, e a do Prata. A região do norte é quente e uberrima, a do sul relativamente fria e menos fertil.

«E' certo, porém, que a mór parte do paiz, o verdadeiro Brazil, está contido na zona torrida, que encerra quasi todas as terras baixas do littoral de um clima quente e humido... As notas predominantes no clima

do paiz são, pois, o calor e a humidade, com todo o seu cortejo formado pelo paludismo.» Além d'isto a alimentação, apezar da extraordinaria fertilidade da natureza, é pouco substancial, operando-se difficilmente a digestão pelo enfraquecimento das funcções centraes; a exhalação do acido carbonico pelos pulmões não é completa, encarregando-se da eliminação d'aquelle elemento prejudicial á vida o figado, que a realisa sob a fórma de bilis, a depressão da respiração não permittindo que o chylo se transforme completamente em sangue, este, seroso, se arterialisa difficilmente. A difficuldade da arterialisação, o enlanguecimento da grande circulação trazem o enfraquecimento dos orgãos, o depauperamento da vida. O calor, desenvolvendo uma transpiração abundante, distende os tecidos cutaneos, e a pelle torna-se extraordinariamente sensivel.

«Então, como diz Levy, os orgãos, que sympathisam directamente com a pelle, recebem um egual impulso, especialmente os sentidos e o aparelho genital.»

Na diminuta eliminação, pois, do acido carbonico pelas vias respiratorias, na exagerada secreção de bilis pelo figado e na superexitação cutanea por uma copiosa transpiração, em poucas palavras, n'esse pernicioso antagonismo entre o figado, o pulmão e a pelle, produzido pelo sólo, pela alimentação e pelo clima, está a causa generica d'esse hysterismo, d'esse hepatismo e d'esse aphrodisismo, que se traduzem em nossa litteratura e que exercem uma tão decisiva iufluencia sobre o ca-

racter do nosso povo e sobre o destino da nossa civilisação. Tal a intuição geral do grande livro de S. Roméro.

Edmundo Scherer, criticando a *Historia da Litteratura Franceza*, por D. Nisard, diz:

«O livro de M. Nisard tem, antes de tudo, alguma cousa de imponente. E' uma obra consideravel, e isto em um tempo em que não se escrevem mais senão artigos de jornaes e brochuras. E' o fructo de vinte e cinco annos de trabalho, fructo lentamente amadurecido, em uma epocha em que todo o mundo improvisa. O leitor inclina-se diante de um poder de labor e de vontade a que quasi não está mais acostumado.»

Estas palavras pódem ser justamente applicadas á *Historia da Litteratura Brazileira* por Sylvio Roméro.

Os imponentes volumes do illustre sergipano constituem uma vasta producção, um trabalho de longo folego, onde se sente a espontaneidade, que inspira, e a força de vontade, que executa uma grande empreza.

E' que o auctor da *Historia da Litteratura Brazileira*, além de sêde de saber, tem a febre da actividade, mas da actividade, que é uma conducta a realisar uma nobre tarefa.

O livro de Sylvio Roméro, além de ser uma obra consideravel, engenhosamente planeada, bellamente executada, era uma necessidade para a nossa litteratura, que carecia de uma historia.

Tudo que possuiamos, como os trabalhos de Antonio Joaquim de Mello, de Franklin Tavora, de Araripe Junior e outros, se attra-

hia a attenção como matiz, não tinha importancia como contextura.

Os magnificos escriptos de Tobias Barreto não se occupam do assumpto em seu todo; são fragmentos collossaes, é verdade, por onde se poderia avaliar da grandiosidade do monumento que fosse elevado, mas que, como pedaços de historia, destacados uns dos outros, sem connexão entre si, de maneira a formarem um tecido continuo e completo, pódem ser comparados a fructos exoticos, que deixariam a bocca do leitor cheia de cinza depois de saborosamente devorados.

A razão é simples: a critica de Tobias Barreto é tanto mais admiravel e encantadora quanto mais cruel e desapiedada. Para provar o que digo, basta lembrar os artigos *Sobre os Factos do Espirito Humano* e o *Atrazo da Philosophia entre nós*, publicados no *Jornal do Recife*, o primeiro em 1869 e o segundo em 1871.

Sob esta relação o nosso pontifice afigura-se-nos uma especie de Torquemada a conquistar tanto mais o céo, o vasto imperio da luz, quanto mais horrivel é o martyrio, a tortura que impõe. E' o que póde chamar-se um atormentador, um exterminador adoravel por força de um descommunal talento.

Que o dissessem o dr. Soriano de Souza e outros, que foram escalpellados vivos.

Sylvio Roméro pertence á familia dos individualistas, dominados pelo forte sentimento da personalidade humana. O auctor da *Historia da Litteratura Brazileira* é uma natureza semelhante ao auctor da *Democracia na*

America, dirige e encaminha mais do que explica e resolve.

Hão de vêr que a sua obra é mais a orientação para um fim do que a descoberta de uma origem: é uma obra em que predomina mais o senso da direcção do que o da visão.

Comparando-o com Tobias Barreto, vêmos que este é um lucido, que por traz dos factos vê, comprehende tudo, affirmando a verdade como uma causa; Sylvio Roméro sente as transformações successivas da natureza, põe-se á frente dos acontecimentos e affirma a verdade como um effeito.

O primeiro explica como da lagarta sahe a borboleta, o segundo affirma convencidamente que a semente se transformará em flôr.

Se o primeiro possue essa calma, essa claridade de espirito, que eleva até á mais ampla philosophia, o segundo tem essa sêde, essa febre de propaganda, mas da propaganda no bom sentido da palavra, uma direcção para um ideal, qualidade que o torna um excellente critico.

Se nos fosse permittida ainda uma comparação, nós diriamos que Sylvio Roméro acompanha o processo da natureza, caminha do simples para o composto, do homogeneo para o heterogeneo; Tobias Barreto segue uma ordem inversa, parte do particular para o geral, da variedade para a unidade.

Estamos convencidos de que, se Tobias Barreto escrevesse uma historia da nossa litteratura, não consideraria os individuos senão como ponto de partida para uma conclusão geral.

A Historia da Litteratura Brazileira, porém, simples e generica em seu inicio, pouco a pouco se vae differenciando e especialisando, passando do geral para o particular, do meio para a raça, da raça para o individuo.

E' por isso que no livro de Sylvio Roméro ha como que apparente opposição entre a primeira e a segunda parte: naquella o auctor entrega-se a considerações geraes, o individuo desapparece diante da raça, a raça diante do meio, reduzindo-se tudo a uma simples questão de physiologia, ou melhor, de mechanica; n'esta estuda os individuos, desenha caracteres, biographa personalidades, conta anecdotas e até faz larga anthologia.

Esta disposição prova o que dissemos: Sylvio Roméro, por mais preoccupado que se mostre com as influencias da raça e do meio em que se desenvolveu a litteratura brazileira, é, sobre tudo, uma natureza individualista, dominada por um vivo sentimento da personalidade, por uma consciencia nitida da dignidade humana.

Arthur Orlando.

MARTINS PENNA

I

Espirito da critica que deve estudar Martins Penna

Não ha palavra de que mais se abuse; mas tambem não existe nenhuma que tenha um mais vago sentido do que a palavra *critica*.

Desde a mais desbragada diatribe, a satyra mais cruel, até á censura mais leve, a tudo se chama critica.

Desde a noticia expositiva, a discussão doutrinaria de um assumpto, até á analyse mais esmiuçante de um facto ou de um systema, applica-se a todas estas cousas a mesma denominação.

Critica religiosa, critica scientifica, esthetica, politica, juridica, litteraria são tambem expressões correntes; porém aqui a generalidade não é garantia de clareza, nem de boa definição das cousas e das ideias.

Épocas constructoras e épocas *criticas* são as grandes phases antitheticas do desenvolvimento humano, no pensar de notaveis philosophos.

Espirito *critico,* em opposição a espirito creador, é modo de falar a miudo empregado por habeis escriptores.

Mas, afinal, que é a critica? E' uma sciencia? E' uma arte? E' apenas uma disciplina da intelligencia e, n'esta ultima hypothese, um capitulo da logica ou da esthetica? Qual o seu dominio e até onde é ella válida e fructuosa?

Eis as questões que seria possivel discutir, se o nosso intento fosse agora dissertar da crita e de sua constituição organica.

Mas não é d'isso que cogitamos n'estas linhas preliminares de um estudo de Martins Penna.

Vamos fazer apenas uma observação sobre os fins e os alvos da critica, nomeadamente da critica litteraria.

Geralmente se repete em todos os tons, e sob todas as fórmas, que até hoje tem havido duas especies de critica: a que *julga* e a que *descreve,* a *rhetorica* e a *psychologica*, a de Boileau e a de Taine.

Ora, isto é um erro que não é mais licito andar levianamente a repetir.

A uns vinte e cinco ou trinta annos atraz não era muito para espantar a insistencia n'este desacerto.

Hoje é simplesmente irrisorio o repisamento d'este dislate.

O ponto de vista de Taine, que era fundamentalmente o de Sainte-Beuve e em grande parte o de Lessing, está hoje relegado para o canto das cousas velhas, gastas, ultrapassadas.

Sómente um resto de romantismo, que ahi anda ainda a tremular nos espiritos, como trapos de sombras d'uma noite que não passou de todo, é que pode illudir a respeito do viço e vigor do *tainismo* na critica.

Sim, esse dilettantismo da *critica pela critica*, digno companheiro do dilettantismo da *arte pela arte*, só poderia brotar do tronco da litteratura romantica. Lessing o presentiu, Sainte-Beuve deu-lhe vida, Taine systematisou-o.

Mas essa intuição, falsa em essencia, não poderia avassalar a critica para todo sempre; tinha de passar e já agora passou de facto. A mudança geral da intuição philosophica trouxe a mudança da comprehensão da critica; porque esta anda sempre de accordo com o espirito geral d'aquella.

E assim como á critica ideologica que *jul-*

gava succedeu a critica dissertadora que *descrevia*, deve ser esta substituida pela critica sociologica, que *discute para esclarecer e esclarece para concluir.*

Durante o periodo, que na historia politica tem o nome de periodo do *absolutismo régio* e na historia das lettras tem o appellido de *época do classismo*, nos seculos XVI, XVII e XVIII, a philosophia reinante era a idéologia metaphysica das famosas noções do *absoluto*, do *necessario*, do *eterno*, do *incondicional*.

O direito natural, uno e eterno para todas as gentes, o *bello absoluto*, innato e immutavel para todos os povos, o *bem infinito*, congenito e intrinseco a todas as consciencias moraes, constituiram a trama transcendental d'esse metaphysicismo geral das ideias, que na orbita politica confinava perfeitamente no poder *divino e absoluto* dos reis.

A lei do *consensus* tinha applicação universal no tom incondicional e dogmatico de todas as noções.

Qual poderia ser a esthetica de um tempo d'esses, senão a rhetorica mesma do classismo, com suas theses immutaveis, suas regras inconcussas, seus modelos perpetuos do bello?

E qual haveria de ser a critica n'uma épo-

cha d'essas, senão a sentença do pedagogo, que *julgava,* segundo um canon preestabelecido?

E assim foi: para tal philosophia, para tal esthetica, tal critica.

Os ultimos annos do seculo passado iniciaram a reacção contra tal estado de cousas.

O romantismo, nas oitenta direcções diversas em que se ramificou, foi essa reacção.

A emancipação dos ideiaes, a descentralisação dos assumptos d'arte, a libertação da phantasia, o relativismo de todas as theses e de todas as inspirações, o direito de cidade para todos os impulsos, todos os affectos, todos os sonhos e todos os caprichos d'alma humana, eis a nota geral e commum a todas as escolas em que se subdividiu a romantica revolucionaria de nosso seculo.

Era a relatividade de todas as cousas e de todos os principios levada ao extremo.

A arte pela arte, consciente ou inconscientemente, foi a bandeira de todos os romanticos, por mais que alguns d'elles protestassem o contrario, quando acaso se lhes mostrava os perigos de seu negativismo.

Era a philosophia nova em sua primeira phase puramente reaccionaria e destruidora, antes que as fortes syntheses de um Hart-

mann ou de um Spencer estivessem elaboradas.

Era a esthetica da liberdade, ousada nos designios, vacillante nas theorias, e que critica haveria de sahir de tal theoria *d'arte* e de tal philosophia?

Não poderia ser outra senão a critica de Sainte-Beuve, reforçada mais tarde por Taine, esmiuçante é certo, mas fundamentalmente sceptica; comprehensiva, mas impotente; analysadora, mas descuidada das almas, estranha ao destino dos homens e das ideias.

Não a poderia melhor caracterisar do que chamando-a a doutrina da *critica pela critica*, sem outro alvo, senão o prazer mesmo de analysar por analysar, descrever por descrever.

Confundindo imparcialidade com indifferença, nutriu a engraçada illusão da igualdade de todos os productos mentaes perante a sciencia; porque todos elles devem apenas ser considerados *como documentos das condições e dos estados* dos espiritos n'um tempo dado. E' por isso que, se a critica anterior peccava por seu dogmatismo, esta peccou sempre por seu indifferentismo, por suas condescendencias descrentes.

E a razão fundamental d'esse vicio, d'esse

defeito insanavel, estava no atrazo da sociologia na épocha em que Sainte-Beuve escreveu suas *Causeries du lundi* e Taine fez seus primeiros estudos e produziu seus primeiros livros.

Nem um nem outro modificou depois o fundo de suas ideias, e nenhum teve forças para acompanhar a constituição da sociologia, feito espiritual d'este seculo, que foi o natural remate de seus progressos na biologia e na psychologia.

O illustre auctor de *Port-Royal* e o grande mestre da *Histoire de la Littérature Anglaise* não passaram das duas ultimas sciencias em certas doutrinas e processos geraes, e não sahiram do romantismo no *nisus* central de sua concepção da arte e da litteratura, respectivamente da critica.

É, portanto, signal de atrazo, depois que a sociologia mostrou a solidariedade de todas as forças espirituaes no progresso humano, vir ainda agora preconisar a indifferença da critica diante de todos e quaesquer phenomenos de producção mental e collectiva e encomiar o dilettantismo de *criticar por criticar,* como já se gabou a *arte pela arte* e até o *verso pelo verso*, a *phrase pela phrase*...

Sem paixão, queremos dizer, sem amor e devotamento, nada se faz, nada de bom e gran-

dioso se pode fazer n'este mundo. É no combate por uma causa, por um systema, por um conjuncto de ideias, por uma philosophia, que ha de estar o norteamento da critica; porque por ahi é que tambem se devem dirigir as almas dos sabios, dos poetas, dos artistas, dos pensadores.

Foi o que faltou a Sainte-Beuve e em grande parte a Taine, por mais que as fortes qualidades d'este nobre e valoroso espirito possam illudir em contrario.

As lacunas do systema de ambos mesmo em França são hoje de vulgar noticia; e as seguintes palavras de Thimotheo Colani sobre o primeiro esclarecem bem a questão: «On sent qu'il lui a manqué une qualité qui seule rend heureux et qui, pour être presque une vertue, ne s'acquiert pourtant pas, la joie,— la joie de l'homme dont l'existence a un but, la joie du poète ou de l'artiste qui crée d'inspiration, la joie du combattant qui souffre pour une cause et la fait triompher, la joie, en un mot, qui donne la force et commande la sympathie. Sa critique elle-même se ressent de ce defaut; elle est à la fois la plus pénétrante que nous ayons vue, et la plus souple, la plus équitable d'intention, mais elle ne conclut pas.

Quoique très sincère, elle manque de con-

viction. Aussi n'a-t-elle exercé que bien peu d'action sur notre littérature: *elle n'a, je crois, rien inspiré et, ce qui est plus grave, rien empeché.*

Eis ahi: tal critica nada inspirou e nada impediu; foi, pois, completamente inutil, como é inutil todo e qualquer dilettantismo que não tem convicções, nem paixão.

A velha critica rhetorica, que *julgava de officio*, teve representantes no Brazil; a critica média, que se deliciava em *descrever*, tambem os teve e os conta ainda; nenhum d'elles, porém, *nada inspirou nem impediu* ...

Felizmente ao lado d'essa alcovitice *à la Sainte-Beuve*, já se começa a comprehender que o alvo, o fim da nova critica deve ser — *esclarecer e concluir*, esclarecer a formação das creações litterarias e artisticas, e concluir d'ellas em vista de todos na direcção do futuro. E' esta a critica sociologica por opposição á esteril critica psychologica, tão do gosto de alguns escriptores nossos ainda hoje ...

No espirito da critica sociologica é que temos procurado estudar a litteratura brazileira e particularmente agora o typo sympathico e altamente representativo de Martins Penna. E não é de hoje o nosso enthusiasmo por tão suggestivo escriptor, que vêmos ainda em nos-

sos dias tão maltratado. Ha cerca de vinte annos já nós o collocavamos entre os progonos do pensamento brazileiro. Nunca tratamos então nem agora de discutir, se elle escreveu *farças* ou verdadeiras *comedias*, se possuiu ou não o *esprit à la Molière*, se dispunha ou não d'um estylo elegante, ou outros problemas de igual jaez.

Estas rhetoricas deixamol-as para os cultores do genero.

O que procuramos vêr nos escriptos de Penna foi a historia natural da sociedade brazileira.

Esta lá está e damos-nos por bem pagos por havel-a alli descoberto e divulgado.

Em 1880 tinhamos dito: « Os escriptores brazileiros dos quatro seculos podem ser divididos, na medida de seu merito, em primarios, secundarios e ainda terciarios. Na primeira categoria só devem ser collocados aquelles espiritos de valor, que, por sua acção energica, representam um principio qualquer de selecção, de differenciação nacional e de incentivo de progresso. Só conhecemos, até hoje, seis escriptores n'estas condições no Brazil. São: Gregorio de Mattos, que indica, pela satyra e pelo cynismo, um momento pyschologico da lucta das tres raças que iam constituindo a população do Brazil, e on-

de começa a consciencia nacional a despontar; Gonzaga, que personalisa a encarna a transformação do velho lyrismo portuguez, passado e conservado na America, lyrismo que teria de ser a mais viva expressão de nossos talentos estheticos; Durão, que nos faz approximar da natureza, despresando os moldes classicos que a offuscavam, e desperta a consciencia *brazileira,* lembrando-nos que nós não eramos só descendentes de portuguezes, mas que outras raças, como a dos *caboclos*, nos tocavam de perto; Martins Penna, que, achando já a patria constituida, symbolisa o ridiculo popular contra a chata burguezia (herança portugueza) dos tempos da Regencia e do segundo Reinado; Alvares de Azevedo, que, por meio da poesia, lançou na alma nacional as luctas e peripecias espirituaes da velha Europa, indo, como foi, procurar as suas inspirações sempre fora de Portugal, ensinando-nos assim o cosmopolitismo moderno; finalmente, Tobias Barreto, que, como poeta, tem as notas capitaes de todos os outros, e, como critico e philosopho, desperta-nos de nosso atraso, de nosso estupido optimismo, retalhando bem fundo as nossas chagas de povo inculto e semi-barbaro, provocando uma reacção benefica.» Eis ahi o que então dissemos.

Era uma especie de programma que tivemos a felicidade de realisar; pois coube-nos o ensejo de analysar cinco d'esses grandes espiritos em nossa *Historia da Litteratura Brazileira*. Faltava-nos sómente Martins Penna; mas é elle o assumpto d'este livro, e ficou d'est'arte completo o quadro. E, quando não tivessemos rendido a tantos outros brazileiros o sincero culto de nosso enthusiasmo, bastava-nos o haver feito para com esses seis, para nos julgarmos quites com a consciencia da patria. Singular pessimista somos nós, que temos tão avultado saldo a nosso favor, quando vêmos, apontados como doces e benevolentes, uns tantos que ahi andam, e até hoje nunca foram francamente favoraveis a ninguem... E' assim o mundo.

Mas entremos direito em nosso assumpto.

II

Vida e obras de Penna

Uma das affirmativas mais constantes da critica brazileira, infelizmente em grande parte exacta, é a da não existencia entre nós d'uma verdadeira litteratura dramatica. Não é isso, porém, de admirar, se nos lembramos de que tal é o facto igualmente entre povos illustres, ricamente dotados em outros ramos das creações espirituaes, e desherdados por aquella face. Se exceptuarmos a Grecia antiga, a Hespanha, a França, e Inglaterra modernas, nenhum outro povo se póde gabar de possuir um theatro original, a não ser a India e a China, cuja vida intellectual, porém, tem andado sempre fóra do circulo em que se ha movido o pensamento das gentes do occidente. Não é só isto; não possuimos

creações scenicas, que possam aspirar as honras de constituir um grupo distincto entre os do genero; mas essa é a verdade tambem n'outras espheras do espirito. Temos nós, podemos dizer, que possuimos uma litteratura philosophica, uma litteratura historica, uma litteratura scientifica? E se bem aprofundarmos as coisas, havemos de convir que não somos melhor aquinhoados em musica e pintura, não falando já em architectura e estatuaria, que nos fallecem quasi de todo, e, porque não dizer a verdade inteira? nosso romance não é melhor que o nosso theatro. Não possuimos obras de romancistas que, em seu genero, sejam superiores ao *Demonio familiar* e *Mãi*, de Alencar, á *Mathilde* e *Calabar*, de Agrario, á *Torre em concurso*, de Macedo, ao *Antonio José*, de Magalhães, ás *Doutoras*, de França Junior, ao *Noviço e Judas em sabbado de Alleluia*, de Penna. Quasi outro tanto se poderia affirmar da *Historia de uma moça rica*, de Pinheiro Guimarães, de *Leonor de Mendonça*, de Gonçalves Dias, das *Coisas da moda*, de Joaquim Serra. Acontece com o nosso theatro, podemos garantir, o que se dá com todas as creações de nossa intelligencia, não escapando até a propria poesia. Quando nos interrogam de repente sobre nossos dramatistas e comediographos,

em nosso quasi incuravel pessimismo, quasi incuravel por ser espontaneo e organico, respondemos immediatamente que nada possuimos. Mas, se fitarmos attentamente o céo do pensamento nacional, havemos de notar que, pouco a pouco, se irão erguendo acima do horisonte as estrellas, que n'elle brilham, e acabaremos por nos convencer de que ellas não são tão pallidas e apagadiças, como levianamente haviamos de prompto affirmado. Não temos dramaturgos, é o brado geral; mas possuimos obras de scena, como as que ficaram acima citadas; não temos romancistas; mas possuimos livros, como *Guarany*, *Iracema*, *Senhora*, *Tronco do Ipé*, *Memorias de um sargento de milicias*, *Um estudo de temperamento*, *Quincas Borba*, *Lourenço*, *Praga*, *Casa de pensão*, *O Atheneu*... Não temos poetas, mas possuimos hymnos como *O gigante de pedra*, *Sextilhas de Frei Antão*, *Evocações*, *Gloria Moribunda*, *O navio negreiro*, *O beija-flor*, *Ouvir estrellas*, *As bombas*, *A matilha*, *O Chaletzinho*, *Cantico do Calvario*, *Ponte de lianas*, *Saudade Branca*... Bem claro se mostra não ser a nossa pobreza tão grande, tão lastimavel, como o nosso desdem por nós mesmos nos faz exagerar em momentos de desalento.

E, note-se bem, não vimos, n'estas pagi-

nas, tomar de assalto uma posição de confiante e imponderado optimismo, que nem anda em nossos habitos, nem tem justificativa nos factos. O que pretendemos, é fugir d'essas affirmações banaes d'um pessimismo falso ou de um optimismo barato. Queremos ficar no terreno seguro da critica, que não é o lobrego e escorregadio do scepticismo, nem o empedrado e safaro do dogmatismo infantil. A verdade é que o Brazil, na região pura e desinteressada, do sentir e do pensar, na sciencia e na arte, se não é um ricaço, como a Allemanha, a Inglaterra, a França, a Italia, não é mais um mendigo trapilho, como uma horda de africanos, ou uma tribu de pelles-vermelhas. Não estamos de cócoras, andamos já de pé e devemos ir caminho do futuro sem desfallecimentos e covardias. A terra de Bonifacio de Andrada, de Conceição Velloso, de Bartholomeu de Gusmão, de Alexandre Rodrigues Ferreira, de José Mauricio, de Baptista Caetano, de Gonçalves Dias, de Alencar, não tem justos motivos para velar o rosto e refugir envergonhada. Na grande arena em que os povos modernos, nomeadamente os da America, houverem de brandir as armas do pensamento, ella não apparecerá de todo desapercebida para a lucta.

Longe os desanimos; ha lugar tambem

para o enthusiasmo, e já é tempo de vêr a nossa geração, a mais pessimista que o Brazil tem possuido, que é preciso acabar com tantas pragas, com tantos esconjuros, com o tão systematico denegrir de tudo que é brazileiro, só porque é brazileiro... Não somos um d'esses grandes povos historicos abridores de caminho á humanidade; mas podemos e devemos ser um povo progressivo, honrado a sensato. A fé n'um alto e nobre destino é coisa encantadora na vida das nações. Façamos d'ella a musa de nossa historia e avancemos.

N'este espirito, que é o de nossos trabalhos a datar da *Historia da Litteratura Brazileira*, é que pretendemos dizer da obra e do genio de Luiz Carlos Martins Penna, o illustre mestre da comedia brazileira. Antes de tudo, o homem na sua biographia. A vida de Martins Penna é hoje bem conhecida, depois da minuciosa noticia que lhe consagrou o Sr. Luiz Francisco da Veiga e se acha impressa no *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, em os n.os de 25, 26 e 27 de novembro de 1877. Esta parte de nosso trabalho será apenas o resumo do interessante, cuidado e sincero escripto do auctor do *Primeiro Reinado*.

Martins Penna nasceu no Rio de Janeiro

aos 5 de novembro de 1815, tendo por progenitores o juiz do bairro de Santa Rita, João Martins Penna, mineiro, e D. Francisca de Paula Julieta Penna, fluminense. Foram seus avós paternos o brigadeiro portuguez Francisco Martins Penna e a mineira D. Claudia Maria de Sant'Anna, e maternos o tenente portuguez José Antonio da Costa Guimarães e a fluminense D. Maria Bernarda do Nascimento. Orphão de pai com um anno de idade e de mãi aos dez, o avô e depois um tio maternos, que foram seus tutores, o destinaram á vida commercial, e, n'este intuito, feitas as primeiras lettras, o matricularam, em março de 1832, na aula do commercio, cujo curso completou em fins de 1835. Frequentou durante algum tempo as aulas da Academia de Bellas Artes, onde tomou conhecimentos geraes de architectura, pintura e estatuaria. Simultaneamente estudava a musica, que chegou a cultivar com talento, tendo boa voz de tenor. Desembaraçado da aula de commercio e do curso da Academia de Bellas Artes, livre da tutella do tio, não pensou mais em abraçar a carreira mercantil, que lhe era antipathica, e atirou-se ao estudo da litteratura e das linguas ingleza, franceza e italiana que chegou a manejar com maestria.

Mas era pobre e não houve outro remedio

senão abraçar a carreira dos empregos publicos, *refugium dolorosum* dos homens de lettras no Brazil. Em setembro de 1838 foi nomeado amanuense da mesa do consulado no Rio de Janeiro, cargo que desempenhou até abril de 1843, data em que foi removido para lugar identico na secretaria de estado dos negocios estrangeiros, onde se conservou até outubro de 1847, quando seguiu para a Europa, nomeado addido de primeira classe á legação brazileira em Londres. N'este ultimo posto conservou-se até fins de 1848.

Sentindo-se, então, gravemente enfermo de tuberculose pulmonar, partiu para Lisboa com destino ao Brazil, alvo que não chegou a attingir, pois falleceu na capital portugueza aos 7 de dezembro d'aquelle anno.

O mallogrado dramaturgo escreveu as seguintes obras:

O Juiz de Paz da Roça, comedia em um acto, representada pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 4 de outubro de 1838, em beneficio da actriz Estella Sezefreda;

A Familia e a Festa da Roça, comedia em um acto, representada pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 1 de setembro de 1840, em beneficio da mesma actriz Estella Sezefreda;

O Judas em Sabbado de Alleluia, comedia em um acto, representada pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 17 de setembro de 1844, em beneficio do actor Manoel Soares;

Os Irmãos das Almas, comedia em um acto, representada pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 19 de novembro de 1844, em beneficio do actor José Candido da Silva;

Os Dois ou o Inglez Machinista, comedia em um acto, representada pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 28 de janeiro de 1845, em beneficio do actor Francisco de Paula Dias;

O Dilettante, tragi-farça em um acto, representada pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 25 de fevereiro de 1845, em beneficio da actriz Gabriella da Cunha de Vechy;

Os Namorados ou A Noite de S. João, comedia em um acto, representada pela primeira vez a 13 de março de 1845, em beneficio do actor Germano Francisco de Oliveira;

Os Tres Medicos, comedia em um acto, representada pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 3 de junho de 1845, em beneficio da actriz Ludovina Soares da Costa;

O Cigano, drama em um acto, representado pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 15 de julho de 1845, em beneficio do actor Florindo Joaquim da Silva;

O Noviço, comedia em tres actos, representada pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 10 de Agosto de 1845;

Witiza ou o Nero de Hespanha, drama em verso, em cinco actos e um prologo, representado pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 21 de setembro de 1845;

Bolyngbrock & C. ou as Casadas solteiras, comedia em tres actos, representada pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 18 de novembro de 1845, em beneficio do actor Manoel Soares;

O Caixeiro da Taverna, comedia em um acto, representada pela primeira vez no theatro de S. Pedro, no mesmo dia 18 de novembro de 1845, em beneficio do referido Manoel Soares;

Quem casa quer casa, proverbio em um acto, representado pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 15 de dezembro de 1845, em beneficio do actor José Candido da Silva;

Os Meirinhos, comedia em um acto, representada pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 27 de janeiro de 1846;

Os Ciumes de um pedestre, comedia em um acto, annunciada para ser representada no theatro de S. Pedro, a 29 de janeiro de 1846, em beneficio do actor Francisco de Paula

Dias, sendo substituida, á ultima hora, por outra comedia de differente escriptor.

As Desgraças de uma criancinha, comedia em um acto, representada pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 10 de maio de 1846;

O Terrivel capitão do mato, comedia em um acto, representada pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 5 de julho de 1846;

O Segredo d'Estado, drama em um acto, representado pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 29 de julho de 1846, em beneficio da actriz Ludovina Soares da Costa;

A Barriga de meu tio, comedia burlesca em tres actos, representada pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 17 de dezembro de 1846, em beneficio do actor Manoel Soares;

D. Leonor Telles, drama em cinco actos e seis quadros;

Itaminda ou o Guerreiro de Tupan, drama indigena em tres actos;

D. João de Lyra, drama em tres actos;

Fernando ou o Santo Accusador, drama em 4 actos;

Um Sertanejo, comedia em um acto;

O Jogo de prendas, comedia em um acto;

O Usurario, comedia em tres actos;

Folhetins, no *Jornal do Commercio,* durante o anno de 1846 até março de 1847;

Semana Lyrica, no mesmo *Jornal do Commercio,* desde 3 do referido mez de março até 14 de setembro d'aquelle anno.

Duguay Trouin, romance historico.

A lista não é pequena; quasi tantas obras quantos annos de idade; pois o moço fluminense tinha apenas trinta e tres annos, quando desappareceu d'entre os vivos.

Taes são as informações fundamentaes que se deixam apanhar na memoria biographica, lida pelo Sr. Luiz Francisco da Veiga no Instituto Historico e Geographico Brazileiro, em sessão de 23 de novembro de 1877, publicada na *Revista* do mesmo Instituto e no *Jornal do Commercio*, como já dissemos.

As apreciações que as datas principaes da vida do auctor do *Noviço* são aptas a despertar á critica — apresental-as-emos adiante.

III

Comedias publicadas e seu espirito

A parte principal da obra de Martins Penna é imcontestavelmente a theatral; n'esta ultima, sem a menor sombra de duvida, as comedias tomam a dianteira. Entretanto, apenas nove producções do talentoso escriptor, felizmente do genero em que elle primava, existem publicadas. Tudo o mais, a não serem os folhetins e chronicas insertos no *Jornal do Commercio*, continúa inedito e ha fortes indicios de se haver perdido a mór porção de taes escriptos. As comedias impressas [1] são as seguintes, na ordem chronologica: *O Juiz de Paz na Roça*, *A Familia e a Festa da Roça*, *O*

[1] A casa H. Garnier, d'esta cidade, deu uma edição das comedias de Martins Penna.

Judas em Sabbado de Alleluia, Os Irmãos das Almas, Os Dous ou o Inglez Machinista, O Dilettante, O Noviço, O Caixeiro da Taverna, Quem casa quer casa.

O caracter geral de todas estas composições scenicas é o da classica comedia de costumes, como nos foi transmittida por Menandro, Plauto e Terencio, passando por Gil Vicente e Antonio José. A alta comedia de caracter, como foi creada por Molière e continuada por Beaumarchais, Penna não chegou a cultival-a, pelo menos no que d'elle conhecemos.

Os que não ignoram a evolução d'este genero dramatico, que os historiadores da litteratura grega dividem em velha comedia, comedia média e nova comedia, representada a primeira phase por Chionidés, Magnés, Cratinos, Aristophanes e Phrynichos; a segunda por Anthiphanes, Anaxandride, Eubulo e Alexis; a terceira por Philemon, Menandro, Diphilo, Apollodoro e Posidippo, sabem que só no seu ultimo periodo é que essas creações scenicas despiram o velho estylo de satyra grosseira mesclada de lyrismo e começaram de tentar a reproducção, mais ou menos realista, dos costumes sociaes. N'essa derradeira attitude é que passaram á litteratura romana e mais tarde ás litteraturas clas-

sicas do Renascimento, chegando assim aos modernos tempos.

Molière lhes fez dar um passo para diante, inaugurando a representação dos caracteres fundamentaes e typicos das paixões humanas. D'ahi a sua galeria incomparavel de especimens comicos, como Harpagon, Scapin, Mascarille, Tartuffo, Sganarello e outros, só comparaveis á imponente galeria tragica de Shakespeare. As lettras luso-brazileiras não se elevaram nunca a essa altura.

O grande Gil Vicente e o notavel nacional Antonio José, que viveu na metropole, e cujo merito não deve ser exagerado, não passaram da comedia de costumes, descambando muitas vezes para a farça, pelo emprego da conhecida e pesada chalaça portugueza. Tal o espirito com que chegou ella a Martins Penna, o maior representante do genero no Brazil, e o verdadeiro creador d'elle entre nós; pois que Gil Vicente nunca foi conhecido de nossas gentes, não era brazileiro, nem este paiz no tempo em que floresceu o genio portuguez possuia um povo e menos ainda uma litteratura, e, pelo que diz respeito ao auctor das *Guerras do Alecrim e da Mangerona*, comquanto tivesse vivido em época em que começava a formar-se um e a lançarem-se os primeiros germens da outra, educou-se, vi-

veu e morreu na metropole e teve de ficar na historia na posição incerta de um Gonçalves Crespo, por exemplo, que, com a maior boa vontade, hesitamos em chamar um dos nossos.

E' preciso destacar o caracter do escriptor através de sua obra e o espirito da sociedade através da obra e do homem. A primeira observação a fazer é que a habilidade do nosso comediographo está a mais nas situações em que collocava os personagens do que no entrecho da acção, que era sempre simples. Alguns exemplos.

O *Juiz de Paz da Roça* é a pintura critica das coisas judiciarias de nossas povoações do interior pelos annos de 1840, e ainda hoje é de uma veracidade irrecusavel. Manoel João, pequeno lavrador, morava na roça, proximo ao Rio de Janeiro, a Côrte, como lhe chamavam, com sua mulher Maria Rosa e sua filha Anninha. A rapariga n'um dia em que o pai se demorou demasiado no trabalho do campo, recebeu em casa o namorado José, sujeito pernostico e vadio, que, tendo herdado do pai um bananal, vendeu-o, allegando á namorada que, logo que apurasse o dinheiro, se casaria com ella; mas de facto largara-se para a Côrte, e *mettera o páu nos cobres*, segundo a giria corrente. A despeito d'isto,

concertou com Anninha a fuga d'esta de casa, no dia seguinte pela manhã, para irem juntos á freguezia, onde o vigario os deveria unir em matrimonio. E' que, sendo no tempo da celebre revolução dos *Farrapos* do Rio Grande do Sul, e estando forte o recrutamento, o gajo estava com medo de ser pegado.

Effectivamente, ao sair da casa de Manoel João, foi elle recrutado. O pai de Anninha, ao chegar da roça, pediu a *janta* e estava a servir-se d'ella, quando lhe bateram á porta. Teve apenas tempo de esconder os pratos na gaveta e lamber os dedos, pois foi logo entrando por casa a dentro o escrivão do juiz de paz, que o vinha intimar para levar um *recruta* á cidade. O matuto relutou em ir, mas ameaçado de prisão, não teve outro remedio, senão fardar-se e seguir. A figura de Manoel João, mettido em calças de ganga azul, jaqueta de chita, tamancos, barretina da guarda nacional, cinturão com baioneta, e um grande páu na mão, é impagavel, porém exactissima. Lembramo-nos de ter visto typos identicos pelo Brazil em fóra. A scena em que se despede da filha e da mulher é do mais completo realismo.

Chegado á casa do juiz de paz, entrega-lhe este o preso, *o recruta*, que é justamente o namorado da filha,—o José, o vadiaço do

lugar. Manoel João, que ignorava o namoro e planos da rapariga, pediu ao juiz de paz para adiar a viagam para o dia seguinte, por ser já tarde, e, como lhe observasse aquelle que não tinha onde guardar o preso essa noite, respondeu que esta não fosse a duvida, que elle se encarregaria d'isso, e levou o José para a propria casa, trancando-o n'um quarto, cuja chave deixou sobre uma mesa. Anninha, á noite, abriu o quarto e fugiu com o José, indo ambos casar-se á igreja proxima. Descoberta a fuga, houve um reboliço dos diabos em casa do caipira, que só se acalmou com a chegada dos dois namorados, casados de fresco. Largaram-se, então, todos para a casa do juiz, sendo o José dispensado do recrutamento á vista de seu novo estado.

N'esta comedia as scenas mais engraçadas são as que se passam na audiencia do juiz de paz, que tem de despachar requerimentos cheios de sandices, elle bastante esperto para se fazer presentear á larga pelas partes, e bastante ridiculo para... *derogar a Constituição!*

Este typo de juiz ficou mais ou menos classico entre nós e é um dos melhores da comedia brazileira. O enredo não podia ser mais simples.

A *Familia e a Festa da Roça* é no mesmo

estylo; continúa a critica dos costumes das populações ruraes, penetrando mais intimamente na vida da familia rustica.

Domingos João, agricultor, algum tanto abastado, espirito positivo, mas grosseiro e praguento, com o habito de dizer sempre no final de suas falas—*entende o Sr.?*, vive na fazenda com sua mulher, Joanna da Conceição, e seus filhos, Quiteria e Ignacinho. Este é o typo do rapaz roceiro, trabalhador, rude e atoleimado; Quiteria da herdeira matuta, cheia de certas pretenções, dengosa e exagerada nas modas pela ignorancia, especialmente depois que passou alguns dias na villa de S. João de Itaborahy, onde tomou os sestros da elegancia esquerda do *high-life* das pequenas povoações atrazadas. O pai quer casal-a com um tal Antonio do Pau d'Alho, só porque este tabareu, feio e desfructavel, é possuidor de um sitio com seis escravos e passa por muito trabalhador. Joanna da Conceição desapprova o enlace; mas não se atreve a oppôr-se francamente, por temor ao despotismo marital de Domingos João. Havia, porém, no lugar um capitão-mór, que tinha um filho na *Côrte* a estudar medicina, o Juca, e este, indo passar as férias, frequenta a casa de Domingos João e namora a Quiteria, que, apezar de certos desengonços atabalhoados, é

moça bonita. O estudante combina com a namorada que, ao lhe falar o pai em casar com Antonio do Pau d'Alho, se finja doente, caia de ataque, resista aos remedios e benzeduras da Angelica, curandeira do lugar, e só volte a si quando elle, futuro medico, em ultimo recurso, fôr chamado e lhe dér a beber agua com assucar, deixando o resto por sua conta.

Realmente, a comedia, que tem começado por varias scenas engraçadas entre Domingos João, a mulher, o filho, a filha, o Juca, o Antonio do Pau d'Alho, chegado da Côrte, onde esteve destacado uns tempos como guarda nacional, chega ás scenas typicas do ataque da Quiteria, da intervenção de Angelica, que benze a moça de *flato, quebranto, olhado, espinhela caída*... Nada conseguindo, diz que suspeita ser o *diabo que entrou no corpo da moça*. Redobra, com tal declaração, a barulhada em casa, e mandam chamar o Juca. Este faz com facilidade voltar a si a Quiteria, e declara, porém, ser o seu mal muito grave, a ponto de correr sua vida perigo se não fôr casada com pessoa entendida em medicina. Insinúa-se com habilidade e faz-se substituir ao Antonio do Pau d'Alho. Segue-se um passeio ao arraial, onde vão assistir á festa do Espirito Santo, em que ha leilão, dança de foliões

e outros quadros burlescos, proprios de taes brinquedos populares.

Mais um caso.

O *Judas em Sabbado de Alleluia* é uma das mais celebres comedias de Penna e certamente uma das melhores. E' a critica dos costumes do Rio de Janeiro, a *côrte imperial,* onde se passa a acção em 1844. Ainda aqui não se desmente nossa affirmação. A *vis comica* está mais nas situações burlescas em que se deixam pegar as figuras creadas pelo auctor do que na traça complicada de actos engenhosos.

O sapateiro José Pimenta tinha duas filhas, Chiquinha, trabalhadeira e sisuda, e Maricota, uma namoradeira de mil diabos. Emquanto uma estava á costura, a outra não largava a janella, a vêr e cumprimentar uma duzia de sujeitos que lhe faziam a côrte.

Nada lhe rendendo o officio de sapateiro, Pimenta metteu-se na guarda nacional, onde foi feito cabo de esquadra, e, de accôrdo com o capitão Ambrosio, um dos mais ousados namoradores da filha, vivia de fintas aos guardas. Succedeu que, n'um dia de sabbado de alleluia, Faustino, empregado publico, e tambem guarda nacional, e um dos mais assiduos namorados de Maricota, estava em casa d'ella, a fazer-lhe seus protestos amorosos,

quando bateu á porta o capitão Ambrosio. Faustino, não tendo onde esconder-se, e, não querendo encontrar-se com o capitão, que o andava a perseguir por ciumes, disfarçou-se com a roupa de um judas, que estava na sala, ali deixado pelos meninos e moleques da casa. N'esta posição e trajos, ouviu toda a conversação do capitão com Maricota e soube do plano que tinham concertado os dois, ella de fugir, depois de furtar certa quantia que o pai estava juntando, e elle de recebel-a em casa e viver com ella. Depois ouviu mais o Faustino a palestra entre o capitão e Pimenta sobre os meios a empregarem para extorquir dinheiro aos guardas nacionaes, e, finalmente, o grave conluio entre o mesmo Pimenta e Antonio Domingos, velho, negociante larapio, para passar aquelle um masso de notas falsas, que o matreiro portuguez acabava de receber do Porto. E já não era a primeira vez que Pimenta entrava em tal negociata, de que tirava certa percentagem. E' claro que esta combinação se fazia entre os dois a sós, pois a Maricota, desde a scena anterior, tinha-se retirado, e o capitão tambem já havia saído. Este, porém, pouco depois voltava e só a muito custo lhe abriu a porta o Pimenta, que suppunha ser a policia, do que chegou a convencer-se; pois, quando o capitão bateu á

porta, e o Pimenta, assustado, dizia: «*não vá ser a policia, Sr. Antonio Domingos!...*» o Faustino, disfarçando a voz, no momento em que os dois espiavam pela fechadura, e perguntavam para fóra: «*quem é?*», respondeu: *Em nome da policia, abram!...* » A situação é a mais comica possivel: o capitão de fóra furioso a bater e os dois dentro aterrados. Afinal, abrem a porta e dão esfarrapadas desculpas ao Ambrosio, que fica de pulga na orelha.

Entretanto, estavam reunidos os tres, quando tocam os sinos á *Alleluia* e toda a familia de Pimenta, meninos e moleques invadem a sala e dirigem-se ao *Judas,* para o arrastarem pelas ruas a fóra, mettendo-lhe o cacete. O Faustino, vendo os meninos e moleques perto de si, deita a correr pela sala. Geral é o espanto. Os pequenos gritam e fogem de Faustino, que dá varias voltas pela sala, levando de atropello os presentes, até ganhar a rua. Pensam todos que é o *diabo* em carne e osso. Os meninos e moleques, chorando, escondem-se debaixo das mesas e cadeiras. Antonio Domingos e Pimenta, abraçados, rolam pelo chão. Maricota cai desmaiada, e o capitão Ambrosio trepa-se n'uma commoda. Acossado na rua pela vaia publica, Faustino não tem outro remedio, senão ganhar de novo a casa do Pimenta, onde ainda encontra todos

no primitivo assombro. Descobre-se e debica-os a valer, vingando-se de um por um, menos da Chiquinha, que pede em casamento.

Seria facil resumir, dest'arte, cada uma das nove comedias do espirituoso fluminense e documentar amplamente nosso primeiro asserto, que não se desmente, nem até em o *Noviço,* a mais avultada d'ellas.

Mas, afinal, qual é o genero de espirito do auctor? qual o alcance geral de sua obra? como elle pensou e sentiu? que juizo fez dos homens e das coisas? Que lição nos deixou? Eis a questão fundamental que á critica incumbe descobrir e formular, sob pena de não ser mais que um passatempo ocioso e esteril.

Martins Penna não era um temperamento philosophico. Sua visão dos homens e da sociedade não manifesta preoccupações theoricas do pensamento. Nenhuma sombra sobre o eterno problema das coisas vem pousar em sua obra.

O estylo tambem não accusa jamais outra tendencia, além de uma alma galhofeira e intelligente, apta a observar o ridiculo dos homens; mas sem tirar d'ahi uma consequencia qualquer. Ri pelo gosto de rir, não como o moralista que busca doutrinar, ou o pessimista que procura castigar, ou como o misanthropo que se delicia em fazer soffrer. E'

o espirito comico em uma sociedade ainda nova; cheia de vicios, é certo, porém, não ainda de todo corrompida. A superficie está affectada; mas as molas centraes do organismo estão intactas. Não era tambem um poeta, um lyrico; a imaginação nunca desferia n'elle o vôo para as altas regiões ethereas das douradas scismas, dos devaneios immarcessiveis. Era um observador, já o dissemos; porém, a penetração de sua analyse nunca foi além da epiderme social.

O vasto e escuro mundo subterraneo das paixões terriveis, que Eschylo e Sophocles não chegaram a vêr, em cuja porta pararam Euripedes e Aristophanes, em cujo atrio ficaram Calderon e Lope de Vega ao lado de Cervantes, e em cujo interior penetraram afoitamente Shakespeare e Molière, essa pavorosa região nosso dramatista nem sequer teve d'ella o presentimento. Por isso o espirito nunca foi n'elle a parodia reflexa da melancolia, como o humor e a ironia dos grandes soffredores. O espirito n'elle não passou nunca da pilheria das situações equivocas, da graça dos ditos mais ou menos pesados, do trocadilho mais ou menos picaresco.

A gente que nos dá a conhecer, a sociedade em que nos introduz, essa multidão, onde avultam juizes da roça, vadios dos logarejos,

pequenos e grandes lavradores, roceiras namoradas, capitães-móres, estudantes, irmãos das almas, meirinhos, caixeiros traficantes, moças namoradeiras ou sonsas, empregados publicos, guardas nacionaes, noviços, frades, compadres mexeriqueiros, mulheres casadas namoradeiras, sogras desaforadas, traficantes de negros-novos, moedeiros falsos, melomaniacos, mocinhas atrevidas da pequena burguezia, viuvas gaiteiras, todo esse tumultuario mundo é marcado por uma só nota: uma mediocridade completa. Não ha uma figura saliente, notavel, poderosa em bem ou em mal.

Tudo insignificantemente mediano. Não existem os heroes da virtude, nem os potentes scelerados do crime. Nenhuma paixão ali estúa ou delira. Os dois maiores apaixonados de todo o theatro de Penna são o Antonio Affonso pela musica no *Dilletante* e Ambrosio pela fortuna de Florencia no *Noviço;* mas o primeiro é um caracter de desfructavel pouco desenvolvido pelo auctor, e o segundo é um velhaco de pequena traça parcamente desenhado.

Não é isto censurar a Martins Penna, é conhecêl-o justificando-o. O moço fluminense não era um espirito caustico e desabusado, um bohemio pouco sério, como Gregorio de

Mattos, por exemplo. Era um pacato e sóbrio empregado publico dos primeiros annos do segundo reinado, filho, pois, d'uma sociedade pouco complicada n'uma cidade, então de quarta ordem, verdadeiramente colonial ainda; não tinha, não podia ter as demasias do outro, velho andarilho impenitente, que haurira o veneno da vida dissoluta de Lisboa e Coimbra no seculo XVII.

Penna estereotypa o seu tempo, cujos vicios e esgares comicos apprehendeu completamente. Se aceitarmos a definição de Aristoteles que—o comico é tudo que está fóra de seu tempo e de seu logar, se não envolve perigo, porque, se o envolve, passa então a ser tragico,—ninguem melhor do que o comediographo fluminense o comprehendeu, porque ninguem melhor do que elle arranjou em scena tantas situações d'esse genero. Quasi não existe pagina de suas composições onde se nos não depare alguma e as mais das vezes de fazer rir as pedras.

Bem desempenhadas por actores de *verve* e talento, são de provocar a gargalhada de principio a fim, especialmente a espectadores brazileiros, porque a côr local, o sainete nacional predomina em todas ellas.

O escriptor photographia o seu meio com uma espontaneidade de pasmar, e essa espon-

taneidade, essa facilidade, quasi inconsciente e organica, é o maior elogio de seu talento. Se se perdessem todas as leis, escriptos, memoria da historia brazileira dos primeiros cincoenta annos deste seculo XIX, que está a findar, e nos ficassem sómente as comedias de Penna, era possivel reconstruir por ellas a physionomia moral de toda essa época.

N'ellas não existem a poesia da natureza, o vago, o sonho, as fugas para o ideial, que os proprios comicos gregos não se dedignavam de mesclar ás suas buffonerias.

Nada por exemplo, que, de perto ou longe, lembre este hymno matinal do côro das *Nuvens* em Aristophanes, quando ellas se elevam e saudam o universo, que se lhes vai descortinando:

«Nuvens eternas, levantemo-nos aos ares e mostremos a todas as vistas nossas doces e vaporosas ondulações. Do seio do velho Oceano, nosso pai, do meio das vagas ruidosas, subamos aos cimos altissimos, que as florestas sombream. D'ali veremos a terra sagrada que alimenta os fructos, os rios divinos de ondas marulhosas, o mar que muge surdamente. O sol, phanal sempre acceso no fundo do ether, brilha com todos os seus raios. Separemo-nos d'esses vapores humidos que nos envolvem, e, revelando nossas

fórmas immortaes, contemplemos com um olhar infinito a superficie inteira da terra.»

Não ha no auctor fluminense a poesia de Aristophanes nem as maximas moraes de Menandro; existe, em compensação, o intenso realismo dos observadores modernos.

Vejam esta scena do *Juiz de Paz da Roça;* Manoel João acaba de receber a intimação para ir levar o recruta á cidade; vai fardar-se enfadado, toma a calça de ganga azul, a jaqueta de chita, os tamancos, a barretina, o cinturão com baioneta e um grande páu na mão, e vem mostrar-se todo gamenho á mulher e á filha, e antes de partir, despedir-se d'ellas:

«*Manoel João.* — Estou fardado. Adeus, senhora, até amanhã (*Dá-lhe um abraço*).

Anninha. — A bença meu pai.

M. J. — Adeus, menina.

A. — Como meu pai vai á cidade, não se esqueça dos sapatos francezes que me prometteu.

M. J. — Pois sim.

Maria Rosa. — De caminho compre carne.

M. J. — Sim. Adeus minha gente, adeus.

M. R. e *A.* — Adeus. (*Acompanham-n'o até a porta*).

M. J. — (*A' Porta*). Não se esqueça de mexer a farinha e dar de comer ás gallinhas.

M. R. — Não *(Sai Manoel João)*. Menina, ajuda-me a levar estes pratos para dentro. São horas de tu ires colher o café, e de eu ir mexer a farinha ... Vamos.

A. — Vamos, minha mãi ... *(Andando)* Tomara que meu pai não se esqueça dos meus sapatos ... *(Saem)*.

E' photographado do natural; scenas d'estas contam-se ás duzias em Martins Penna.

E esta qualidade ficará mais nitidamente expressa no estudo do auctor do *Judas em Sabbado de Alleluia* em suas relações com a sociedade brazileira.

IV

Penna e a sociedade brazileira

A lição que as comedias de Penna nos dão da sociedade brazileira não é muito lisonjeira para esta.

Muitos dos vicios, senão todos, que é moda hoje aos *laudatores temporis acti* assacar aos contemporaneos, já então nos deprimiam em larga escala.

O nosso comediographo é a documentação viva dos primeiros cincoenta annos d'este seculo no Brazil. N'este sentido leva decidida vantagem a todos os escriptores de seu tempo, nomeadamente aos auctores dramaticos. Estes, entre nós, se podem dividir em tres grupos, que correspondem a tres phases diversas do theatro e da vida nacional. O primeiro é o dos espiritos enthusiastas que pre-

tenderam no decennio de 1838 a 1848 crear n'este paiz a litteratura da scena. O mais notavel d'elles foi incontestavelmente o illustre auctor dos *Irmãos das Almas,* com seus dramas e comedias, especialmente com estas ultimas. Domingos de Magalhães foi o segundo em importancia, seguindo-se Gonçalves Dias, que deu ao theatro tres ou quatro dramas e Araujo Porto-Alegre, que escreveu algumas comedias. Igual a todos estes foi certamente L. A. Burgain, francez de origem e brazileiro na acção e nos feitos. A esta phase pertenceu Noberto e Silva que produziu tragedias, dramas e comedias, tudo de valor muita negativo. O segundo grupo formou-se d'aquelles moços generosos, pleiade de homens de talento que de 1856 a 1863 ou 64 procuraram reerguer o theatro no Brazil, levantando-o do abatimento em que tinha caído. Manoel de Macedo que, aliás, vinha da época antecedente, Agrario de Menezes, este na Bahia, José de Alencar, Pinheiro Guimarães, Achilles Varejão, Castro Lopes, Constantino Gomes de Souza, Augusto de Castro foram entre elles os mais notaveis. A terceira e ultima phalange é a dos trabalhadores contemporaneos, a datar dos annos proximos a 1870 até aos nossos dias. Que o saibamos, os mais illustres então têm sido França Junior, já hoje morto

e que vinha do periodo anterior, e os dois irmãos Arthur e Aluizio Azevedo. Outros ha agora ahi que se têm mettido a escrever para o theatro; mas são tão inferiormente nullos, que ficaria para sempre maculada a penna de escriptor serio que d'elles se occupasse.

Martins Penna, tendo nascido em 1815, teve sete annos de vida no regimen colonial, o que importa dizer que na imaginação infantil, ainda que um tanto apagadas, deviam-lhe ter ficado algumas scenas do tempo do rei velho, que foi amigo do Brazil; tinha dezeseis annos, quando se deu o movimento de 7 de abril, que arredou do paiz o primeiro imperador e iniciou a Regencia, o que quer significar que se lhe formou a intelligencia n'esse agitado periodo em que os Andradas, Pedro I, Cayrú, Clemente Pereira, Januario, Ledo, Villela Barbosa foram as primeiras figuras, e os caprichos da Domitilla constituiram o escandalo do dia, ao lado dos soffrimentos da primeira imperatriz; tinha vinte e cinco annos, quando se operou a revolução parlamentar da maioridade, o que equivale a affirmar que acompanhou de perto os acontecimentos da phase tormentosa da Regencia, que teve por protogonistas Feijó, Evaristo, Vergueiro, Olinda, Bernardo de Vasconcellos, com o terrivel cortejo das setembrizadas, abriladas,

sabinadas em côro com *Cabanos, Balaios, Farrapos* e outras galhardias do genero, que sombrearam sinistramente os annaes do tempo. Veiu a fallecer em 1848, o que vale explicar que assistiu ao periodo de luctas do segundo reinado em plena maturidade de intelligencia. E é por isso que a vida burgueza particularmente dos vinte annos, que vão de 1828 a 1848, se acha esteriotypada em seu theatro com uma intensidade que nenhum outro lhe poderia dar. Magalhães, Gonçalves Dias, Porto-Alegre não tinham espirito observador, e malbarataram o melhor do tempo em que o poderiam formar, divagando na Europa, exactamente por aquelles annos da Regencia, que foram de crise séria nos modernos destinos do Brazil. Penna aqui se deixou ficar, e só foi ali, por assim dizer, para morrer. Sua intelligencia formou-se, acrysolou-se cá dentro, sem ter tempo de dissolver-se n'esse cosmopolitismo incongruente e enfermiço, que corrompe quasi sempre o espirito dos brazileiros, que vão esquecer no velho mundo o pouco que sabiam de sua terra.

Perderia seu tempo quem quizesse conhecer a sociedade brazileira pelo theatro de Magalhães, Dias, Porto-Alegre e Norberto e Silva. *Olgiato, Leonor de Mendonça, Clytemnestra* são obras estrangeiras pelo assumpto e pelo

estylo. E' preciso chegar a Macedo, a Agrario, a Alencar, a França Junior para se encontrar de novo o filão que tinha sido descoberto pelo auctor do *Noviço*.

Temos indizivel desprazer em nunca haver lido ou visto representar as suas perdidas composições theatraes. Mina prodigiosa de documentações do viver brazileiro devem ser ellas e fazemos aqui um voto para que se não inutilize esse thesouro. As nove que conhecemos parece que foram escriptas hontem; pois fundamentalmente os vicios nacionaes são ainda os mesmos na distancia de mais de cincoenta annos. Vejamos alguns.

O sestro brazileiro contra o estrangeirismo, ogerisa, que é a base do moderno *jacobinismo*, já então existia. Eis o que se lê na scena IV do *Caixeiro da taverna:*

« *Francisco.* — Ora, dize me, que póde fazer um pobre funileiro *do paiz*, quando a rua do Ouvidor está cheia de latoeiros e lampistas *francezes?*... Meu caro, se não fossem as seringas que fazemos para os moleques brincarem o entrudo, não sei o que seria de nós.

Manoel. — Se vocês trabalhassem tão bem como elles!...

Francisco. — E' um engano!... é uma mania!... e todos vão com ella... *é obra estrangeira*

e basta! ... Não se vê por esta cidade senão *alfaiates francezes, dentistas americanos, machinistas inglezes, medicos allemães, relojoeiros suissos, cabelleireiros francezes, estrangeiros de todas as cinco partes do mundo* ... *E resistam os artistas do paiz,* se são capazes, a esta corrente! ... »

A linguagem hoje não é outra; e já vêem os estrangeiros e reaccionarios de todos os feitios e côres que não andam acertados quando a consideram uma invenção do nacionalismo hodierno.

O elogio banal e inconsciente ao *bon vieux temps* em detrimento do presente, porque é sempre mais facil declamar encomios ao passado do que estudar um presente que se não conhece, tambem lá se acha. Veja-se a mesma scena da citada comedia.

« *Francisco.* — Adeus, Manoel.

Manoel. — Como estás, Chico?

F. — Vamos remando contra a maré!

M. — Chico, tu és bem feliz!

F. — Eu? Estás enganado... no mundo não se póde ser feliz sem dinheiro, e eu não o tenho.

M. — Trabalha, e terás.

F. — Trabalha! ... Sou, como bem sabes, official de funileiro, e já por muitas vezes te tenho dito o que presentemente ganha um official funilei-

ro... Olha, Manoel, minha avó dizia *que no tempo dos vice-reis, e mesmo no tempo del-rei, qualquer que tivesse um officio, ganhava a vida e ainda ajuntava dinheiro... Agora o caso é outro...* ».

N'aquella época (1845) a moda era gabar o tempo de D. João VI *o rei velho*, como d'antes o elogiado era o dos vice-reis, e agora é divinizar os saudosos tempos da monarchia... E sempre assim foi o mundo, e o nosso Brazil não havia de o desmentir. Mas não fica ahi; só esse *Caixeiro da Taverna* dá para documentar varios costumes do tempo, que ainda hoje vigoram impenitentes. Cá está o velho habito de certo commercio que altera e falsifica os generos, por causa dos impostos, *os malditos direitos cada vez mais subidos*...

Leia-se a scena III:

« *Manoel.* — Chegou a pipa de aguardente que se foi buscar ao trapiche da Ordem?

Antonio. — Já, sim, senhor.

Manoel. — Pois recolha-a, e logo á noite tempere-a com quatro barris d'agua.

Antonio. — Sim senhor.

M. — *Os direitos cada vez estão mais subidos,* e como não podemos encurtar as medidas augmentamos o liquido... Em que estado estão aquellas pipas de vinho de Lisboa?...

A. — Ambas pelo meio.

M. — Pois acabe de as encher com agua fresca e bote-lhe dentro dois engaços de bananas e uma porção de páo campeche para lhe dar côr e tom; e quando o vender, diga aos freguezes que é vinho superior da companhia do Alto Douro.

A. — Sim, senhor.

M. — Não se esqueça de pendurar á porta este letreiro. (*Tira de sobre a carteira um rotulo com letras grandes que digam* — UNICO DEPOSITO DA COMPANHIA DO ALTO-DOURO). O publico deixa-se levar por estas imposturas ... Póde ir ... (*Antonio sai com o rotulo* —).»

Este Manoel é o typo acabado do vendelhão reinol ambicioso e velhaco. E' um dos melhores do theatro de Penna.

Como quer que seja, estas coisas não são de hoje; eram correntes no primeiro decennio do reinado de D. Pedro II. Tambem n'esse tempo, manda a verdade que se diga, o taverneiro afinal de contas era bom amigo da gente brazileira, uma parte da qual, já n'essa época, nem sempre timbrava em ser muito correcta e pontual em suas contas.

Eis-aqui a scena I da comedia citada:

«*Manoel.* — (*Continuando a sommar*). E 4 são 10, e 9 são 19, e 7 — 26, somma tudo 268$320

réis... que deve o Sr. Laurindo da Costa á viuva Pereira por generos comprados em sua taverna durante cinco mezes... Este é bom pagador... dinheiro seguro. (*Pegando em outra conta*) O major José Felix deve á viuva Pereira, etc., 129$800... contem com este... dinheiro perdido... é isto! querem todos comer a boa manteiga, o queijo frescal, o gordo paio... é só mandar um bilhetinho... Sr. Manoel, mande-me isto... Sr. Manoel, mande-me aquillo; mas quando chega a occasião de pagar as contas, é que são ellas... este não paga, aquelle desculpa-se, outro descompõe, quer dar no pobre cobrador.. é um inferno!... Ora, d'este pobre major tenho eu pena: mal lhe chega o soldo para pagar casa e educar quatro filhos que tem; mas, bem pensado, a venda de minha ama não é montepio militar... a nação que pague... »

Nada mais vulgar hoje do que o impertinente queixume da carestia dos principaes generos de primeira necessidade, phenomeno economico devido á libertação dos escravos, ao augmento da população, á transformação social do trabalho e outras causas secundarias de mais ou menos positiva elucidação. Os reaccionarios fingem ignorar os motivos geradores do facto e incriminando a actualidade por elle, sem se lembrarem que foi esse sempre um dos alimentos mais fecundos da maledicencia nacional.

Já em 1842, época das revoltas de Minas e S. Paulo, em principios do segundo reinado, escrevia Martins Penna nos *Dois ou o Inglez machinista*, scena I:

« *Clemencia.* — Muito custa viver-se no Rio de Janeiro, é tudo *tão caro!*

Negreiro. — Mas o que quer a senhora em summa? *Os direitos são tão sobrecarregados* . . . Veja só os generos de primeira necessidade quanto pagam? O vinho, por exemplo, cincoenta por cento!

Clemencia. — Boto as mãos na cabeça todas as vezes que recebo contas do armazem ou da loja de fazendas.

Negreiro. — Porém, as mais puxadinhas são as das francezas em summa.

Clemencia. — N'isso não se fala! Na ultima que recebi vinham dois vestidos que já havia pago e um que não tinha mandado fazer, e tal quantidade de linhas, cadarços e colchetes que fazia horror.

Negreiro. — E pagou?

Clemencia. — Assim era eu tola. Depois de muitas questões veiu-me o caixeiro dizer que tinha sido engano de nome.

Negreiro. — Queria vêr se pegavam as bichas. »

Esta Clemencia era uma ricaça, cujo marido havia feito viagem ao Rio Grande do Sul, e lá sido feito prisioneiro pelos *rebeldes*

havia já mais de dois annos, e não appareciam noticias d'elle. D. Clemencia, suppondo-se viuva, tratava cá de namoricar o inglez Gainer. O Negreiro era um refinado velhaco, portuguez, traficante no contrabando de escravos da Costa, e pretendente á mão da Mariquinha, filha de Clemencia e herdeira rica. São dois typos bem desenhados pelo dramaturgo fluminense.

E não são elles os unicos que no theatro do moço escriptor praguejam contra a carestia. O assumpto volta por vezes á scena, e, por exemplo, em Domingos João, da *Familia e a Festa na Roça,* complica-se elle com um singular *misoneismo* e uma especial mania de tudo criticar, ainda hoje muito do gosto de nossos fazendeiros. E' na scena I d'esta ultima comedia:

« *Domingos João* — Muito mal vamos nós n'este anno! As enchentes têm apodrecido as cannas: o café tem morrido no pé e seccado; o arroz, n'isso não falemos! está tudo alagado, entende o senhor? Não bastava, para afflicção de um pobre fazendeiro, as enchentes, sêccas e o mais, era tambem preciso que soffresse a falta de pagamentos de seus foreiros. Os diabos os levem, junto com as suas choradeiras. Não pagam o fôro dois, tres annos, e no fim das contas safam-se com um filhinho, que é mesmo uma

lesma, e a senhora que seja madrinha! Não se dá maior desafôro! Minha comadre p'ra cá, minha comadre p'ra lá, seu afilhado p'ra aqui, seu afilhado p'ra acolá, e com estas e outras choramingadeiras, entremeadas com um ovo ou uma banana, que trazem de presente, pagam-nos, e faça Deus bom tempo. Isto não vai bem, entende o senhor? Pretendo amanhã botar café para baixo; porém o diabo das estradas estão mesmo como a cara de quem as fez. Na verdade ha gente muito tola! Si agora temos estradas más, sendo ellas de terra, quanto mais sendo ellas de vapor! Ora, não se dá maior asneira: estrada de vapor! e dizem que tambem ha carros! Os homens perderam o juizo. Por isso é que ha tantas rusgas. (*Levanta-se*). Meio dia não tarda, e é tempo de chamar a gente do eito, pois os sóes d'agora são o diabo! Mais vale trabalhar pouco e são, que nada e doente... Bom! Veremos o que se fez hoje... Já me vai faltando gente. E' preciso ir um d'estes dias á cidade, p'ra vêr si posso comprar alguns meias-caras. *O máo é estarem elles tão caros...* »

Este curioso especimen de praguejador de tudo e de todos, do tempo, do sol, da chuva, do frio, do calor, das estradas, dos foreiros, dos preços, das invenções, é vulgarissimo entre nós desde romotos tempos. Quando é inculto fala no estylo de Domingos João; quando tem certa instrucção é muitas vezes

jornalista e nós lhe sabemos o nome, ou antes os nomes, porque elle é legião. E muita gente boa a pensar que isso era invenção de hoje! Valha-nos a leitura de Martins Penna.

A verdadeira sabedoria politica ensina que os males humanos são em grande escala irremediaveis; são a consequencia da existencia mesma da sociedade. São de todos os tempos e de todos os logares; o que muda n'elles é apenas a fórma. Todas as doutrinas, todos os systemas que, denegrindo por um lado, promettem por outro o Eden sobre a terra, são fallaciosos e mentidos como as panacéas universaes.

Felizes as nações que minoram o peso da carga, bem como felizes são os individuos que conseguem aligeirar a intensidade do soffrimento. Os reaccionarios promettem agora aquillo que não poderam cumprir durante setenta annos, quando tinham as molas da machina nas mãos.

Fôra bom que se lembrassem que já Domingos João no tempo d'elles se queixava do papel moeda, do cambio e... da republica.

O velho fazendeiro despacha o filho Ignacinho para a cidade a vender café e prorompe n'estas cogitações *(Scena IV)*, falando com a mulher:

« *Domingos João.* — D'esta vez serei mais feliz na minha venda, que da outra. Tomára eu que Ignacinho não trouxesse de lá *dinheiro de papel. Não ha nada de que eu tenha mais raiva.* Está um homem trabalhando; vem um aguaceiro e está tudo perdido. E eu, senhora, *que nunca pude entender esta historia de cambio* ... Uma hora é 5 por cento, outra hora 10, agora *o papel vale mais, logo vale menos; emfim, é uma coisa que elles lá sabem* ...

Quiteria. — (*Muito espevitada*) Eu sei, meu pai.

Domingos João. — Tu! ... Então o que é?

Quiteria. — Quando eu estive em S. João de Itaborahy, ouvi dizer que o *papel moeda era o mesmo que republica!* ...

Domingos João. — Cala a bocca, tola! ...

Ora, eis ahi: quem o diria? ha muita gente boa ainda hoje que raciocina exactamente como a Quiteria! Esta Quiteria não é uma individualidade, é um symbolo, é a encarnação da papalvice nacional. A da comedia correu o risco de casar com o bicharôco Antonio do Páu d'Alho, salvando-se á custa das espertezas do Juca, o estudante vadiote, filho d'um capitão-mór. A outra sabe Deus quem a corrigirá, que Páu d'Alho ahi será capaz de ensinar.

Como se está a vêr, parece que o dramatista brazileiro está vivo entre nós e escreveu

hoje as suas comedias. Para se tornar mais completa a illusão, acontece que as produziu no tempo da revolução, a famosa revolução dos nove annos no Rio Grande do Sul. As referencias a este facto apparecem em muitas d'ellas, e é como se estivesse a falar n'aquella ultima em que foi morrer o inditoso Saldanha da Gama e em que foi heróe o potente Gumersindo Saraiva. No *Juiz de Paz na Roça*, scena v, lemos:

« *Escrivão.* — Venho da parte do Sr. juiz de paz intimal-o para levar um recruta á cidade.

Manoel João. — Oh! homem, não ha mais ninguem que sirva para isto?

Escrivão. — Todos se recusam do mesmo modo e o serviço no emtanto ha de se fazer.

Manoel João. — Sim, os pobres é que o pagam.

Escrivão. — Meu amigo, isto é falta de patriotismo. Vós bem sabeis *que é preciso mandar gente para o Rio Grande, quando não perdemos esta provincia.*

Manoel João. — E que me importa eu com isso? Quem as armou que as desarme.

Escrivão. — *Mas, meu amigo, os rebeldes têm feito por lá horrores.*

Manoel João. — E que quer o senhor que se lhe faça! Ora, é boa! »

Nos *Dois ou o Inglez machinista,* ha ainda a referencia aos terriveis rebeldes, o que se repete com insistencia na *Familia e a Festa na Roça,* scena x. Antonio do Páu d'Alho, tendo chegado da côrte, está a narrar as maravilhas que por lá vira, e entre outras, conta a do homem que, no theatro, cortava a cabeça de qualquer e a tornava a pôr no logar, sem o menor perigo, Domingos está com toda a familia a ouvil-o, e n'este ponto o dialogo é o seguinte:

« *Domingos João.* — Isto é um milagre! *porque não mandam este homem para o Rio Grande, para dar vida aos soldados que lá morrerem, para não se recrutar tanto?*

Antonio. — Não sei; porque são coisas em que não me metto. *Si quizessem mandar esta qualidade de gente para o Rio Grande,* havia muito que mandar. Por exemplo, ha tambem lá um outro que tem força como um boi, e que levanta um varão de ferro que pesa quarenta arrobas, assim como eu levanto esta espingarda. (*pega na espingarda e levanta-a acima da cabeça*). Não acha que este tambem estava bom?

Domingos João. — Muito bom, e melhor ainda para pegar no cabo de um machado.

Joanna. — Ha coisas na cidade que espantam.

Quiteria. — E ha muitas modas novas?

Antonio. — Modas, não faltarão emquanto houverem lojas de francezas e tolos.

Domingos João. — Tem razão, tem razão, isto é uma ladroeira.

Joanna. — Muitas festas por lá, não é assim?

Antonio. — Muitas.

Domingos João. — Ora, diga-me, Sr. Antonio, como vão os meias-caras?

Antonio. — Iiiiiii! ... que bulha! que bulha!

Domingos João. — Então porque?

Antonio. — Umm!

Domingos João. — *E como vai o Rio Grande?*

Antonio. — Muito bem; porque já está bloqueado por mar e por terra.

Domingos João. — Bloqueado! não entendo.

Antonio. — A falar-lhe a verdade, tambem eu não entendo; porém, como dizem que bem, tambem o digo. Elles lá se entendem. »

Mais adiante veremos quem são esses *meias-caras* de que fala tantas vezes o satyrico escriptor.

Seria possivel multiplicar as citações referentes a outros defeitos hontem, como hoje, muito espalhados na sociedade brazileira. E' moda, por exemplo, dizer presentemente que em quasi toda a extensão do Brazil anda o mais das vezes perturbada a ordem, que se reproduzem os assassinatos por toda a parte.

Pois, ousamos affirmar que os dias de agora não são verdadeiramente aziagos em comparação aos famosos tempos do primeiro imperante, da regencia e dos primeiros annos do reinado do segundo imperador. N'este particular conhecemos ha annos dois velhos, um em Sergipe e outro em Pernambuco, intelligentes, sérios e dignos do maior credito, que nos contaram historias authenticas de assassinios, passados n'aquellas duas provincias n'aquelles tão gabados tempos, verdadeiramente horrorosos pelo numero e pela ferocidade. O primeiro, que era um velho musico de muito talento e famoso em Sergipe, tinha cerca de oitenta annos quando em 1874 o encontramos. Conhecia bem toda a sua provincia, Alagôas e sertões da Bahia. Era uma chronica viva. O segundo, senhor de engenho na comarca da Victoria, em Pernambuco, já muito avançado tambem em idade, era bastante instruido e conhecia a fundo a chronica das familias de toda a sua provincia e Parahyba do Norte. Sentimos devéras hoje não ter tomado por escripto o que ouvimos d'esses dois anciãos. A parte relativa ás luctas por questões de terras, casos de honra, ladroeiras, demandas, rivalidades politicas, o que tudo n'aquelle periodo dava quasi sempre logar a barbaros homicidios, encheria livros. E

o mesmo acontecia no Rio Grande do Norte, no Ceará, no Piauhy, no Maranhão.

Lembremo-nos sómente dos *Bemtevis*, *Cabanos* e *Balaios* e de suas temerosas façanhas.

Pois bem, em Penna ha um éco d'esses factos. E' em o *Noviço*, scena x do primeiro acto, quando Rosa, a primeira mulher do velhaco Ambrosio, o qual planejava metter no convento os filhos de Florencia, a segunda mulher chega do norte á procura do perfido bigamo, e vai á casa d'elle, onde se encontra com o noviço Carlos:

« *Rosa.* — Dá licença? . . .

Carlos. — Entre . . .

Rosa. — *(Entrando).* Uma serva de V. Rev.ma

Carlos. — Com quem tenho a honra de falar?

Rosa. — Eu, Rev.mo senhor, sou uma pobre mulher . . . Ai! estou muito cançada.

Carlos. — Pois sente-se, senhora. *(A' parte.)* Quem será?

Rosa. — *(Sentando-se.)* Eu chamo-me Rosa; ha uma hora que cheguei do Ceará no vapor *Paquete do Norte.*

Carlos. — Deixou aquillo por lá tranquillo?

Rosa. — Muito tranquillo, Rev.mo; houve apenas no mez passado vinte e cinco mortes.

Carlos. — *S. Braz!* vinte e cinco *mortes e chama a isso tranquillidade?*

Rosa. — Si V. Rev.ma *soubesse o que por lá vai, não se admiraria;* mas, meu senhor, isto são coisas que nos não pertencem; deixe lá morrer quem morre, *que ninguem se importa com isso.* — V. Rev.ma é cá de casa? . . . »

Tal era então a tranquillidade em quasi todo o Brazil, abalado de norte a sul por violentas convulsões de grosseiro partidarismo. *Facta loquntur.* Inutil é querer escondel-os. O depoimento de Penna é confirmado pelas chronicas e pelo jornalismo do tempo. Aquelle — *ninguem se importa com isso,* — escapo á ingenuidade da pobre sertaneja infeliz, dóe como uma chicotada na politiquice das velhas éras, que, ai de nós! é ainda a desalmada politiquice de nossos dias . . .

Muita gente tem ainda ahi a mania de se querer titular nas academias, e tudo pretender, o que não priva que outros se esbofem contra esse séstro, a que attribuem muitos de nossos males. Ao talentoso comediographo não escapou essa molestia.

Lê-se na scena IV do *Caixeiro da Taverna:*

« *Francisco.* — Meu pai é que é o culpado de estar eu hoje como estou!

Manoel. — Como assim?!

Francisco. — Em logar de ensinar-me o seu offi-

cio, como ensinou-me, podia ter-me mandado para S. Paulo estudar leis... bem podia estar deputado.

Manoel. — Ah! ah! ah! D'este modo podemos ser tudo...

Francisco. — Manoel, tu és filho de Portugal e não estás bem ao facto da nossa Constituição... ella diz: a lei é igual para todos... *isto quer dizer que todos podem ser tudo.*

Manoel. — Ah! entendes assim?

Francisco. — No talento é que está a differença... o homem de talento póde ser tudo quanto quizer... e tu bem sabes que eu tenho talento... ainda ninguem pôde fazer, como eu, uma seringa que esguiche agua mais longe.

Manoel. — Ora, Chico! *(Sorrindo).*

Francisco. — Olha, Manoel, não sei o que te diga... ás vezes custa mais a fazer uma seringa de esguicho do que certas leis...»

Quem não terá quasi diariamente ouvido este palavreado por ahi além? Fundamentalmente verdadeiro, se realmente se tratasse de talento irrecusavel e sério; não passa elle de uma das fórmas da leviandade geral. Quasi todo o mundo entre nós se tem na conta de um genio *méconnu;* cada um se queixa da maldita sociedade que o não deixa alar a gosto.

O mais incriminado é o pobre governo,

que não toma a si o encaminhar os genios e aproveitar os talentos. Elle deve dar o sol e a chuva e deve até dirigir a carreira de toda a gente. Isto nos faz lembrar que até essa mania não escapou á observação de Martins Penna.

Até o gaiato e endiabrado Carlos do *Noviço* soffria d'ella. Aqui está o que elle diz na scena VII do 1.° acto:

«*Carlos.* — O tempo acostumar!... eis ahi porque vêmos entre nós tantos absurdos e disparates! Este tem geito para sapateiro, pois vá estudar medicina... excellente medico... aquelle tem inclinação para comico, pois não senhor, será politico... Ora ainda isso vá. Este outro só tem geito para caiador ou borrador, nada, é officio que não presta... seja diplomata que borra tudo quanto faz. Aquelle outro chama-lhe toda a propensão para a ladroeira; manda o bom senso que se corrija o sujeitinho, mas isto não se faz; seja thesoureiro de repartição fiscal, e lá se vão os cofres da nação á garra... Esse outro tem uma grande carga de preguiça e indolencia, e só serviria para leigo de convento, no emtanto vêmos o bom do mandrião empregado publico, comendo com as mãos encruzadas sobre a pança o pingue ordenado da nação.

Emilia. — Tens muita razão, assim é...

Carlos. — Este nasceu para poeta ou escriptor,

com uma imaginação fogosa e independente, capaz de grandes coisas, mas não póde seguir a sua inclinação, porque poetas e escriptores morrem de miseria no Brazil!... e assim o obriga a necessidade a ser o mais somenos amanuense em uma repartição publica e a copiar cinco horas por dia os mais somniferos papeis... o que acontece? — Em breve matam-lhe a intelligencia, e fazem do homem pensante machina estupida... e assim se gasta uma vida!...: *É preciso, é já tempo que alguem olhe para isso... e alguem que possa...*

Emilia. — Mas, Carlos, hoje te estou desconhecendo.

Carlos. — A contradicção em que vivo tem-me exasperado! E como queres tu que eu não fale quando vejo, aqui um pessimo cirurgião que poderia ser bom alveitar; ali um ignorante general que poderia ser excellente enfermeiro; acolá um periodiqueiro que só serviria para arreeiro, tão desbocado e insolente é, etc. etc... *Tudo está fóra dos seus eixos...*

Emilia. — Mas que queres tu que se faça?

Carlos. — Que não se constranja ninguem; *que se estudem os homens, e que haja uma bem entendida protecção;* e que sobretudo se *despreze o patronato*, que assenta o jumento nos bancos das academias, e amarra o homem de talento á mangedoura...»

Trecho, em verdade, instructivo como manifestação da mania romantica de censurar os governos, por não protegerem os talentos, mania essa que recrudesce agora encampada por um socialismo bastardo, que vive tambem de chimeras e objurgatorias. Carlos, em sua ingenuidade *esconjurava o patronato* e, ao mesmo tempo, *reclamava uma bem entendida protecção*. Mas quem não terá diariamente ouvido essas lamurias, que não são de hoje, e já no tempo do Imperador molestavam os ouvidos de Sua Magestade?

O *patronato*, o *empenho*, são, por certo, forças sociaes, que teem exercido ampla funcção; mas a sociedade, até hoje, não tem passado da organisação do abuso em larguissima escala e é quasi impossivel emendal-a por essa face, que, ao menos, serve para quebrar-lhe a monotonia. Demais, o empenho muitas vezes é bem applicado, põe-se ao serviço do merito, o que, de fórma alguma importa de nossa parte a defeza da injustiça. Como quer que seja, porém, não é de agora essa lazeira social. Penna a conheceu e estigmatisou em mais de um ponto de suas comedias. Nos *Dois ou o Inglez machinista*, scena I, temos este bello sorites:

« *Clemencia.* — A proposito já lhe mostrei o moleque que recebi hontem da Casa de Correcção?

Negreiro. — Pois recebeu um?

Clemencia. — Recebi, sim. Empenhei me com minha comadre, minha comadre empenhou-se com a mulher do desembargador, a mulher do desembargador falou ao marido, este pediu a um deputado, não sei si da maioria ou da opposição, o deputado ao ministro e fui servida.

Negreiro. — Não está má a ladainha.

Clemencia. — Não sei cá d'isso; o caso é que elle está em casa. »

A *ladainha,* na frase de Negreiro, é um sorites ainda mais completo que o celebre *sorites de Nabuco* contra o systema parlamentar, dizem; contra o Imperador é que foi elle na mente do famoso homem de Estado.

A verdade é, porém, que nem aquelle systema, nem o monarcha tinham a culpa de uma tendencia, de um vicio, se quizerem, que anda no sangue da gente, de um vicio, que é brazileiro, ou antes, que é humano. Só um fantastico idealismo politico, um optimismo vago e chimerico é que póde ter illusões a este respeito. Sejamos, pois, mais complacentes em nosso despejado censurar de tudo e de todos e façamos justiça a nossos costumes de hoje ou de hontem.

Uma das maculas nacionaes que mais vivamente apparecem nas comedias de nosso compatriota é, sem duvida, a da escravidão.

Não ha nenhuma de suas obras conhecidas em que directa ou indirectamente ella não appareça; não ha nenhuma em que não exista alguma referencia á nefanda instituição por palavras que seja. Os termos *preto, negro, escravo, moleque, mucama, meia-cara* lá estarão, ao menos, para dar testemunho do facto. E, o que mais é, o trafico africano estava prohibido com força, os cruzeiros inglezes andavam a vigiar os pontos de desembarque do perfido contrabando, e elle ia sempre por diante, a despeito dos esforços dos dois governos.

Tanto é verdade que muitas vezes os vicios sociaes estão mais nos povos do que nas instituições que os regem. A coisa estava nos costumes. Anda-se ahi, ás vezes, a dizer que em nossos dias tem-se ainda a petulancia de captivar gente no alto Amazonas, que ali existe um novo trafico de escravos. Talvez seja verdade; mas eis o que escrevia Martins Penna, como coisa succedida em 1842, na scena I dos *Dois ou o Inglez machinista:*

« *Felicio.* — *(Que tem tomado o Jornal).* Oh! Nova presa! *(para Negreiro)* A quem pertence o

brigue *Veloz Espadarte* aprisionado hontem junto da Raza pelo cruzeiro inglez?

Negreiro. — A um pobre diabo que está quasi maluco . . . Mas é bem feito para não ser tolo. Quem é em summa que n'este tempo manda entrar um navio com similhante carregamento sem tomar as necessarias precauções? Aos meus não ha de acontecer tal.

Felicio. — (*Levantando-se e á parte*). Que descaramento!

Clemencia. — Não fale, que lhe póde caír o raio em casa.

Negreiro. — Qual! Verdade seja que as reformas do codigo foram o diabo. »

Descarados d'esta laia abundavam então e, foram elles, portuguezes a mór parte das vezes, que encheram o paiz de muitas centenas de milhares de Africanos reduzidos á escravidão n'este seculo, depois que nossos governos tinham completamente abolido o trafico. Desnortearam, dest'arte, cada vez mais a vida economica brazileira, e são os substitutos d'elles actualmente os mais encarniçados em deturpar tudo, a praguejar contra o *cambio, a bancarota, a carestia* e outros *ora pro nobis* da ladainha do dia.

O tal Negreiro, pretendente ao dote (pois já n'aquelles tempos havia os pescadores de

dotes) da Mariquinha, filha da Clemencia, não houve traça que não empregasse para levar avante seus intentos.

Saiu-lhe o plano ás avessas, a despeito da protecção da irrequieta Clemencia, porque o Felicio, primo de Mariquinha, e o apparecimento de Alberto, que não tinha morrido no Rio Grande, burlaram-lhe as pretenções. No fim da peça, que foi para elle uma serie de contra-tempos, brada: «*Em summa fiquei mamado e sem dote* ...» Não houve traça, dissemos nós, que esse traficante, que, quando falava, tinha sempre um indefectivel *em summa*, não empregasse para cair em graça da rica moçoila. Uma vez chegou a mandar-lhe de presente n'um cesto coberto de baeta encarnada, um meia-cara de sete annos, como se fosse um perú, um capado, ou um cacho de bananas da terra. Chamava-se *meia-cara* o preto africano introduzido furtivamente no Brazil pelo contrabando negreiro.

Davam-se de presente nos dias de annos, e, quando ainda meninos, iam em cestos ou taboleiros, cobertos com alvas toalhas, para surpreza e recreio das yayás dengosas.

Negreiro mandou o d'elle coberto de baeta encarnada, por ser um tratante sem gosto. Era esse um dos mais ridiculos traços de nossos costumes, ainda nos primeiros annos do se-

gundo reinado. Não escapou a Penna, que o consigna na scena IX dos *Dois ou o Inglez machinista*. E' muito interessante; vale a pena lêl-a:

« *Negreiro.* — (*Entrando com um preto, de cesto á cabeça*). Um seu criado.

Clemencia. — Oh! pois voltou? O que traz com este preto?

Negreiro. — Um presente para a Sr.ª D. Mariquinha.

Clemencia. — Vejamos o que é.

Negreiro. — Arreia, pai! (*Ajuda o preto a descançar o cesto no chão. Clemencia e Mariquinha chegam para junto do cesto*).

Clemencia. — Descubra. (*Negreiro descobre o cesto e d'elle levanta-se um moleque de sete para oito annos, de tanga azul e carapuça encarnada, o qual fica em pé dentro do cesto.*)

Clemencia. — Oh! gentes!

Mariquinha. — Oh!

Felicio. — Um meia-cara!

Negreiro. — Então? (*Para o moleque*) Quenda! quenda! (*Puxa-o para fóra*).

Clemencia. — Como é bonitinho!

Negreiro. — Boa peça! (*Para o moleque*) Guzo sai! (*O moleque sacode os braços*).

Clemencia. — Como é engraçadinho!

Negreiro. — (*Para Mariquinha*). Ha de ser seu pagem.

Mariquinha. — Não preciso de pagens.

Clemencia. — Então, menina! (*Para Negreio*). E' muito criança.

Negreiro. — Muito.

Clemencia. — (*Para o moleque*) Mostra os dentes. (*O moleque conserva-se com a bocca fechada*).

Negreiro. — Ainda não sabe lingua de branco. (*Para o moleque*) Zimbo cará tumú son. (*O moleque mostra os dentes*).

Clemencia. — Principia a mudar, terá sete para oito annos.

Negreiro. — E' dos desembarcados hontem em Botafogo.

Clemencia. — Ah! dá licença que o leve para dentro?

Negreiro. — Pois não! (*Para o moleque*) Quenda!

Clemencia. — (*Tomando o moleque pela mão*) Quenda! quenda! (*Saem Clemencia, Mariquinha e o moleque*). »

Então? Como era isto edificante! O contrabando e a escravidão eram como coisas normaes que não escandalisavam as melhores familias. Não queremos fazer a apologia do tempo presente; nem desejamos denegrir o passado; um tempo vale o outro, um é o desdobramento de outro. Já andamos um pouco scepticos diante das prophecias syracusanas de todas as fórmas e estylos. Gabar o passado em

detrimento do presente, ou o presente systematicamente em desfavor do passado, assenta bem na bocca dos ignorantes ou dos declamadores; não desejamos um posto n'essa companhia.

Mas sustentamos que a leitura de Penna é apta a desfazer muitas illusões. Achamos até que suas comedias deveriam voltar á scena para ensinamento do povo e para correcção de certas pretenções e veleidades.

Uma das pragas de nosso meio economico é o veso de fabricar moeda falsa; e esta lepra não é de agora; é, ao envez, bem antiga. Os velhos annaes da criminalidade nacional estão cheios de muitos casos do genero. Não era possivel que a um analysta da clarividencia do auctor dos *Irmãos das almas* não se deparasse esse abuso de certos velhacos. Não lhe escapou. No *Judas em Sabbado de Alleluia* temos uma scena caracteristica do facto. E' toda a scena XI, cujo começo citaremos:

« *Antonio Domingos.* — Um seu criado. Dá licença?

Pimenta. — Ah! é o Sr. Antonio Domingos! Seja bem apparecido; como vai isso?

Antonio. — A seu dispôr.

Pimenta. — Dê cá o seu chapeu. (*Toma o chapeu e o põe sobre a mesa.*) Então o que ordena?

Antonio. — *(Com mysterio)* Trata-se do negocio.

Pimenta — Ah! espere (*Vai fechar a porta do fundo, espiando primeiro si alguem os poderá ouvir*). E' preciso cautela. *(Cerra a porta que dá para o interior.)*

Antonio. — Toda cautela é pouca. (*Vendo o Judas*). Aquillo é um Judas?

Pimenta. — E' dos pequenos. Então?

Antonio. — Chegou nova remessa do Porto. Os socios continuam a trabalhar com ardor. Aqui estão dois contos (*Tira da algibeira dois maços de papeis*) um em cada maço; é dos azues. D'esta vez vieram mais bem feitos. (*Mostra uma nota de 5$000 que tira do bolso do collete*) veja; está perfeitissima.

Pimenta — (*Examinando-a*). Assim é.

Antonio. — Mandei aos socios fabricantes o relatorio do exame que fizeram na Caixa da Amortisação — sobre as da penultima remessa. e elles emendaram a mão. Aposto que ninguem as differençará das verdadeiras.

Pimenta. — Quando chegaram?

Antonio. — Hontem, em o navio que chegou do Porto.

Pimenta. — E como vieram?

Antonio. — Dentro de um barril de paios.

Pimenta. — O lucro que deixa não é mau; mas arrisca-se a pelle...

Antonio. — Que receia?

Pimenta. — Que receio? Si nos dão na malhada, adeus minhas encommendas! Tenho filhos...

Antonio. — Deixe-se de sustos. Já tivemos duas remessas, e o senhor só por sua parte passou 2:500$, e nada lhe aconteceu.

Pimenta. — Bem perto estivemos de ser descobertos; houve denuncia, e o thesouro substituiu os azues pelos brancos.

Antonio. — Dos bilhetes aos falsificadores vai longe; aquelles andam pelas mãos de todos, e estes fecham-se quando falam, e acautelam-se. Demais, quem nada arrisca, nada tem. Deus ha de ser comnosco.

Pimenta. — Si não fôr o chefe de policia!...

Antonio. — Este é que póde botar tudo a perder; mas peior é o medo. Vá guardal-os. *(Pimenta vai guardar os maços de bilhetes em uma das gavetas da commoda, e a fecha á chave).*

Antonio. — *(Emquanto Pimenta guarda os bilhetes).* Cincoenta contos da primeira remessa, cem da segunda, e cincoenta d'esta, fazem duzentos contos; quando muito vinte de despeza, e ahi temos cento e oitenta contos de lucro. Não conheço negocio melhor. (*Para Pimenta*) Não os vá trocar sempre na mesma casa; ora aqui, ora ali. Tem cinco por cento dos que passar. »

Talvez seja por estas e outras scenas d'esse realismo verdadeiro e cruel que Martins Penna foi sendo esquecido e suas comedias arredadas quasi completamente do tablado.

Certa classe de poderosos não poderia vêr com bons olhos aquellas coisas á luz da ribalta. Era preciso esconder tantas indiscrições e não dar occasião do publico rir de tantas melgueiras de gente de gravata lavada. Crêmos que nos não enganamos n'esta suspeita.

Outra causa que deve ter muito contribuido para isso é a constante referencia a *escravos*, *moleques*, *mucamas*, o apparecimento de *pretos* ou *cafusos* em scena; porque n'um paiz onde a maioria da população é de gente de côr, de mestiços de todas as gradações, essas coisas não agradam, não podem agradar e nós, a despeito de todas as nossas pretenções liberalisantes, temos em larga escala, innegavelmente, a pretenção e o gosto da *branquidade*. Aqui só se dá por mestiço quem de todo não póde negar; todos os mais, logo que possam disfarçar, dão-se por brancos de boa linhagem. Ora, um escriptor de theatro que tem a audacia de botar em scena *um moleque dentro d'um cesto*, está irremediavelmente condemnado ao esquecimento. Tal a razão tambem porque ninguem mais vê representar a obra prima de Alencar. — *O Demonio Familiar*.

Continuemos a desfiar as mazellas assignaladas por Penna em a sociedade de seu

tempo, que, não cançamos de repetir, são as mesmas de hoje.

As ladroagens e vinganças, por exemplo, em coisas de patriotadas, em agrupamentos e instituições com fumaças de ardor guerreiro, já era coisa de vulgar noticia. Eis um traço dos arranjos feitos, sob pretexto de serviços na guarda nacional; é da scena VIII do *Judas em Sabbado de Alleluia:*

« *Pimenta.* — Ás suas ordens, Sr. capitão.

Capitão. - O guarda Faustino foi preso?

Pimenta. — Não, senhor. Desde quinta-feira que andam dois guardas atraz d'elle, e ainda não foi possivel encontral-o. Mandei-os que o fossem esperar á porta da repartição, e tambem lá não appareceu hoje. Creio que teve aviso.

Capitão. — É preciso fazer diligencia para se prender esse guarda, que está ficando muito remisso. Tenho ordens muito apertadas do commandante superior. Diga aos guardas encarregados de o prender que o levem para os provisorios. Ha de lá estar um mez. Isto assim não póde continuar. Não ha gente para o serviço com esses maus exemplos. A impunidade desorganisa a guarda nacional. Assim que elle saír dos provisorios, avisem-no logo para o serviço, e, si faltar, provisorio no caso, até que se desengane. Eu lhe hei de mostrar. (*Á parte*) Mariola!... quer ser meu rival!

Pimenta. — Sim, Sr. capitão.

Capitão. — Guardas sobre guardas, rondas, manejos, paradas, diligencias, atrapalhe-o. Entenda-se a esse respeito com o sargento.

Pimenta. — Deixe estar, Sr. capitão.

Capitão. — Precisamos de gente prompta.

Pimenta. — Assim é, Sr. capitão. Os que não pagam para a musica, devem sempre estar promptos. Alguns são muito remissos.

Capitão. — Ameace-os com serviço.

Pimenta. — Já o tenho feito. Digo-lhes que si não pagarem promptamente, o Sr. capitão os chamará para o serviço. Faltam ainda oito que não pagaram este mez, e dois ou tres que não pagaram desde o principio do anno.

Capitão. — Avise a esses, que recebeu ordem para os chamar de novo. Ha falta de gente. Ou paguem ou trabalhem.

Pimenta. — Assim é, Sr. capitão, e mesmo é preciso. Já andam dizendo que si a nossa companhia não tem gente, é porque mais de metade paga para a musica.

Capitão. — (*Assustado*) Dizem isso? Pois já sabem?

Pimenta. — Que saibam, não creio; mas desconfiam.

Capitão. — É o diabo! É preciso cautela. Vamos á casa do sargento, que lá temos que conversar. Uma demissão me faria desarranjo. Vamos.

Pimenta. — Sim, Sr. capitão. (*Saem*).»

Ora, eis ahi: ninguem dirá que essas coisas, copiadas ao vivo, sejam aleivés que o comediographo assacasse á sociedade de seu tempo. A desorganisação de todos os serviços publicos, nomeadamente de todas as instituições populares no Brazil é ha muito proverbial. Alguma coisa como na Turquia, na Russia e na Hespanha, os paizes da Europa onde ella é mais intensa. As grandes depredações da fazenda publica com o serviço de fornecimentos de viveres aos famintos nas calamitosas quadras das seccas do Ceará e até com os fornecimentos de nossas tropas em campanha, como na guerra de Rosas e do Paraguay, constituiram sempre grandes escandalos que a administração publica não poude ou não soube refrear.

Não é a legislação que é manca; a gente é que é notavelmente viciada d'alto a baixo, e, sabe Deus quanto nos custa a isto escrever, tratando do povo a que temos honra em pertencer, que amamos, que foi sempre o objecto de nossos desvelos. Mas é preciso dizel-o, para que nos corrijamos; porque, no meio de todos os nossos defeitos, possuimos algumas virtudes, que podem servir de base para a nossa regeneração. As origens de nossa população, não muito escorreitas quer nos seus elementos indigenas e africanos, quer nos eu-

ropeus, perturbadas ainda mais pelo despotismo ganancioso dos funccionarios coloniaes e pela putrefacção secular da escravidão, deixaram-nos no sangue germens maleficos que a pureza magnanima d'um homem, como D. Pedro II, e a energia de dictadores, como Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto, foram inermes para debellar. Todas as instituições em que a generosidade sonhadora dos romanticos de 1822 e 1831 e 34 chamou as massas populares a collaborarem, todas, todas ellas em menos de cincoenta annos estavam carunchosas e inanidas. Obras peregrinas, filhas da intelligencia e dos soffrimentos d'outros povos, da actividade e das lagrimas d'outras raças, vieram estiolar-se d'este lado do Atlantico, n'estas plagas rudes d'America. Que é feito do *self governement,* das liberalidades do municipalismo, cujos germens prendiam raizes no solo adusto do regimen colonial? Que é feito do provincialismo autonomo que os reformadores de 34 tanto encomiaram? Que é feito do jury, em que o povo era chamado ao grandioso officio de julgar os seus pares? Que é feito d'esse systema parlamentar que faz livres e prosperas a Inglaterra, a Belgica, a Hollanda, a Italia e em que tanto confiaram os homens de 22, de 31, de 40?

Tudo se abastardou ao sopro irreverente

do caracter nacional, habil em censurar, e derruir, mas sem a minima plasticidade fecundante e creadora no terreno politico. É essa incapacidade organica, trefega e bulhenta, que tem já resequido e esterilisado o presidencialismo, que fomos tomar d'emprestimo aos norte-americanos.

Muitas outras maculas sociaes poderiamos esmiuçar nas comedias do talentoso fluminense, como, por exemplo, o mau habito que tem ahi muita gente de fingir beatices para viver á custa dos santos, das irmandades e confrarias. Lá está nos *Irmãos das Almas* essa mazella. A mania das grandes e fantasticas emprezas, que estrangeiros gananciosos e petulantes agitam de vez em quando no paiz, para pilhar o dinheiro aos descuidados, tambem não foi despercebida a Penna, que a encarnou em Gainer, o *Inglez machinista*. Limitamo-nos a consignal-as rapidamente; temos pressa de passar a outras considerações.

V

Vista geral sobre o pessimismo nacional

O estudo attento das obras do auctor do *Noviço* foi propicio ensejo que tivemos para ainda uma vez meditar longamente sobre o caracter do povo brazileiro, suas qualidades e defeitos intrinsecos. A primeira coisa que fere os olhos do observador, phenomeno notado por muitos viajantes intelligentes, que não escapou a Burmeister, Saint Hilaire e Ramalho Ortigão, é a inconsideração e desrespeito de tudo e de todos, vasados nos moldes de uma maledicencia que poucas iguaes encontra entre todas as nações da terra actuaes ou extinctas.

Essa maledicencia avesada é que muita gente costuma hoje confundir com o pessimismo, depois que tal expressão penetrou

na litteratura pela repercussão do systema philosophico de Schopenhauer e Hartmann. Póde-se, então, dizer que existem entre as nações duas especies de pessimismo. Um é a consciencia da força e da coragem de luctar; sente-se chamado a grandes feitos, impellido á acção e começa por achar mau aquillo que o cérca, na esperança de fazer melhor. Foi este que inspirou os patriotas hebreus, aquelles terriveis tribunos que são chamados os prophetas; foi este que incendeu as cabeças e armou os braços dos chefes da plebe romana e falou pela bôca dos Gracchos; foi este que gerou os martyres christãos que mataram a sociedade antiga e prepararam os grandiosos factos da idade média; foi este que levantou povos sobre os destroços do imperio, abateu as aristocracias feudaes e alçou as communas victoriosas; foi este que sonhou e cantou na alma divina e illuminada do Dante e verberou na lingua dos Savanarolas, dos Giordanos Brunos, dos Lutheros; foi este, que, chegando até a achar errado o céo, corrigiu-o nos calculos de Copernico e Kepler, e, achando mesquinha a terra, dobrou-lhe o tamanho com as ousadias dos Colombos, dos Gamas, dos Magalhães; foi este que derruiu erros com a penna dos encyclopedistas e emancipou os povos com o grande

fragor da revolução. Este é bom, é magnanimo, é santo. Mede a audacia pela generosidade, é um alvião de progresso; vibra a satyra apontando para o bem, para a gloria, para o porvir florescente e sublimado. Fala desassombrado, não gosta de vilanias, não intriga, não sabe mexericar. Quasi não o temos nós. Possuimos vastamente o outro; e o outro é cheio de curvaturas e zig-zags; é corrompido e impertinente. Tem consciencia, por apagada que seja, de sua impotencia; não tem planos a realisar, não se bate por idéas, não tem doutrina e as vilezas não o assustam. Gosta d'ellas. Tisna a tudo que encontra, e, desrespeitando a si mesmo, porque perdeu a estima de si proprio, a si mesmo macúla e fere. Para elle todos os padres são velhacos, todos os politicos são safados ou ladrões, todos os funccionarios são relaxados, todos os governos são despoticos ou corruptos. A historia é um montão de vicios, a sociedade um covil de hypocritas. E' a maledicencia incondicional, irreductivel, ossificada, acção reflexa da depravação social. Quando esse vicio se generaliza n'um povo, quando os d'elle atacados constituem legião, a nação póde ter a certeza que os fortes e nobres incentivos lhe irão minguando pouco a pouco, e ella terá que marcar pssso, esterilisada pela fatal molestia. E' o caso do Brazil.

O desgosto da inacção tem nivelado tudo n'uma só podridão indistincta. Falamos tão mal de tudo que é nosso, com tal insistencia e tal descaro, que já se não fazem mais selecções: vamos perdendo a noção das nossas melhores qualidades, e o desanimo tem sido o resultado da crença, da fé em nossa irremediavel condemnação, espalhada por esse pendor de maldizer. D'ahi a invasão da inercia nas almas boas e o redobramento da indignidade nas indoles más.

Esse deploravel vêso, porém, de dizer mal do Brazil e dos brazileiros, que dos nacionaes tem passado aos estranhos, que de nós mesmos o teem aprendido, não é coisa de hoje; vem desde os mais remotos tempos da colonisação.

Até espiritos superiores se deixaram affectar de tal séstro. Desde as cartas do padre José de Anchieta que dizia que a *terra era malinchonica e de maus ares*, do padre Nobrega que se queixava da *vida impura que levavam os povoadores*, e do padre Cardim que *achava mais luxo e vicios em Olinda do que em Lisboa*, no seculo XVI, até aos nossos dias, a vozeria tem vindo n'um crescendo constante e atroador. E' verdade que de quando em quando tem apparecido alguma reacção, mas sempre tambem imponderada e doentia, ro-

lando n'um optimismo descabellado de assustar. E' o caso, por exemplo, de Rocha Pitta na celebre *Historia da America Portugueza*.

E como é indispensavel que acabemos d'uma vez com essas leviandades, em bem ou em mal, que nos hão acarretado tantos prejuizos, indicaremos, posto que rapidamente, n'estas linhas, as diversas phases porque tem passado a maledicencia brazileira, para que se veja que é mal inveterado, cuja extirpação exige serio esforço.

No seculo XVI é bastante ler as cartas e annuas d'aquelles citados padres da Companhia, a que se podem ligar varios officios e papeis dos primeiros donatarios, como Duarte Coelho e outros.

No seculo XVII é sufficiente ler as poesias de Gregorio de Mattos e muitos dos escriptos do padre Vieira. Gregorio de Mattos, geralmente considerado a primeira intelligencia nacional do seculo XVII, quasi não fez outra coisa senão dizer mal do Brazil. A satyra aos *Vicios* assim começa:

> « Eu sou aquelle que os passados annos
> Cantei na minha lyra maldizente
> Torpezas do Brazil, vicios e enganos. »

A' poesia intitulada *Reprovações*, em que dá conta da mania que nós aqui temos de

censurar a tudo e a todos, põe por estrophe final esta:

« E assim não póde viver
Neste Brazil infestado,
Segundo o que vos refiro
Quem não seja reprovado. »

No *Romance,* em que narra as queixas da Bahia, lêem-se trechos assim:

« Sabei céu, sabei estrellas,
Escutai, flôres e lirios,
Montes, serras, peixes, aves,
Lua, sol, mortos e vivos,
Que não ha, nem póde haver,
Desde o Sul ao Norte frio,
Cidade com mais maldades,
Nem provincia com mais vicios,
Do que sou eu, porque em mim
Recopilados e unidos
Estão juntos quantos têm
Mundos e reinos distinctos. »

Os versos intitulados *A gente da Bahia* são ainda mais significativos, porque revelam dóse mais forte da atrabilis do poeta. Ouçam estes preludios:

« Não sei porque é nascer
Neste Brazil impestado
Um homem branco e honrado
Sem outra raça.

Terra tão grosseira e crassa,
Que a imagem se tem respeito,
Salvo se mostra algum geito
De ser mulato.
Aqui o cão arranha o gato,
Não por ser mais valentão,
Senão porque sempre a um cão
Outros acodem... »

Seria enfadonho e levar-nos-hia longe o citar tudo que o famoso satyrico bahiano disse em desabono de sua terra. Em tal sentido são caracteristicos os *Milagres do Brazil*, cuja primeira estrophe transcrevemos, como amostra do resto:

«Um branco muito encolhido,
Um mulato muito ousado,
Um branco todo coitado,
Um canaz todo atrevido;
O saber muito abatido,
A ignorancia e ignorante
Muito ufana e mui farfante,
Sem pena ou contradicção;
Milagres do Brazil são.»

Não é possivel ser mais ferino; e o peior é que pelos versos do poeta se conhece que seus contemporaneos eram tanto ou mais viciados do que elle no defeito de malsinar.

O padre Vieira, que tinha em alta conta as satyras de Mattos, foi tambem um formidavel

falador contra o Brazil. Em passagens varias das cartas, sermões e escriptos politicos elle desabafara contra os homens e coisas da colonia. Basta-nos lembrar dois pequenos trechos do papel intitulado *Resposta aos capitulos do procurador do Maranhão.* O padre enumerava as causas da penuria d'aquelle Estado e o que d'elle dizia applicava por certo ao Brazil todo: « A primeira causa de todas as oppressões, trabalhos e miserias que padecem os moradores são os peccados do dito Estado, e as injustiças e tyrannias com que desde seu principio foi conquistado e fundado contra todas as leis de Deus, da igreja, da razão e ainda da natureza. E como os alicerces se assentaram sobre sangue, e com sangue se foi amassando e ligando sempre o edificio, força é que as pedras e parte d'elle, que são os moradores, ainda que mais meios tenham de sua conservação e augmento nem se conservem, nem cresçam, antes todo o mesmo Estado se desfaça e padeça e arruine.» Seguem-se as outras causas, e todas, incluindo a já citada, são nove: a crueza e tyrannia com que se fundou a colonia, a natureza da terra que se esteriliza depressa, o mal passar oriundo da pessima alimentação, a qualidade da gente que povoou a terra, a multidão de conventos e religiosos, as mudanças das moedas e de seu valor,

a preguiça e o luxo dos moradores, as prepotencias e ladroeiras dos governadores, a fraqueza dos indios que os tornava incapazes em pouco tempo de serviço. Eis como desenvolveu a setima: «...sejam alguns vicios mais particulares d'aquelle Estado, entre os quaes tem grande lugar a ociosidade e preguiça, que como lhe chamou o sabio, é mãi da pobreza e necessidade, a qual necessidade dos moradores do Maranhão, que d'antes se costumava contentar com muito pouco na casa e no vestido, depois que foi crescendo a policia n'aquelle Estado se poz em tal extremo, principalmente no Pará, que já as mulheres não queriam vestir senão telas e bordados; e em outras coisas se viam excessos, para a limitação da terra, mui similhantes a estes. E comtudo ainda se tem por vicio mais destruidor das familias o excesso e demasia com que se foi introduzindo o uso da aguardente, da qual se foram fabricando muitos engenhos ou molinetes em toda a parte, e se gasta toda com tanta pressa, que ordinariamente está comprada de antemão, e vendendo-se sempre, nunca jámais a ha de venda; e só na cidade do Pará com ser tão pequena, se tem achado por conta, que se gasta todos os annos mais de quinze mil cruzados de aguardente da terra, não entrando n'este computo a que vae

d'este reino.» Evidentemente, sobretudo nos escriptos de homens sérios, como Anchieta, Nobrega e Vieira ha muitas observações exactas, muitas verdades amargas, porém legitimas. E elles tinham o direito de as formular até com rigor, porque foram grandes educadores do povo. Nem lhes contestamos tal direito, que reconhecemos espontaneamente. O que queremos é mostrar que até espiritos tão lucidos e tão selectos, alliados a caracteres de tão rija tempera, no officio de doutrinar foram, muitas vezes, forçados ao emprego de expressões durissimas, e talvez mesmo tiveram momentos de exagero, e d'ahi se inicia a formidavel cadeia do pernicioso pessimismo nacional. No seculo XVIII a coisa não se desmente e quem tiver paciencia de percorrer memorias e papeis officiaes do tempo se convencerá. Basta lembrar as mutuas descomposturas, com que se presenteavam os dois partidos de Pernambuco, que fizeram a famosa *guerra dos Mascates,* e as que entre si trocaram paulistas e mineiros nas suas prolongadas rivalidades, que começadas na obscura e ainda hoje pouco estudada *guerra dos Emboabas,* se protrairam por todo o seculo. Documento, porém, irrefragavel do phenomeno de que vimos tratando são as *Cartas Chilenas*, poema satyrico d'aquelle seculo. Não é só o

governador de Minas e seus sequazes que são amarrados ao vilipendio das palavras duras; é a sociedade de Villa Rica inteira.

Eis aqui:

« Apenas, Dorothêo, a noite chega,
Ninguem andar já póde sem cautela
Nos sujos corredores do Palacio.
Uns batem com os peitos noutros peitos;
Outros quebram as testas noutras testas;
Qual leva um encontrão que o vira em roda;
E qual, por defender a cara, fura
Com os dedos que estende incautos olhos;
Aqui se quebra a porta e ninguem fala;
Ali range a cancella, e sôa a chave;
Este anda de mansinho; aquelle corre;
Um grita que o pisara; eutro inquire
Quem é? a um velho que lhe não responde.
Não temas, Dorothêo, que não é nada;
Não são ladrões que offendem, são donzellas
Que buscam aos devotos que costumam
Fazer, de quando em quando, a sua esmola...
Chegam-se assim as horas em que o somno,
Estende na cidade as negras azas
Em cima dos viventes espremendo
Viçosas dormideiras. Tudo fica
Em profundo silencio; só a casa,
A casa aonde habita o grande Chefe,
Parece, Dorothêo, que vem abaixo...
Fugindo a moça que levanta a saia,
E voando nas pontas dos dedinhos,
Prega no machacaz de quem mais gosta
A lasciva embigada, abrindo os braços...

Então o machacaz torcendo o corpo,
Pondo uma mão na testa, outra na ilharga,
Ou dando alguns estalos com os dedos,
Seguindo das violas o compasso,
Lhe diz: — *eu pago, eu pago!*... e de repente
Sobre a torpe michela atira o salto...
Oh! dança venturosa! Tu entravas
Nas humildes choupanas, onde as negras,
Aonde as vis mulatas, apertando
Por baixo do bandulho a larga cinta,
Te honravam c'os marotos e bregeiros,
Batendo sobre o chão o pé descalço.
Agora já consegues ter entrada
Nas casas mais honestas e palacios!
Ah! tu, famoso Chefe, dás o exemplo.
Tu já batúcas escondido
Debaixo dos teus tectos, com a moça
Que furtou ao senhor o teu Ribeiro!... »

Por mais desastrado que pudesse ter sido o governador Cunha Menezes, que é o heróe n'estes versos e em todo o poema, está n'elles irrecusavel o signal da desenvoltura de lingua, propria d'estas regiões.

Se o governador era prepotente e vicioso, não o poderia ser a sociedade inteira de Villa-Rica, berço famoso da *Inconfidencia*. Entretanto, aqui está toda ella vilipendiada n'esta scena de bachanal decantada ás doces margens do corrego que banha a capital sertaneja:

« A tão formoso sitio tudo acode,
Ou seja de um ou seja de outro sexo,
Ou seja de uma ou seja de outra classe.
Aqui lascivo amante, sem rebuço,
A' torpe concubina offerta o braço;
Ali mancebo ousado assiste e fala
A simples filho que seus pais recatam.
A ligeira mulata em trages de homem
Dança o quente lundú e o vil batuque
E aos cantos do passeio inda se fazem
Acções mais feias que a modestia occulta. »

As classes mais elevadas foram aqui em todos os tempos as mais maltratadas. Contra ellas, por uma especie de convenção tacita, desencadeia-se todo o furor da satyra e da pilheria nacional. A população anda como dividida em grupos divergentes que se vilipendiam mutuamente. Todo o representante do poder, todo o poder publico, em summa, para dizer a coisa como ella é, não se considera entre nós como uma natural selecção da historia e das luctas sociaes e politicas, a organica e espontanea personificação das forças vivas da nação e a que se deve respeito dentro da medida de seus esforços, de seus serviços. Ao contrario; compartilhou o individuo uma parcella qualquer da auctoridade, razão é essa sufficiente para se lhe atirar toda a casta de baldões. Por esse modo já não ha mais escolha, não se fazem differenças e distincções

entre os que procedem bem e os que procedem mal. E até os maus se aproveitam d'essa geral cegueira da maledicencia, para se defender allegando que *aqui é habito dizer mal de todos,* e protestam facilmente que são innocentes.

Mas prosigamos em nossa ingrata jornada através dos tempos. Ainda no seculo XVIII vemos poetas do valor de Claudio Manoel, grande lyrico e patriota de boa seiva, desdenhar de sua terra em palavras que não deixam de ser exageradas por sairem de uma alma tão naturalmente meiga. São d'elle estes dizeres: «Não permittiu o céu que alguns influxos, que devi ás aguas do Mondego se prosperassem por muito tempo, e, destinado a buscar a patria, que por espaço de cinco annos havia deixado, aqui entre a grosseria dos seus genios, que menos pudera eu fazer que entregar-me ao ocio e sepultar-me na ignorancia! Não são estas as venturosas praias da Arcadia, onde o som das aguas inspirava a harmonia dos versos. Turva e feia a corrente d'estes ribeiros, primeiro que inspire as idéas de um poeta deixa ponderar a ambiciosa fadiga de minerar a terra, que tem pervertido as côres! A desconsolação de não poder substabelecer aqui as delicias do Tejo, do Lima e do Mondego, me faz entorpecer o engenho

dentro de meu berço.» Este trecho não comporta, por certo, as illações que alguns precipitadamente teem querido d'elle tirar contra o nacionalismo da poesia de Claudio.

Mas é innegavelmente algum tanto exagerado. E' mister, entretanto, confessar que o seculo XVIII, sob o ponto de vista da diffamação de tudo que é nosso, foi mais comedido que os dois que o antecederam e o que se lhe seguiu. Em nosso seculo, para ter uma idéa do ponto a que attingira o mal, sufficiente é passar as vistas na imprensa diaria e periodica, nomeadamente nos annos revolucionarios de 1817, 21, 22, 30, 31, 34, 36, 38, 40, 42, 44 e 48. As discussões jornalisticas de então mettem medo. O mesmo se repetiu nos annos de evoluções partidarias como os de 1862 e 63, nos da guerra do Paraguay, da questão religiosa e da libertação do ventre captivo nomeadamente 1868, 70, 71, e, posteriormente na lucta da emancipação geral da escravidão de 1879 a 88. O mesmo recentemente nas terriveis disputas provocadas pelo golpe de Estado de Deodoro, revolta da armada de 6 de setembro sob a direcção do almirante Custodio, e da revolução do Rio Grande do Sul sob a chefia de Gaspar Martins e Gumersindo Saraiva.

Não ha um só homem publico, dos mais

conspicuos de que se possa orgulhar a nossa politica ou as nossas letras, de quem se não tenha dito e escripto as coisas mais horripilantes. Ordinariamente não é outro o predilecto assumpto das palestras semi-publicas dos bondes, dos trens, dos cafés, dos theatros e até das repartições do Estado.

Não é preciso recorrer ao depoimento dos jornaes, nem lembrar as conversações de todas as horas; a litteratura, os livros dos poetas, dos publicistas, dos criticos, dos romancistas ahi andam e podem ser facilmente inquiridos.

O pacato poeta da *Urania* e da *Confederação dos Tamoyos*, que morreu diplomata e titulado em visconde de Araguaya, não se dedignou de enviar-nos, em 1836 de Paris os seus *Suspiros Poeticos* com este recado: «Tu vais, oh livro, ao meio do turbilhão em que se debate nossa Patria, onde a *trombeta da mediocridade abala todos os ossos, e desperta todas as ambições; onde tudo está gelado, excepto o egoismo:* tu vais, como uma folha no meio da floresta batida pelos ventos do inverno, e talvez tenhas de perder-te antes de ser ouvido, como um grito no meio da tempestade.»

Era nos tão gabados tempos da Regencia e o vate fluminense falava do estrangeiro.

O livro foi saudado na *Revista Braziliense*,

que se publicava em Paris, por um amigo do poeta, o Sr. Salles Torres Homem, mais tarde senador e titulado visconde de Inhomirim, um homem, cujo talento foi sempre altamente e justamente elogiado, n'um artigo, onde se lêem estas palavras terriveis: «Apezar de tudo, cremos que o tempo futuro não conseguirá riscar da memoria dos admiradores das musas o nome do auctor dos *Suspiros Poeticos*. Dizemos apezar de tudo, porque nós outros brazileiros não podemos soffrer reputações; nosso orgulho é em extremo susceptivel; elle desconfia dos menores successos; um nome pronunciado tres vezes nos importuna e irrita. O Brazil não está hoje para as letras e as sciencias. Entre nós quantos talentos passam incognitos na vida, como esses rios sem nome nas suas solidões! A nossa mocidade tão bella e esperançosa, por falta de direcção, de carreira e de espirito publico, esgarra-se em falsos caminhos, ou debate-se inutilmente no meio de uma sociedade obscura. Os homens que dirigem os destinos do Brazil, sem comprehender as condições de sua missão, *parecem ter dado as mãos a todas as influencias do mal, para aggravar o estado da triste época em que vivemos*. Cada dia que corre, receamos seriamente ler nas gazetas, que por mandado da sabia e liberal adminis-

tração, o fogo fôra lançado aos estabelecimentos consagrados aos progressos da intelligencia e da civilisação. Ao menos haveria n'isso o merito de um systema de trevas logicamente combinado, e aquella belleza da desordem perfeita, que os antigos estamparam no semblante das furias. Onde estão esses illustres regeneradores, que um bello dia declararam á face do paiz que o homem nascera philosopho e que o estudo da sciencia e das letras era pura chimera? Por detraz dos homens actuaes não estão escondidos outros homens; o que hoje fere as vistas no Brazil não é uma excepção, é porém sim o estado geral das idéas, proveniente do scepticismo moral, *da indifferença para o bem e para o mal, da nullidade dos caracteres, estranhos a todos os nobres sentimentos e votados a um duro egoismo,* e alfim, da extincção dos sentimentos religiosos, que são o contrapeso das humanas loucuras. Ha alguns annos, bem difficeis eram as circumstancias do Brazil e da sua mocidade, mas do proprio excesso dos males a esperança renascia; o presente era então sem alegrias, mas contava-se sobre um melhor futuro. O actual estado pesa sem esperanças, como uma massa de ferro sobre todos os bons espiritos; tanto é elle pouco unisono com as coisas que se vão arras-

tando a nossos olhos. Desgraçada mocidade!»

Parece coisa escripta hoje por algum publicista fogoso, propugnador da restauração do passado. E aquellas duras palavras se referiam aos tempos de Evaristo e Feijó, que o nosso romantismo politico tem por habito collocar entre as nuvens. Achamos que nem tanto ao mar, nem tanto á terra. Nem as tristes previsões de Salles Torres Homem se verificaram, nem aquella quadra historica merece os imponderados elogios da publicistica de convenção.

Em identico estylo de critica cruel foi o *Libello do Povo*, devido á mesma penna illustre, treze annos mais tarde, em 1849. O mesmo tom imperou sempre nos pamphletos de Justiniano da Rocha, Firmino Silva, Landulpho Medrado, Francisco Lisboa e até nas elegantes *Cartas de Erasmo*, de Alencar, e nos artigos *A Egreja e o Estado*, assignados por *Ganganelli*, que era o chefe republicano Saldanha Marinho. Em todos estes escriptos ha paginas temerosas que nos escusamos de citar, por demasiado conhecidas. Apenas mais alguns documentos insuspeitos e dos mais antigos d'este seculo, porque o nosso fim é mostrar que o exagero vem de longe e já a colonia e o imperio soffreram com elle. Em

1835 publicou-se em Niteroy um livro, hoje raro, intitulado — *Bosquejo Historico, politico e literario do Brazil.* Era anonymo; mas sabe-se bem que tinha por auctor o famoso general, que havia sido um dos combatentes em prol da independencia da Columbia e Venezuela, sob as ordens do illustre Bolivar, José Ignacio de Abreu e Lima. O livro destinava-se a refutar o projecto, apresentado á Camara dos Deputados, na sessão de 16 de maio d'aquelle anno pelo celebre A. F. França, reduzindo o governo do Brazil á fórma republicana. E' um trabalho curioso, que nos chegou recentemente ás mãos, e onde o officio de achincalhar as coisas e os homens do Brazil tem uma de suas representações mais completas. No meio de muitas observações justas e bem feitas, ha verdadeiros *chingamentos,* como lhes chama o povo.

Abreu e Lima achava que nosso paiz não estava em 1835 preparado para a Republica, que era em seu pensar um bello ideal politico, incompativel porém com a falta de *liberdade civil,* e tal era o caso brazileiro, por termos em nosso seio a *escravidão,* que, aliás, a seu vêr, não poderiamos destruir sem arruinar toda a nossa vida economica. Faz então umas excursões sobre o Brazil physico e ethnographico, moral e intellectual, que muitas vezes

são completas verrinas. Aqui vão algumas amostras:

«E' acaso em um paiz onde os cidadãos resistem a todos os meios legaes de destruir o flagello da escravidão, onde as leis são inefficazes para minorar o mal que nos afflige, onde tudo conspira a perpetrar a miseria da nossa posição social, que se inculcam principios de uma liberdade sem freio, de uma licença popular, de uma perfeita democracia?!... Que outro povo existe, que possa servir-nos de exemplo? Os Estados Unidos que apenas contam hoje 1/6 da sua população em captiveiro, ou qualquer das Republicas sul-americanas, cuja proporção é infinitamente menor? Os Estados Unidos, cujos 5/6 são perfeitamente homogeneos, sem mescla de classes distinctas com direito a reclamar, *sem amerianos do § 4.°* (o gripho é do auctor), sem um mulato ou negro armado, sem inglezes nas camaras legislativas, *sem padres que invadam o dominio temporal* (o gripho é ainda do auctor)? Que somos nós outros? O coração se nos parte ao concebermos a triste idéa de retratar-nos, porque emfim somos brazileiros; porém, resistindo a todas as affecções do amor proprio ferido, vamos a pintar-nos como somos: dissequemos a nossa população, e vejamos por dentro a sua contextura organica, as entranhas

d'este *monstro* (o gripho é ainda d'elle), que não pertence a especie alguma do mundo conhecido... A' primeira vista se observa que a nossa população se acha perfeitamente dividida em duas partes iguaes, isto é, *pessoas livres e pessoas escravas,* que de certo não apresentam grande affinidade. Todavia, feliz de nós se esta parte livre fosse homogenea e encerrasse condições de uma perfeita igualdade; longe d'isto, ella se subdivide em quatro familias distinctas, *e tão oppostas e inimigas umas das outras,* como as duas grandes secções entre si. Esta subdivisão é conhecida do modo seguinte: — *negros livres*, *mulatos livres*, *brancos natos* e *brancos adoptivos*, — sem contarmos com os *indios* (que ainda formam uma quinta familia) por ser uma classe inerte e de nenhum peso em politica. Que paiz no mundo apresenta um quadro tão informe? Revestidos de varios matizes representamos um verdadeiro prisma, que exposto aos raios do sol mostra as côres de um Iris espantoso, *Iris de guerra,* que em nada se parece com a Mensageira de Juno. Que somos todos inimigos e rivaes uns dos outros na proporção de nossas respectivas classes, não necessitamos de argumentos para proval-o, basta só que cada um dos que lerem este papel, seja qual fôr a sua condição, metta a mão na sua conscien-

cia e consulte os sentimentos de seu proprio coração. A nossa rivalidade com os *adoptivos* nasce de uma condição, que não é peculiar a nós outros unicamente; ella está na generalidade dos povos que foram Colonos, com respeito aos que foram Metropoles; uns porque não permittem superiores, os outros porque não consentem iguaes. A mesma razão se dá com respeito aos *mulatos*; nós não admittimos a igualdade, por effeitos de habitos arraigados, talvez por nossa má educação; elles não toleram superioridade, porque são homens como nós, nascidos no mesmo sólo, *e filhos de nossos proprios pais;* embora a lei os nivele e assemelhe, o habito e as preoccupações inutilisam seus effeitos. Os *negros* ainda se acham em maior distancia pela sua condição, e pela idéa de que ainda se resentem da escravidão, que supportaram elles mesmos, ou seus progenitores, mas esta injusta opinião não basta para amortecer no coração de um negro a dignidade de seu ser, considerado como individuo da especie humana. São injustas na verdade todas estas preoccupações, são irritantes todas estas rivalidades; porém ellas existem, e contra factos não pode haver argumento. Qual seria pois a classe preponderante em um governo democratico, se chegassemos a ser tão mentecaptos que o admit-

tissemos? Eis ahi ao que ninguem se atreveria responder sem cair em todos os inconvenientes de uma louca e temeraria presumpção... Logo que demos o primeiro passo para a independencia nos julgamos desligados do resto do mundo, e muito superiores (não sabemos porque regra) aos nossos progenitores, aquelles mesmos que nos tinham legado todos os seus vicios sem nenhuma de suas virtudes. E' mister não alucinar-nos, se ainda queremos salvar-nos do naufragio que nos aguarda: é forçoso reconhecer o que somos, para não despedaçar-nos contra os escolhos que temos diante; somos portuguezes, porém já degenerados; e sem embargo, como ousamos lançar a barra mais longe que a França e que a Inglaterra n'esse grande systema de convenção social, em que é preciso um todo perfeito e homogeneo para formal-o...? Logo que podemos conhecer pelo curso da revolução a nossa incapacidade para improvisar constituições, deviamos convencer-nos de que as nossas reformas deviam-se fazer com lentidão e com tino; porém quando cansados das oscillações politicas, que nos têm agitado, ainda pretendemos sair da nossa esphera para admittir *utopias* como realidades praticas, merecemos por certo a execração da posteridade e as maldições da presente geração.»

Existem outros trechos em paginas subsequentes ainda mais vehementes; depois d'estes, são dispensaveis quaesquer citações. Ha certa dose geral de verdade nas ponderações de Abreu e Lima, mas o exagero desenvolto da linguagem a desfigura, além de que suas prophecias de 1835 não se confirmaram. Elle não contou com certos factos politico-sociaes que vieram modificar o problema brazileiro sob o ponto de vista da população: a diminuição e reclusão cada vez maior do elemento indigena, a extincção completa do trafico africano, a libertação dos escravos, a corrente emigratoria européa cada vez mais abundante, o cruzamento cada vez mais intenso das raças, o augmento cada vez maior do mestiçamento, o apagamento, lento, mas progressivo das differenciações d'este, já pelo grande affluxo de estrangeiros brancos, já pela natural tolerancia nacional, que fecha os olhos, quando as distancias não são muito claras, já pela curiosa destreza, com que os mestiços, que podem illudir, sabem inculcar-se nas classes superiores. O auctor do *Socialismo* e das *Biblias falsificadas* não viu as coisas em sua radical exactidão. Nem foi para o refutar que o trasladamos para estas paginas, senão para fazel-o depôr, como um nitido exemplar do pessimismo patrio nos primeiros

decennios d'este seculo. Desnecessario é citar outros nomes; bastante é lembrar que não houve politico de influencia, chefe de prestigio que, no parlamento ou fóra d'elle, não tivesse momentos de atirar frases cruas á face do paiz.

Até os maiores, como Bernardo de Vasconcellos, Paraná, Paula Souza, Olinda, Euzebio, Nabuco d'Araujo, Zacarias, Paranhos, Alves Branco, Abrantes, Uruguay, não recuaram diante do usual systema. Escusado é lembrar as diatribes de Silveira Martins e as descomposturas de Ferreira Vianna.

Nem o proprio Andrada, o velho, foi alheio á coisa, e, o que mais é, D. Pedro II, com todo o seu commedimento, disse uma vez a um nosso amigo, que lhe observava certas incorrecções de nossa politica: «O senhor é ainda muito moço e inexperiente, não conhece certos factos; fique sabendo que tenho passado quarenta e tantos annos de reinado a desfazer batotas.» Frase esta que se ajusta perfeitamente á outra mais conhecida: «Gastei cincoenta annos a supportar maus governos!»

E' esta displicencia do espirito, este mau habito de tudo malsinar que devemos corrigir, se quizermos avançar desassombrados no caminho que conduz aos grandes feitos da historia. Tão detestavel falso pessimismo, tão

de casa, tão de todos os dias, passa quasi sem censuras e é estimado de muita gente. A critica severa das coisas da intelligencia, que é o grande e bom pessimismo, se tal nome se lhe póde applicar, esse nós o não quizemos nunca admittir; porque o brazileiro de certa classe tudo supporta, tudo admitte que d'elle se diga: que não tem moralidade, por exemplo, que é máu caracter; menos que não é muito intelligente, muito sabido, muito illustrado. E eis a razão pela qual n'um paiz, que ha quatrocentos annos vive a dizer mal de si proprio, o unico pessimista apontado a dedo temos sido nós.

E' que nós não fomos jámais amigos d'aquella maledicencia, que, ha quatro seculos, tisna aqui os homens; quizemos deslocar esse habito e occuparmo-nos dos nossos erros e peccados intellectuaes, estabelecendo a critica das idéas, o combate das doutrinas, exactamente como um meio de destruir a velha mania depreciante de nossa dignidade. Dando ás coisas e ás palavras seu verdadeiro significado, ha até impropriedade em chamar-nos de pessimistas; temos sido apenas criticos, tomando o conselho do immortal Kant, que, tratando da posição exacta da philosophia, dizia que ella não devia ser nem *sceptica*, nem *dogmatica* e sim *critica*. E esse conselho da

philosophia deve passar ás outras manifestações do pensamento; em tudo temos procurado não ser dogmaticos ou scepticos e sim criticos. Em coisas politicas e sociaes o dogmatismo chama-se *optimismo* e o scepticismo *pessimismo*. N'essa propria esphera fugimos dos dois inimigos irreconciliaveis; não somos optimistas nem pessimistas, procuramos fazer a critica dos factos, das idéas e dos homens; somos observadores e confiantes, acreditamos que o paiz, deixando especialmente o maldito séstro de descrêr de tudo, poderá caminhar com passo mais ou menos firme.

E já não é de hoje que fazemos tal declaração; ha dez annos, na *introducção* que precede a *Historia da Litteratura Brazileira*, escrevemos estas palavras: «Com relação á sua querida patria, o auctor tem passado por tres phases diversas: a primeira foi a do *optimismo* da meninice e da verde juventude, idade em que toda a gente lê nos livros das classes a famosa descripção do Brazil em Rocha Pitta e acredita em tudo aquillo como n'uma dogmatica infallivel; a segunda foi a do *pessimismo* radical a que deu curso em seus primeiros livros, a terceira é a actual, a da *critica* imparcial, equidistante da paixão pessimista e da paixão optimista, que nos teem feito andar

ás tontas... Não, não é mais tempo de dizer que o Brazil e os brazileiros são o primeiro paiz e o primeiro povo do mundo, assombrosas patranhas em que nem mais as crianças acreditam; mas tambem não é mais tempo de declarar que o Brazil e os brazileiros são a vergonha e a lastima do mundo, peccaminoso brado de desalento que nem ao menos encontra mais os escravos para o repetir. Mais calma e mais confiança; é bom adiar as paixões e dar entrada á imparcialidade.» Palavras escriptas antes do advento da Republica e que ainda hoje traduzem exactamente nosso pensamento. Tivemos a felicidade de viver o bastante para atravessar essas tres phases, tres crises, não do pensamento propriamente dito, porque elle tem sido fundamentalmente sempre o mesmo, e sim do temperamento, que tem tido a plasticidade precisa para não estalar no meio das furiosas luctas que hão agitado o Brazil desde o fim da guerra do Paraguay. A conclusão geral, pois, de nossos estudos sobre o povo brazileiro não é de desanimo e de desesperança; antes é de confiança. O paiz, porém, tem de luctar ainda muito contra grandes vicios e preconceitos, que jazem ahi ossificados n'alma dos politicos, quer os que o dirigem, quer os que o agitam, quer os do governo,

quer os que andam sempre em opposição. Quasi todos elles estão ainda no absoluto, quando o relativo é, deve ser a nossa lei. E' assim que acreditam ainda hoje:

1.º que os males humanos são completamente remediaveis;

2.º que o são, pondo em pratica as panacéas do radicalismo liberalisante que da revolução de 1789 e 1793 passou á democracia européa de 1830, 1848 e 1870;

3.º que ao Brazil quadram essas panacéas e não é mais do que applicar-lhe as fórmulas governamentaes, constitucionaes e legislativas d'aquellas gentes para estar tudo feito;

4.º que com gritaria e maledicencia de tudo e de todos se ha de conseguir o melhoramento da vida nacional.

Ora, nós acreditamos que a dôr e o soffrimento não abandonarão a historia, não deixarão nunca a politica; porque são as condições mesmas da vida e do progresso; que não andamos acertados em sonhar ainda hoje com o prestigio de velhas frases gastas, como *liberdade, igualdade, fraternidade, suffragio universal, soberania popular, governo do povo pelo povo, inerrancia das massas, pureza e autonomia municipal,* e outros padre-nossos do rozario dos declamadores; que o Brazil não é precisamente a Europa ou os Estados-Uni-

dos, para andar sempre na mania de dar aqui a centesima edição do que por lá se houver feito; que o systema de detractar tudo que é nosso amolenta as forças da nação, corrompe os bons estimulos e nos degrada.

E já agora, aproveitamos a occasião para tirar ainda uma conclusão final de varias theses nossas, conclusão que, propositalmente, deixamos sempre suspensa pela natural verecundia de quem fala do povo a que pertence. Vai para muito perto de trinta annos que começamos a occupar-nos com as gentes brazileiras, sua litteratura, sua ethnographia, sua novellistica popular, seu *folk-lore*, sua politica, seus costumes, sua philosophia e descobrimos logo que não bastava dizer, com Martins, que era mister, na historia do Brazil, estudar o elemento europeu, o elemento indigena e o elemento africano; vimos que era preciso não parar ahi, era indispensavel ir adiante e affirmar que o brazileiro é o resultado d'aquelles factores, é o mestiço quer physico, quer moral. Mas nunca perguntamos se era isto uma vantagem ou uma desvantagem.

Respondemos agora: é uma desvantagem, e ella não provém, como suppunha Abreu e Lima, no trecho que citamos d'elle, da falta de *homogeneidade*. Esta, com ser um mal, não

é o maior d'elles, nem é, ao menos com o andar dos tempos, irremediavel, quando não no todo, em grande parte. A grande desvantagem provém da *fraqueza* do producto, da *inferioridade* do resultado. A mistura das raças, o facto de mais serias consequencias para o futuro da humanidade, que se tem vindo a operar no correr dos ultimos quatrocentos annos em mór escala do que se tinha dado nos quatro mil anteriores, é como o apagamento das classes, que se vem fazendo ha setecentos annos. Como a democracia é, talvez, uma coisa fatal e irremediavel, mas é em grande parte um mal.

Ganha-se em estensão, perde-se em elevação, em força selectora, em distincção e nobreza. Nós sabemos que nas tres grandes raças historicas dos mongolicos, dos aryanos e dos semitas deram-se varias misturas. Houve-as no mundo mongolico, na China, no Japão, na Malasia, no Turkestão; mas, ou foram de simples variedades da mesma raça entre si, o que absolutamente não alterava o grande e primitivo quadro ethnographico, ou, se houve immixtão de elementos estranhos, estes foram inefficazes para desfigurar aquelle quadro. Sabemos que, no mundo semitico, entre Phenicios, Assyrios, Hebreus e Arabes —deu-se tambem o facto; mas precisamente

nas mesmas condições. Não se alterou nunca a fundamental physionomia d'aquellas gentes. Sabemos que, no mundo aryano, deu-se, até certo ponto, o facto; mas foi sempre entre variedades da mesma grande familia. Celtas, italiotas, gregos, slavos, germanicos entre si, de modo a não se abastardarem aquellas gentes. E algum sangue espurio que ali penetrasse havia de ter sido tão pouco que não teve força para macular, *exempli gratia,* a belleza tradicional dos habitantes da Hellade.

O mesmo aconteceu entre os povos americanos e até entre a negrada d'Africa e da Polynesia. Cruzaram, sem duvida, entre si as variedades das mesmas familias, sem quebrar o quadro primitivo.

Dest'arte, não vêmos que tivesse sido, por exemplo, um mal para a França a mistura que ali se tem operado de celtas, de gaulezes (admittimos a distincção entre estas duas familias) de romanos, de germanicos; porque era fundamentalmente a mesma raça, posto que acreditemos que mais placida seria aquella nação, se não fôra o resultado de tantas misturas.

A mescla, porém, de raças totalmente distanciadas de côr, de grau de cultura, de psychologia, é o grande disparate dos modernos tempos, que enfraqueceria irremediavelmen-

te a humanidade, se não ficasse sempre um reducto immesclado de gente superior. Se este reducto, que se acha, nos dias de hoje, principalmente na Europa, nos Estados-Unidos e na Australasia, tiver força para se manter illeso e conseguir o desapparecimento das gentes inferiores, como tem acontecido quasi completamente com os polynesios, os pelles-vermelhas e inteiramente, qual se deu com os selvagens de van Diemen, o abaixamento de nivel não será geral. O contrario hade ser em grande parte um desastre.

O Brazil é a região do globo onde o cruzamento das tres raças, que alguns chamam typicas, da humanidade se tem dado em escala maior. Negros, vermelhos e brancos se misturaram e continuam a mesclar sem a minima ceremonia. Temos, segundo a frase de Quatrefages, maior variedade nos typos humanos do que nas especies de gatos que habitam em nossos telhados.

Os mestiços tomados em totalidade são fundamentalmente inferiores, como robustez, ao negro e ao branco, como intelligencia e caracter, ao branco, sem a menor duvida. E' perder tempo argumentar com excepções isoladas de mestiços muito intelligentes e integros. Além de que não são comparaveis aos grandes typos da raça branca, acresce que

não chegam para desmentir a caracteristica geral de sua gente tomada em globo como variedade ethnica. São Domingos ahi está para mostrar a verdade. Se o Brazil não está hoje no mesmo estado de São Domingos não é devido só ao tamanho e riqueza da terra; é ao forte nucleo de gente branca no paiz; nacional e estrangeira, e á introducção constante d'este factor pela emigração. A maior ou menor vitalidade de nosso povo, como agente historico, está na maior ou menor preponderancia dos elementos brancos na vasta fusão de sua população.

O Brazil colonial, n'um sentido generico, póde-se dizer que era um povo incipiente de mestiços governados por uma elite de brancos. As coisas não correram mal: a ordem e o progresso juxtapuzeram-se bem.

O Brazil imperial, nos primeiros trinta annos, emquanto andou empregando na governação o resto de gente valida que herdara da colonia, teve força e validez para quebrar todas as resistencias: era ainda um povo de mestiços em grande parte dirigido por uma elite de brancos. Mais tarde, quando a população cresceu, o mestiçamento augmentou, as naturaes tendencias da democracia manifestaram-se cada vez mais, nossas academias foram atirando no paiz as centenas de bacha-

reis e doutores da raça cruzada, gradualmente se foram modificando as condições do governo e o Brazil passou a ser o que hoje é: uma nação de mestiços, dirigida por homens da mesma origem. N'um regimen de democracia, isto é, n'um regimen em que impera a maioria, tomaram elles a frente; por que elles são a maioria. E como na geral desorganisação, para a qual elles têm consideravelmente concorrido, a classe unica da nação que possuia ainda um simulacro de organisação vinha a ser o exercito, era natural, era fatal que este tomasse conta dos destinos da patria.

E porque as classes armadas são em sua maioria mestiçadas, quer isto dizer que incontestavelmente são elles, os mestiços, que estão dirigindo as linhas geraes da politica. Estão no seu meio e na sua época; a occasião é d'elles, e continuará ainda por muito tempo. Só muito mais tarde, quando as populações brancas do sul, ajudadas por uma emigração constante, preponderarem inteiramente no paiz e refluindo para o norte e centro modificarem efficazmente as condições das gentes d'essas zonas, só então, e se tal hypothese se der, é que a vida brazileira tomará outro rhythmo.

Até lá muita agua terá que rolar pela ca-

choeira de Paulo Affonso e o Pão de Assucar será testemunha de muito acontecimento. Continuaremos a ser por muitas e muitas decadas, senão centenas de annos, o que somos hoje, um povo de ordem secundaria, um producto hybrido da historia, que guardaremos nosso lugar, se formos sensatos; e a primeira condição da sensatez é saber o que se é e o que se vale, para abrir mão de fantasias e pretenções desarrazoadas, que nos podem perder...

E aqui nos voltamos para o nosso comediographo que em sua despretenciosa ingenuidade retratou muitos de nossos senões. Vimol-o nas relações mais geraes da sociedade; agora vamos aprecial-o nas coisas da familia e despedir-nos d'elle.

VI

Penna e a familia brazileira

(Conclusão)

O talento de Martins Penna não tinha complicações naturaes, ou adquiridas. Não era nativamente rebuscado, meandroso, cheio de obscuridades ou vacillações; nem uma educação perturbadora pela metaphysica ou quaesquer doutrinas abstrusas o desvirtuou. Observava por instincto, sem esforço, sem saber o que isto lhe custava. Não era tendencioso nem propagandista. Não tinha systemas; nem jámais assumiu ares de moralista. Não era da tempera de Dumas Filho, por exemplo. Tinha a visão dos factos facil; eis tudo.

E' por isso que as scenas familiares de suas comedias são de uma veracidade, por assim dizer, de primeira mão. Escreve-as sin-

gelamente, não se insurge, não declama, não toma attitudes de censor.

No *Judas em Sabbado d'Alleluia* dá-nos o retrato d'uma rapariga namoradeira em toda a singeleza, sem commentarios.

Apenas se nota o contraste instructivo entre os genios e caracteres das duas irmãs — Maricota e Chiquinha. E' logo na scena I:

«*Chiquinha* (*para Maricota*). — Maricota, ainda te não cançou esta janella?

Maricota (*voltando a cabeça*). — Não é da tua conta.

Chiquinha. — Bem o sei; mas, olha, o meu vestido está quasi prompto, e o teu não sei quando estará.

Maricota. — Hei-de apromptal-o quando quizer e muito bem me parecer, basta de séca; cose, e deixa-me.

Chiquinha. — Fazes bem. (*Aqui Maricota faz uma mesura para a rua como a pessoa que a cumprimenta, e continúa depois a fazer acenos com o lenço*). Lá está ella no seu fadario. Que viva esta minha irmã só para namorar; é forte mania! A todos faz festa, a todos namora; e o peior é que a todos engana... até ao dia em que tambem seja enganada.

Maricota. (*Retirando-se da janella*). — Que estás tu a dizer, Chiquinha?

Chiquinha. — Eu? Nada.

Maricota. — Sim! Agarra-te bem á costura; vive sempre como vives, que has-de morrer solteira.

Chiquinha. — Paciencia.

Maricota. — Minha cara, nós não temos dote, e não é pregada á cadeira que acharemos noivo.

Chiquinha. — Tu já o achaste pregada á janella?

Maricota — Até esperar não é tarde. Sabes tu quantos passaram hoje por esta rua só para me vêr?

Chiquinha. — Não.

Maricota. — O primeiro que vi, quando cheguei á janella, parado no canto, foi aquelle tenente dos Permanentes, que tu bem sabes.

Chiquinha. — Casa-te com elle.

Maricota. — E porque não, si elle quizer? Os officiaes dos Permanentes têm bom soldo. Podes te rir.

Chiquinha.—E depois do tenente, quem mais passou?

Maricota. — O cavallo rabão.

Chiquinha. — Ah!

Maricota. — Já não te mostrei aquelle moço, que anda sempre á moda, montado em um cavallo rabão, e que todas as vezes que passa cumprimenta com ar risonho e esporêa o cavallo?

Chiquinha. — Sei quem é, isto é, conheço-o de vista. Quem é elle?

Maricota. — Sei tanto como tu.

Chiquinha. — E o namoras sem o conheceres?

Maricota. — Oh! que tola! Pois é preciso conhecer-se a pessoa a quem se namora?

Chiquinha. — Penso que sim.

Maricota. — Estás muito atrazada. Queres vêr a carta que elle me mandou esta manhã pelo moleque? (*Tira do seio uma cartinha*). Ouve (*lendo*): « Minha adorada e crepitante estrella!...» (*deixando de lêr*) Heim! Então?...

Chiquinha — Continúa.

Maricota (*continuando a lêr*). — « Os astros que brilham nas chammejantes espheras de teus seductores olhos offuscaram em tão subido ponto o meu discernimento que me enlouqueceram. Sim, meu bem, um general quando vence uma batalha não é mais feliz do que eu sou! Si receberes os meus sinceros soffrimentos serei ditoso, e si não me corresponderes, serei infeliz, irei viver com as féras deshumanas da Hyrcania, do Japão, e dos sertões de Minas, féras mais compassivas do que tu. Sim, meu bem, esta será a minha sorte, e lá morrerei... Adeus. Deste que jura ser teu, apezar da negra e fria morte. O mesmo. » (*Acabando de lêr*). Então, tem que dizer a isto?... que estylo!... que paixão!...

Chiquinha (*rindo-se*). — E' pena que o menino vá viver por essas brenhas com as féras da Hyrcania, com os tatús e tamanduás. E tu acreditas em todo este palanfrorio?

Maricota. — E porque não? Tem-se visto muitas paixões violentas. Ouve agora esta outra. (*Tira outra carta do seio*).

Chiquinha. — Do mesmo?

Maricota. — Não; é daquelle mocinho que está estudando latim no seminario de São José.

Chiquinha. — Namoras tambem a um estudante de latim? O que esperas deste menino?

Maricota. — O que espero? não tens ouvido dizer que as primeiras paixões são eternas? Pois bem, este menino póde ir para S. Paulo, voltar de lá formado e arranjar eu alguma coisa no caso de estar ainda solteira.

Chiquinha — Que calculo!... é pena teres de esperar tanto tempo.

Maricota. — Os annos passam depressa quando se namora. Ouve: (*Lendo*) « Vi teu mimoso semblante e fiquei enleiado e cego, cego a ponto de não poder estudar minha lição... » (*Deixando de ler*) Isto é de criança. (*Continúa a ler*). « Bem diz o poeta latino: *Mundus a Domino constitutus est*... (*Lê estas palavras com difficuldade e diz*): Isto eu não entendo; ha de ser algum elogio (*continúa a ler*)... « *constitutus est.* Si Deus o creou foi para fazer o paraizo dos amantes, que como eu tem a fortuna de gozar tanta belleza. A mocidade, meu bem, é um thesouro, porque — *Senectus est morbus.* Receba, minha adorada, os meus protestos. Adeus, encanto. Ego vocor. — *Tiburcio José Maria.* » (*Acabando de lêr*) O que eu não gosto é escrever-me elle em latim. Heide mandar-lhe dizer que me fale em portuguez. Lá dentro ainda tenho um maço de cartas que te poderei mostrar.

Estas duas recebi hoje.

Chiquinha. — Si todas são como essas, é rica a collecção. Quem mais passou? Vamos, dize?...

Maricota. — Passou aquelle amanuense da alfandega, que está á espera de ser segundo escripturario para casar-se commigo. Passou o inglez que anda montado no cavallo do carro. Passou o Ambrosio, capitão da guarda nacional. Passou aquelle moço de bigodes e cabellos grandes, que veiu da Europa, aonde esteve empregado na diplomacia. Passou aquelle sujeito que tem loja de fazendas. Passou...

Chiquinha. — (*Interrompendo*). Meu, Deus, quantos... e a todos esses namoras?!

Maricota. — Pois então! E o melhor é que cada um de per si pensa ser o unico da minha affeição. »

A scena continúa; mas o que ahi fica é sufficiente para dar idéa do caracter da namoradeira de profissão. Esse typo de erotica nacional, meio zombeteiro e esperto, meio divertido e geitoso, é muito commum, nomeadamente nas grandes cidades.

E' o namorar interesseiro das raparigas de nossa pequena burguezia, se de uma pequena e de uma grande burguezia podemos falar no Brazil. Não é o *flirt* aristocratico das inglezas e das anglo-americanas ricas e d'altas rodas, mais capitoso e atrevido, mais depurado e poetico.

Eufrasia. — (*Volta para traz gritando*) Minha mãi! Minha mãi!

Jorge. — (*Seguindo-a*) Cala-te demonio...

Eufrasia. — (*Junto á porta*) Venha cá!

Marianna — (*Entrando com um panno de sinapismo na mão*) O que é? o que é?...

Jorge. — (*Recuando*) Agora sim!

Eufrasia. — Sô Jorge está-me maltratando!...

Marianna. — Grandecissimo sacripante!

Jorge. — Sacripante!...

Eufrasia — Deu-me uma bofetada!

Marianna. — Uma bofetada na minha filha?!

Jorge. — (*Atravessa por diante de Marianna e chega-se rancoroso para Eufrasia*). Dei-te uma bofetada, heim?...

Marianna. — (*Puxando-o pelo braço*). Que atrevimento é este, grandecissimo patife?

Jorge. — (*Desesperado*) Hoje aqui ha morte!...

Eufrasia. — Morte! queres-me matar?

Marianna. — Ameaças, grandecissimo traste?

Jorge. — (*Para Marianna*). Grandecissima tartaruga!

Marianna. — Tartaruga! a mim?...

Eufrasia. — (*Puxando-o pelo braço*) Insultas a minha mãi?

Jorge. — (*Para Eufrasia*) Grandecissimas lampêas!...

Eufrasia. — Que affronta! ai! ai! que morro! (*Vai cair em uma cadeira fingindo-se desmaiada*).

Jorge. — Morre! arrebenta! que te leve a breca! . . . *(Quer sair, Marianna o retem pela opa.)*

Marianna. — Tu matas minha filha, patifão, mas eu hei de te arrancar os olhos da cara . . .

Jorge. — Largue a opa!

Marianna. — Encher esta cara de bofetões.

Jorge. — Largue a opa! . . .

Marianna. — Pensas que minha filha não tem mãi!

Jorge. — Largue a opa!!

Marianna. — Pensas que eu hei de aturar a ti e a lambisgoia de tua irmã?

Jorge (Com raiva). — Senhora!

Marianna.—Queres-me matar tambem, mariola?

Jorge (Cerrando os dentes de raiva e mettendo a cara diante da de Marianna). — Senhora! diabo!

Marianna. — Ah!! . . . *(Dá-lhe com o panno de sinapismo na cara; Jorge dá um grito de dôr, leva as mãos á cara e sai gritando).*

Jorge. — Estou cego! agua, agua! . . . *(Sai pelo fundo. Marianna desfecha a rir ás gargalhadas e o mesmo faz Eufrasia, que se levanta da cadeira. Conserva-se a rir por alguns instantes sem poder falar. Luiza apparece á porta).*

Eufrasia.—Que boa lembrança! . . . ah! ah! ah!

Luiza (á parte). — O que será?

Marianna. — Que bella receita para maridos desavergonhados! ah! . . .

Eufrasia. — Já não posso rir-me . . . ah! ah!

Marianna. — Que cara fez elle... (*Vendo Luiza*) O que queres?

Luiza (*timida*). — Eu...

Marianna. — Bisbilhoteira; vai buscar minha mantilha; e o leque da tua cunhada. (*Luiza sai*).

Eufrasia. — Já sei o remedio d'aqui por diante.

Marianna. — Sinapismo n'elle!...

Eufrasia. — Mas não vá ficar cego.

Marianna. — Melhor para ti... (*Entra Luiza com uma mantilha na mão e um leque que entrega a Eufrasia*).

Marianna. — Dá cá! Não podias trazel-a sem machucar?... desasada!... (*Põe a mantilha sobre a cabeça*). Vamos, que vai ficando tarde; iremos primeiro a S. Francisco que está aqui pertinho. (*Para Luiza*) E tu, fica tomando conta da casa, já que não tens prestimo para nada... pague o que come; não sou burro de ninguem. (*Para Eufrasia*) Vamos, menina ».

Estas desembaraçadas saiam a correr as igrejas em dia de finados! Taes scenas são infelizmente verdadeiras, e mais vulgares do que se poderia suppor. Um dos traços caracteristicos da actual organisação, ou melhor, dos actuaes costumes da familia brazileira é esta mistura, ou antes, esta immixtão da parentella toda, ou quasi toda, na casa de cada um. Raro é o casal aqui que não tenha de

aguentar as impertinencias de parentes bisbilhoteiros, que em tudo mettem o bedelho. Por via de regra, ha sempre um tio, uma tia, um irmão, um cunhado, já não falando n'uma sogra, todos dispostos a dar o tom na casa alheia.

Muitos desgostos e desassocegos domesticos teem entre nós essa origem. Rara é a pessoa que não saiba alguma coisa n'esse sentido entre as suas relações. E' uma das manifestações da indisciplina do carecter nacional. Uma classe que anda agora a soffrer seriamente entre nós é a das crianças, quasi desamparadas, que são empregadas nos serviços caseiros, por parentes mais ou menos afastados, por lhes faltarem os pais, ou dadas á soldada pelos tutores e juizes. Os velhos habitos, adquiridos na escravidão, conservam-se ainda em grande parte e as pobres crianças veem a ser as victimas mais faceis de certos desvarios e impertinencias de quem não se habituou ainda a refrear o despotismo do mando.

Se não são raros hoje, nem eram no tempo de Penna, casos como o da Luiza, que, por ter a desventura de precisar viver em casa d'um irmão, apezar de ser já uma moça, tinha de aguentar duros desaforos da sogra e

da mulher d'esse irmão, bem se póde avaliar que muito mais precaria é, sem duvida, a posição de tantos meninos e meninas, desgarrados ahi em poder de estranhos.

Não nos referimos a coisas tetricas, a espectaculos monstruosos, como aquelles de que foi theatro recentissimo o Asylo de Santa Rita de Cassia.

De um redobramento de rigor em nossa educação moral é que precisamos nós; mais do que de quaesquer reformas e garantias politicas. Falamos em these e não entra nem de longe em nós a valleidade de negar os fortes e bellos exemplos de altas virtudes, que teem sido o encanto e o enlevo da familia compatricia na grande maioria dos casos.

Chamando a attenção para abusos praticados contra menores, levamos em mira a correcção de defeitos infelizmente existentes nas sociedades, ainda as melhor organisadas.

Um typo muito commum entre nós em dias do comediographo fluminense era o do primo chichisbéu. A Manoel de Macedo tambem se deparou este assumpto em seus romances e d'isso tirou grande partido.

Na citada comedia dos *Irmãos das Almas* figura um tal Felisberto, primo de Eufrasia, mulher de Jorge, o qual, typo de primo des-

abusado, não só tem enormes liberdades com a prima, como ainda com a propria cunhada d'esta, a maltratada Luiza.

A ella estava o Jorge a queixar-se um dia, quando exactamente n'essa occasião apparece o Felisberto. E' nas scenas III e IV, n'estes termos:

Jorge. — Olha, Luiza, ha coisas que um marido, por mais prudente que seja, não póde tragar! Tens visto aqui n'esta casa o Felisberto?

Luiza. — Tenho, sim.

Jorge. — Pois esse patife, que ninguem sabe do que vive, que não tem officio nem beneficio; que está todo o santo dia no largo do Rocio, mettido na sucia dos meirinhos; com o pretexto de ser primo de minha mulher, entra por esta casa a dentro com toda a sem ceremonia; sem dizer tir-te nem guarte; anda de um quarto para outro com toda a frescura, conversa em segredo com minha mulher e cala-se quando eu chego.

Luiza. — E porque o soffre, mano? não é você o homem d'esta casa?... Até quando ha de ter medo de sua mulher?

Jorge. — Medo?... Pois eu tenho medo d'ella? (*Com riso forçado*) E' o que me faltava! O que eu tenho é prudencia: — não quero desbaratar...

Luiza. — (*A' parte*) Coitado!...

Jorge. — Elle já veiu hoje?

Luiza. — Ainda não.

Jorge. — Admira-me! ...

Felisberto. — (*Entrando*) Vivorio! ...

Jorge. — (*A' parte*) Já tardava! ..

Felisberto. — (*Para Luiza sem dar attenção a Jorge*) Adeus, minha bella Luizinha; a prima Eufrasia está lá dentro?

Luiza. — (*Seccamente*) Está ... (*Felisberto encaminha-se pela direita sem dar attenção alguma a Jorge.*)

Jorge. — (*Seguindo-o*) Então assim se pergunta por minha mulher, e vai-se entrando! ... (*Felisberto sai*) E então?! Querem-na mais claro? ... Que figura faço eu aqui? Que papel represento! (*Passeia agitado de um para outro lado*).

Luiza. — (*Seguindo-o*) Meu irmão, por que não fazes um esforço para saír d'este vexame em que vives? ... Cobra energia! ... Mostra que és homem! isto é uma vergonha! não se acredita! ... Que fraqueza! ...

Jorge. — (*Parando*) E' fraqueza?

Luiza. — E', sim.

Jorge. — Pois quero mostra-te para que sirvo! ... Quero mostrar-te que sou homem, e que nesta casa governo eu ...

Luiza. — Felizmente.

Jorge. — Vou ensinal-os, botar este biltre pela porta fóra ... Basta de tanta humilhação! Vai tudo com os diabos! ... (*Caminha intrepidamente e a*

passos largos para a porta da direita; mas ahi chegando pára).

Luiza. — Então, páras? ...

Jorge. — (*Voltando*) Melhor é ter prudencia... Tenho medo de fazer uma morte...

Luiza. — Meu Deus, que fraqueza!

Jorge. — E retiro-me, que não respondo por mim! e mesmo porque vou á botica buscar o sinapismo que minha sogra pediu. (*Sai*). »

Este Jorge é dos taes talhados a serem singularmente coroados. Preferiu deixar o primo da cara metade em casa e ir elle buscar á pharmacia o famoso sinapismo que a sogra, pouco depois, havia de sacudir-lhe á cara.

No curso da comedia terá elle ainda outros ensejos de encontrar-se com o seu petulante affim, em passos assás burlescos.

Em *Quem casa quer casa* existem scenas muito engraçadas e expressivas de luctas e contratempos domesticos em que faz proeminente figura uma sogra que abrigava sob o mesmo tecto um genro e uma nora; pois tinha ella ali um filho casado e uma filha tambem em igual estado. Eram, pois, tres casaes juntos, contando com o dos velhos. E' digna de ser lida e representada essa comedia de costumes, ainda hoje correntes por esse mun-

do em fóra, cabendo d'elles grande quinhão ao nosso Brazil.

No *Dilettante* notam-se varios typos bem feitos; sente-se que elles vivem. D'esse numero é o protagonista Antonio Affonso, o rico proprietario, melomaniaco, louco pela musica italiana, que, no decennio de 1840 a 50, no Rio de Janeiro avassalou todos os gostos, nomeadamente pelas creações de Bellini. D'esse numero são tambem o paulista Marcello, apaixonado pelo fado e a joven Josephina, filha de Antonio Affonso, namorada de João Mendes, um pelintra de força, e que enlevada por seus devaneios amorosos, repellia as pretenções do fazendeiro de S. Paulo e os conselhos do pai. A este, inteiramente dominado pela mania musical, metteu-se-lhe na cabeça, certo dia, fazer cantar em casa um duetto da *Norma*. Insiste com a filha, que se nega, com a mulher, D. Generosa, que não sabe uma nota de musica, com o seu hospede Marcello, que está no mesmo caso, com o João Mendes, que tambem nada sabe da bella arte. O maniaco pede, roga, insiste, e, afinal, para o acalmarem prestam-se aquelles ao canto; mas sai um disparate completo, uma desafinação geral; e o dilettante fica deveras acabrunhado. A comedia prosegue com varias peripecias que inutil é lembrar. O que desejamos notar é uma

singular desenvoltura e rispidez de modos e palavras da bella Josephina para com os seus proprios pais, modos e palavras que a tornam um perfeito exemplar do que se chama entre nós uma moça malcriada. O modelo deve-o por certo Martins Penna ter conhecido; não era *avis rara* em certas rodas.

Eis agora a prova n'este principio da peça:

« *Antonio Affonso.* — (*Junto ao piano procurando um caderno de musicas*) Hoje havemos de cantar alguns pedaços da sempre applaudida *Norma*. (*Lendo uma musica*) « Qual cor tradiste... » Ha de ser este duetto; que musica! o peior é não termos um tenor... arremediarei (*lendo outra musica*) « Nel cor piu ». Chi! o que isto é velho! *Joga-a para o lado e procura de novo*) Não acho a cavatina. (*Chamando*). Josephina! oh! Josephina! Vem cá. Quero que todos em minha casa cantem. Não ha nada como a bella da musica. Arte divina!

Josephina. — (*Entrando*) Chamou-me, papá?

Antonio. — Vem cá, louquinha, que fizeste da *Casta Diva?*

Josephina. — Está sobre o piano.

Antonio. — Procura-a.

Josephina — Quer cantal-a?

Antonio. — Divirta-se a menina commigo!

Josephina. — Se é para eu cantar, não a procurarei; já é massada.

Antonio. — Que [illegible] Massada a *Casta Diva*! Quem já ouviu tal? massada essa tão sublime producção daquelle sublimissimo genio!

Josephina. — Será sublimissima, estupendissima, e tudo quanto quizer; mas como ha algum tempo que a ouço todos os dias, por essas ruas e casas, cantada, miada, guinchada, assobiada e estropiada, já não a posso aturar. Todos cantam a *Casta Diva*, é uma epidemia!

Antonio. — E o mais é que tens razão. Ouve-se d'aqui (*canta os primeiros compassos da Casta Diva em voz fanhosa*). Ouve-se d'ali (*canta com voz mais fina*); mais adiante um moleque (*assobia-a*); estragam-na! assassinam-na! mas tu cantas bem.

Josephina. — Obrigada (*faz uma mesura*), porém não a cantarei mais.

Antonio. — Está bom. Mas has de cantar o bello duetto (*cantando*) — *Mira o Norma a tuoi ginocchi*...

Josephina. — (*Rindo-se*) E com quem? o papá faz a parte da Norma?

Antonio. — Com tua mãi.

Josephina. — (*Rindo-se*) A mamã cantando duettos!... ella que apenas canta a Maria Cachuxa quando está á costura, e isso mesmo desentoadissima!

Antonio. Eu lhe darei algumas lições.

Josephina. — Ha de ser galante!...

Antonio. — E' preciso cantarmos hoje alguma coisa, para mostrares as tuas prendas ao nosso hospede.

Josephina. – Eu não lhe quero mostrar nada. Um homem tão feio!

Antonio. — Feio, mas rico. Seria um bom casamento para ti, e elle o deseja...

Josephina. — Pois eu não, senhor.

Antonio. — Queres te casar com algum destes farejadores de dote, que andam sómente com a mira no dinheiro? O que eu com tanto custo ganhei, não é para especuladores de casamento. Não te queria dizer isto hoje: mas já que nisto se fala, escuta... O Sr. Marcello pediu-te; é homem de bem e rico, é muito considerado lá em S. Paulo, anda na chapa para deputado, e ainda póde vir a ser senador; tu tens juizo, e bem conheces que uma menina dotada de...

Josephina. — Ah! o papá hoje está para sermões? pois eu vou-me embora. *(Sai correndo, Antonio fica suspenso).* »

Não sabemos se nas provincias, no anno de 1844, em que se faz passar a comedia, se dariam muitos ou mesmo alguns factos d'estes, especialmente no norte, onde o velho rigorismo da educação portugueza perdurou mais intensamente entre nós. No Rio de Janeiro, porém, é possivel que o auctor do *Dilettante* não fantaziasse de todo o caso. Em geral elle não inventava, reproduzia o resultado de suas observações.

Era um espirito cauteloso e sóbrio na imaginativa. Era, além de tudo, incapaz de calumniar a nossa gente; era um engraçado, mas não era um mordaz.

E' certo que em suas comedias nem tudo se póde dizer que seja a cópia da realidade núa. Em todo o trabalho artistico ha sempre certa dóse de subjectivismo incoercivel, inevitavel. Acreditamos, com um dos maiores criticos modernos, que o realismo e o idealismo não são, como erroneamente se tem andado a repetir, duas escolas ou dois systemas litterarios e artisticos; são antes os dois polos entre os quaes se ha-de mover fatalmente a litteratura e a arte. Na mais realista das obras, portanto, ha sempre alguma coisa que a realidade só era incapaz de fornecer. E é por isso que um mal entendido amor proprio não nos deve levar a censurar o comediographo, como exagerado nas pinturas que nos deixou de nossos vicios e defeitos. E' possivel que tivesse aqui e ali carregado um pouco as tintas do quadro; mas esses momentos são raros. O equilibrio é a lei geral de seu temperamento espiritual.

E ficariamos a desconhecer o caracter da travessa Josephina, se não o vissemos accentuar-se melhor na scena VI, em que fala com D. Generosa, sua mãi.

Ainda uma vez, e seja a ultima, leiamos o dramatista. A mulher anda a esconder-se do marido que a quer obrigar a cantar.

« *Generosa.* — (*Entrando apressada*) Vem para cá! vem para cá...

Josephina. — (*Entrando*) Pobre papá (*ri-se*).

Generosa. — Não te rias que elle nos póde ouvir.

Josephina. — La anda elle á nossa procura.

Generosa. — Meu Deus, o Sr. Antonio Affonso mata-me com a musica. Quer por força que eu cante. E' preciso andar fugindo...

Josephina. — E a mamã porque não canta?

Generosa. — Engraça-te...

Josephina. — Pois a mamã canta bem a Maria Cachuxa.

Generosa. — Brincas tambem commigo? Espera (*quer segurar Josephina, que mette-se atraz do piano, e toca*).

Generosa. — (*parando*) Que fazes, desgraçada?

Josephina. — Si quer me bater eu toco piano, e o papá saberá onde estamos.

Generosa. — Não, não, filhinha, vem para cá, não tenhas medo, sai d'ahi.

Josephina. — Veja lá.

Generosa. — Não tenhas receio (*Josephina sai do piano, atravessa a sala ainda com receio de Generosa e fica junto ao sofá*). Vivo em um continuo tormento

depois que se lhe metteu na cabeça a mania do canto.

Josephina. — E eu vivo numa alegria, porque vou sempre ao theatro.

Generosa.—Divertes-te com tudo; és uma criança.

Josephina. — Com tudo se afflige a mamãi, é uma...

Generosa. — Velha? acaba.

Josephina. — Não fui eu que o disse.

Generosa. — Brincas com tua mãi! (*vai para ella*).

Josephina. — Eu... não... senhora (*emquanto fala pega na viola, faz soar as cordas*).

Generosa. — Não faças bulha, que me deitas a perder.

Josephina — (*Cheirando a mão*) Meu Deus! como cheira o cigarro! (*Limpa a mão no lenço*).

Generosa. — E' bem feito!

Josephina. — E o papá quer que eu me case com elle!

Generosa. — Com elle, quem?

Josephina. — Com o paulista.

Generosa. — Ai! não digas tal! Pois tu te havias de casar com um tamanduá daquelles? que a tudo diz: *Senhor sim!* — e que anda sempre mettido num ponche tão nojento!...

Josephina. — E com os cabellos tão arripiados...

Generosa. — Ires para S. Paulo? eu ficava cá

num susto continuo: — aquillo por lá, ha tempos que não anda muito bom.

Josephina. — Não se afflija; que eu tambem não me caso com um papa-formigas.

Generosa. — Nada! nada! has de casar na côrte com algum deputado, ou official de secretaria.

Josephina. — Minha cara mamãizinha, quero lhe fazer uma confissão. Eu amo a um moço muito bonito, mas elle não é nem deputado nem official de secretaria.

Generosa. — Pois amas sem meu consentimento?

Josephina. — E a mamãi quando amou ao papá, pediu o consentimento á minha avó?

Generosa. — (*Evitando a resposta*) Quem é esse moço?

Josephina. — E' o senhor João Mendes.

Generosa. — Um moço que ha tão pouco tempo principiou a negociar, e que já quebrou!

Josephina. — Não sei si é quebrado; o que sei é que anda bem direito, e que me hei de casar com elle.

Generosa. — Não has de casar!

Josephina. — Hei de me casar! (*Senta-se no sofá, e bate com os pés e com as mãos*) — Hei de me casar! ou me enforco! (*Passa o lenço que tem na mão ao pescoço*).

Generosa. — Que fazes? larga o lenço! (*Chega-se para ella e quer tirar-lhe o lenço*).

Josephina. — (*Puxando pelas pontas do lenço*) Hei de me casar.

Generosa. — Larga o lenço! (*Josephina bota a lingua de fóra*) Josephina!

Josephina. — Hei de me casar?

Generosa. — Has de, sim! has de...

Josephina. — (*Desamarra o lenço*). Com o Sr. João Mendes?

Generosa. — Com quem quizeres (*Josephina levanta-se d'um salto, abraça a Generosa, e dá-lhe beijos*).

Josephina. — Minha boa mãizinha!

Generosa. — E's uma louca!

Josephina. — Promette-me falar ao papá?

Generosa. — Prometto, sim. »

Entretanto, esta joven, que parece assim tão leviana, quando sabe que o seu preferido — João Mendes não é um homem correcto, que tem amasia e filhos, repelle-o, e ella mesma dá sua mão a Marcello, que, ao contrario, no correr da acção, se revela um homem de caracter.

Por não prolongar este escripto, dexámos de indicar outras interessantes scenas de costumes familiares, como, *exempli-gratia*, uma de ciumes entre Florencia e Ambrosio, no *Noviço*, quando aquella sabe que uma mulher tinha ido á sua casa á procura do marido e tinha até estado occulta n'um quarto; ou essa interessante scena dos *Dois ou o Inglez machi-*

nista — em que a Clemencia, suppondo fallecido o Alberto, seu marido, insinua-se no animo de Gainer, e offerece-lhe até a mão de esposa. São ambas bem achadas e como essas existem outras.

Em conclusão, Luiz Carlos Martins Penna, considerado na totalidade de sua obra e de sua acção litteraria, é um phenomeno intellectual digno de apreço e notavelmente curioso. Escrevendo para o theatro entre os annos de 1837 e 1847, apparece n'um tempo em que do romantismo brazileiro os melhores representantes não teem ainda apparecido. Gonçalves Dias, Alvares d'Azevedo, Alencar, Agrario, Bernardo Guimarães, Laurindo Rebello, só mais tarde hão-de luzir. Só Magalhães e Porto-Alegre é que começaram com elle; Macedo e Norberto o seguiram depois de 1840. Mas eram quatro mediocridades, incapazes de o estimular e de alargar-lhe os horisontes. Na propria Europa, em França por exemplo, ainda o theatro começava sua evolução n'este seculo. Hugo, Dumas Pai, Vigny, Musset — iam apparecendo n'uma carreira, em que tinham de ser substituidos por Murger, Dumas Filho, Feuillet, Augier, Sardou. O proprio Scribe não tinha ainda dado a medida completa de sua fecundidade. Scribe, «cet écri-

vain qui n'a jamais su écrire, ce talent à la fois vulgaire et puissant, fécond et borné, cet homme qui a enchanté pendant quarante ans le public des théâtres et donte le nom appartient à peine à la litterature.» Penna pertence á primeira geração dos romanticos; é no theatro o iniciador brazileiro, o chefe nacional.

O Rio de Janeiro era então uma cidade pequena e de aspecto colonial. Muitos dos nossos costumes eram ainda rudes ou acanhados; mas, a despeito do pessimismo, ou, melhor, da maledicencia brazileira, muito em voga n'aquelles tempos, havia esperanças no futuro. Os talentos ousavam. Iniciava-se um reinado novo.

Era então mui para vêr entre os moços fluminenses do tempo, Bernardino Ribeiro, Dutra e Mello, Firmino e Silva, Justiniano da Rocha, Manoel de Macedo, Norberto e Silva e mesmo Salles Torres-Homem, Domingos de Magalhães e José Maria do Amaral, a pequena figura franzina de Martins Penna, pallido, de olhos prescrutadores e verdoengos.

De todos esses alguns eram um poucochinho mais velhos e outros um poucocinho mais novos do que elle. Todos haviam de fazer carreira larga, tinham de viver e medrar, menos Bernardino e Dutra, e Penna que havia de os seguir pouco mais tarde.